

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Tereza Martins Godinho

O lugar da mulher no quilombo kalunga

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Tereza Martins Godinho

O lugar da mulher no quilombo kalunga

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - ANTROPOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais - Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a. Doutora Josildeth Gomes Consorte.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe Dionísia, a minhas irmãs, Eunece, Joana e Valdelice e meu irmão Aparecido, os sobrinhos, Juliana, Giovanna e Luís Guilherme, que me ensinaram, ao longo da vida, o quanto é importante lutar por um sonho.

A meu querido companheiro Joel, responsável por minhas alegrias, parceiro em todos os momentos inclusive em minhas aflições quando eu achava que não iria conseguir, esteve sempre a meu lado e com quem venho dividindo as alegrias e tristezas que tanto enriquecem minha vida.

A minha filha Ana Júlia, (in memória), que me trouxe muito amor e alegria.

Agradecimentos

A Deus pela presença em todos os momentos de minha vida e pela força que me concedeu para trilhar o caminho de realização deste projeto.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Josildeth Gomes Consorte, pelo apoio, carinho, incentivo e dedicação que recebi durante toda a pesquisa. Meu profundo reconhecimento.

Aos professores da banca examinadora: Prof^a. Dr^a Carla Cristina Garcia e o Prof^o. Dr^o Wilson Caetano de Souza Junior, pelo apoio.

Aos professores e professoras, funcionários da Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, pela confiança e estímulo.

À Fundação Ford e à Fundação Carlos Chagas, que possibilitaram a concretização deste projeto.

Aos funcionários do Programa de Bolsa da Fundação Carlos Chagas: Fúlvia, Maria Luísa, Meire, Márcia e Raquel, que tanto trabalharam para viabilizar as totais condições de meus estudos.

A todos os profissionais do CEDECA SÉ, que acompanharam de perto este trabalho. Em especial, Osvanilton, pelo seu apoio em todos os momentos deste sonho.

Um agradecimento aos amigos e companheiros, de caminhada, Ana Elizadeth, Vilma, Edilene, Eliad, Maria Zenaide, Martha Ivone, Marcus Vinicius, Valderiza, Valdir, Gilvan, Maria das Graças, Dona Emereciana, Sandra, Maria, Marlene, Pedro, Pe. Eduardo, Maria Joaquina, em especial, a Everaldo pelo apoio concedido.

As minhas queridas tias, tios e primos, em especial, Tia Júlia e Tio Guilherme que ajudaram na minha criação e contribuíram para minha formação.

E, por fim, a todas as mulheres do quilombo kalunga, por partilharem seus sonhos, suas alegrias, suas tristezas e seu cotidiano, foram elas que possibilitaram minha inserção no universo da mulher kalunga e descobrir o quão rico, complexo e encantador é esse lugar.

A realização deste sonho somente foi possível com o apoio de familiares, amigos e professores que torceram e vibraram em todos os momentos cruciais desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada no quilombo kalunga, localizado nos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, nordeste do Estado de Goiás. A partir de referenciais da teoria antropológica, buscou descrever este quilombo e sua gente nas suas características identitárias, culturais, sociais, econômicas e históricas. Investigou e analisou sobretudo o lugar da mulher, através de suas práticas culturais e sua rotina, enfocando as relações que estabelecem entre si, com seus parceiros, com seu grupo e com seu passado procurando compreender o sentido do 'ser mulher' nesse contexto. O método utilizado foi o trabalho de campo, precedido de levantamento bibliográfico e associado à pesquisa de documentos.

PALAVRAS-CHAVE: MULHER NEGRA. IDENTIDADE. LUGAR DA MULHER. QUILOMBO KALUNGA.

Abstract

This research was done at, located at the cities of Cavalcante, Teresina and Monte Alegre, northeast of the State of Goiás. As from references of Anthropological Theory, tried to describe this Hiding-place of fugitive Negro Slaves and its people considering their characteristics of identity, of culture, social, economical and historical. Investigated and analyzed above all the role of women, through their cultural attitudes and routine, foccusing the relations they have with themselves, with their partners, with their group and with their past, trying to understand the meaning of " being a woman" in this context. The method used was open country work, preceded of bibliographical survey associated to research of documents.

KEY-WORDS: BLACK WOMEN. IDENTITY. WOMEN'S ROLE. KALUNGA HIDING-PLACE OF FUGITIVE NEGRO SLAVES

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....11

CAPÍTULO 1 - ESCRAVIDÃO E EMERGÊNCIA DOS QUILOMBOS

1.1 - Aspectos da escravidão negra no Brasil.....18

1.2 - A fuga como alternativa de liberdade.....23

1.3 - A capitania de Goiás.....26

1.4 - Aspectos geográficos da região.....30

CAPÍTULO 2 - O COTIDIANO DO QUILOMBO KALUNGA

2.1 - Diferentes significados da palavra Kalunga.....35

2.2 - Formação do quilombo Kalunga.....38

2.3 - Identidade étnica47

CAPÍTULO 3 - UMA ETNOGRAFIA DA MULHER KALUNGA

3.1- Metodologia: escolhas teóricas..... 50

3. 2 - As idas a campo.....	53
3. 3 - As festas.....	64

CAPÍTULO 4 - A MULHER QUILOMBOLA

4.1 - Presença nos quilombos.....	73
4.2 - Histórias de vidas.....	75
A) - Procópia dos Santos Rosa	
B) - Francisca José de Souza	
C) - Santina dos Santos Rosa	
D) - Teodora Fernandes de Castro Moreira	

CAPÍTULO 5 - O LUGAR DA MULHER: VIVÊNCIAS FEMININAS

5.1 - A mulher Kalunga na família e na comunidade.....	83
5.2 - Mulheres Kalunga nas festividades.....	87
5.3 - Crenças, práticas mágicas e religiosas.....	94
5.4 - Gravidez, parto e puerpério da mulher Kalunga.....	100
5. 5 - Os cuidados com a saúde.....	104
5. 6 - O olhar sobre a educação.....	108
5.7 - Olhando para sua história.....	111
5.8 - As mudanças e a crise de gerações	113

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	120
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	124
ANEXOS: FOTOS.....	126

INTRODUÇÃO

Kalunga é hoje o nome dado às comunidades negras, localizadas na Chapada dos Veadeiros que compreende os municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, no nordeste do Estado de Goiás, atual “Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga”. Habitam 237.000 hectares, de vales, rios, serras, riachos e terras férteis às margens direita e esquerda do Rio Paranã (BAIOCCHI, 1999 p. 24).

Este trabalho desenvolveu-se no contexto em que vivem as mulheres Kalunga, no cotidiano de suas comunidades. Especificamente, nas localidades que se encontram nos municípios de Cavalcante e Monte Alegre: Prata, Salina, Bezerra, Vão do Moleque, Riachão, Saco Grande, Malhadinha. O foco de minhas reflexões é o lugar ocupado por elas, sobretudo as mais velhas dentro do espaço físico, social e cultural desse quilombo. Investigo suas características históricas, identitárias e culturais sob a luz de suas vivências cotidianas e dos contextos festivos.

O interesse pela mulher Kalunga foi a grande motivação, para que eu escolhesse este quilombo como campo de estudo para minha dissertação de mestrado que a partir dos anos de 1980 vem despertando interesse de estudiosos, jornalistas e turistas. Tendo sido objeto de vários trabalhos, dentre os quais destaco o pioneirismo da antropóloga Mari de Nasaré Baiocchi, primeira pesquisadora a estudar essa população, criando na região o “Projeto Povo da Terra”.

Diferentes aspectos deste quilombo foram abordados pelos pesquisadores. mas, poucos se voltaram à mulher kalunga. Somado a este fato, minha história de vida começa nessa realidade que hoje faz parte do quilombo kalunga. Impulsionada pelo desejo de retornar e encontrar minhas raízes, sabendo que nasci em um desses locais sempre tive o desejo de estudar a mulher negra, sobretudo, aquela que se encontra em comunidades rurais, consideradas remanescentes de quilombos.

Quando ainda criança minha família transferiu-se para uma cidade vizinha de nome Minaçu, norte de Goiás, onde cresci observando fazeres, ouvindo histórias, lendas, saberes e falares das mulheres, mães de famílias locais e da vizinhança.

Somente no ano de 1985, deixei minha cidade e mudei para uma cidade grande (Goiânia), onde enfrentei outra realidade, participei de grupos de jovens, grupos de mulheres, movimento negro e militância política junto às Comunidades Eclesiais de Bases, onde ampliei os conhecimentos a respeito das discussões sobre as questões étnico-raciais.

No ano de 1988, centenário da abolição da escravidão no Brasil, houve a instalação da Assembléia Constituinte e a organização dos movimentos negros para garantir os direitos dos remanescentes de quilombos. Estes acontecimentos foram fundamentais para meu reconhecimento como parte integrante dessa luta e tomada de consciência de meu compromisso com as questões raciais, culminando com a Campanha da Fraternidade de 1988, que teve por tema: *“Fraternidade e o Negro”*, e cujo lema foi: *“Ouvi o clamor deste povo”*.

Como estudante universitária, fui percebendo e sentindo ainda mais a força e as determinações das questões raciais em todas as relações. Tais realidades vêm se constituindo em motivo de inquietação para mim. Isto provém não só de algumas situações vivenciadas em momentos específicos e, muitas vezes, constrangedoras, mas, sobretudo de um processo mais amplo que envolve toda a minha trajetória de vida. Assim, penso hoje, mais do que antes, que minhas origens e a emergência de minha etnicidade também têm a ver com a escolha do tema deste estudo.

Ingressei no mestrado com a proposta de pesquisar “A representação social da liderança da mulher negra em quilombos de Goiás”. Logo no início do curso, em conversas com minha orientadora e depois da primeira ida a campo, foi se mostrando inviável levar essa idéia adiante. Primeiro, porque o significado da palavra liderança parecia não se aplicar ao contexto que queríamos estudar. Segundo, porque ao mudar o foco da pesquisa, ficava mais livre para escolher o lugar onde faria minha investigação. Redirecionei então meu interesse e optei por estudar *O lugar da mulher no quilombo kalunga*.

Em geral, quando se trata de estudos com o foco centralizado na mulher, costuma-se evidenciar em primeiro plano a problemática das relações de gênero, sobretudo, as desigualdades estabelecidas nas relações entre homens e mulheres. Sem

perder de vista esta perspectiva, meu foco será outro, pois pretendo compreender o lugar que a mulher kalunga ocupa em sua comunidade, assim, um grande leque das práticas culturais sustentadas por essas comunidades podem ser ressaltadas como: as festas, os cantos, a dança da sussa, as rezas, os benzimentos, os conhecimentos passados de geração em geração, o seu cotidiano, suas vivências e, sobretudo a função que a mulher exerce nesse contexto.

Tenho consciência da complexidade da questão e foram inúmeras as questões que surgiram e nortearam este estudo: Afinal o que é lugar? Como viabilizar uma discussão sobre a mulher negra diante da diversidade de significados que essa expressão evoca no contexto da sociedade brasileira? Quais dimensões estariam embutidas na categoria mulher na realidade do quilombo kalunga nos dias atuais? Que subsídios a interpretação da experiência de vida das mulheres Kalunga oferecem à construção de uma outra perspectiva em relação à vida?

Para entender o universo dessas mulheres, foi necessário ir além das aparências e analisar uma série de elementos nem sempre visíveis, subjacentes a seu cotidiano, sejam eles no modo de vestir, na linguagem, na história e no relacionamento da comunidade com o mundo externo.

Assim, as práticas culturais sustentadas por esse quilombo colocam em evidência sonhos, desejos, relações de poder, relações entre homens e mulheres, relações de mulheres com mulheres e ajudam a dar visibilidade à vida sociocultural, que ali se desenrola, ou seja, aspectos que identificam o grupo como organização social quilombola, que de acordo com a definição dada pela ABA¹ é:

Toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado. (SILVA, M, 2003 p. 34).

O universo das questões que permeiam o contexto da experiência dessas mulheres não se encerra aqui, mas foi a partir dele que foi possível definir os seguintes objetivos da pesquisa:

¹ Associação Brasileira de Antropologia.

- Descrever as características identitárias, socioculturais e históricas do quilombo kalunga, bem como suas práticas culturais.
- Conhecer a experiência de vida do dia-a-dia das mulheres do quilombo kalunga.
- Refletir sobre seu cotidiano e as relações que estabelecem entre si, com seus parentes, seu grupo e seu passado, procurando compreender o significado cultural da experiência dessas mulheres no processo social.

Para tanto, sentir a necessidade de voltar à história da formação do quilombo kalunga, olhar o curso que seguiu. Um passeio pela história ao ajudar a compreender sua origem pode trazer à tona elementos capazes de contribuir para uma melhor percepção da realidade da mulher kalunga, em especial, no que se refere ao encontro de duas realidades que observei, bastante visíveis no relacionamento das mulheres mais velhas com as jovens.

Desse modo, na construção deste trabalho a inclusão das falas das mulheres e em alguns momentos, os diálogos são colocados tal qual foram ouvidos e registrados com minha fala. Optei por designá-las pelo termo de colaboradoras, por sentir que este ao retirar o caráter informal da relação nos coloca de forma mais “*dialógica*” com as mesmas, rompendo um pouco a relação hierarquizada. Embora eu seja mulher, negra, originária do próprio quilombo kalunga, ainda persiste uma hierarquia, pois se trata de uma relação, em que de um lado está uma mulher pesquisadora e do outro, mulheres sendo pesquisadas com pouca ou nenhuma formação escolar. O posicionar-me *lado a lado* com elas busca estabelecer uma relação “*sujeito sujeito*”.

O fato das colaboradoras serem em sua maioria, mulheres, contando sua história a outra mulher, favoreceu um clima de confiança, e elas se apropriaram desse espaço, tornando as conversas longas e, muitas vezes, como uma forma de desabafo. Mesmo sendo a mulher kalunga o foco desta pesquisa, alguns homens foram entrevistados e suas informações ajudaram na construção deste trabalho, sobretudo no que diz respeito às crenças.

O método utilizado foi o trabalho de campo precedido de levantamento bibliográfico e associado à pesquisa documental, incluindo, entrevistas selecionadas com perguntas abertas e direcionadas. Realizei três viagens a campo, em julho e setembro de 2006 e junho de 2007, bem como encontros, anteriores e posteriores, com mulheres Kalungas em outras ocasiões.

No mês de julho, quando realizei minha primeira ida a campo, fiquei quinze dias que foram primordiais para a construção de meu trabalho. Cheguei em plena festa da Salina, onde estavam reunidas pessoas de vários locais do quilombo Kalunga. Fiquei ali até o seu final e depois fui à casa de Dona Lilí, na Prata um dos locais do quilombo em estudo. Conheci de perto a dinâmica das mulheres, participei de suas vidas e realizei algumas entrevistas. Algumas moradoras, como: dona Santina, Dona Dominga, dona Francisca, dona Dezuita, dona Lilí, dona Ezita, dona Beatriz, dona Eunice, dona Detina e dona Clarinda foram de fundamental importância ao encaminhamento deste estudo e de minha inserção em campo desde o primeiro momento.

Em setembro de 2006, a partir de conversa com minha orientadora, foi possível retornar a campo por ocasião da festa de Nossa Senhora do Livramento, o maior festejo do quilombo Kalunga. Desta vez, permaneci por cinco dias na festa, conhecendo um pouco mais a dinâmica dos moradores, encontrando algumas mulheres que já conhecera na Salina além de outras.

Após minha qualificação, no mês de abril de 2007, foi necessário novo retorno a campo, o que aconteceu em junho do mesmo ano, quando se realiza a festa de Santo Antônio, tendo participado da saída da folia. Nesta oportunidade, foi possível conhecer outros locais, como: Riachão, Malhadinha, Engenho II, Diadema, Saco Grande, onde realizei mais entrevistas e coletei depoimentos de histórias de vidas. Desta vez, permaneci em campo por seis dias.

Com sua maneira simples, mansa, às vezes até desconfiada e acompanhada de um vocabulário com palavras que, às vezes, a gente não entende, os moradores Kalunga têm a hospitalidade como uma grande marca. Acredito que o fato de ter nascido na região facilitou meu acesso às pessoas. Assim, quando me apresentava, os mais velhos lembravam e contavam algumas histórias de meus avós. Isso fez com que

eles tivessem uma referência a meu respeito e ajudou com minha estada em campo. Por outro lado, o que se apresentou como facilidade tornou-se uma dificuldade em relação ao distanciamento necessário do pesquisador com relação a seu objeto. Em vários momentos, as histórias a respeito de membros de minha família faziam com que eu me envolvesse emotivamente na narração, desviando-me, daquilo que era o verdadeiro objeto da conversa. Precisei manter uma certa disciplina para seguir adiante.

Glacy Elen e Santino foram meus guias em campo, pois a área do quilombo Kalunga é extensa e as moradias são organizadas como sítios ou chácaras umas longe das outras. Ao todo, foram 26 dias em campo, fora outros encontros em que estive com mulheres Kalunga.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos:

No Capítulo 1, apresento uma breve contextualização da escravidão no Brasil, ressaltando os aspectos que contribuíram para a formação dos quilombos. A fuga como uma das alternativas de liberdade, aspectos da formação da Capitânia de Goiás, a corrida do ouro e os aspectos geográficos da região.

No Capítulo 2, discorro sobre os diferentes significados do termo kalunga a origem e formação do quilombo Kalunga, bem como sua identidade étnica.

No Capítulo 3, defino meu objeto e o instrumental teórico usado em sua abordagem; problematizo a posição do pesquisador frente a seu objeto de estudo no trabalho de campo e suas escolhas metodológicas. Faço a descrição etnográfica e discorro sobre as festas que presenciei nas localidades da Salina, Vão do Muleque e Malhadinha, as folias de São Sebastião e de Santo Antônio, o império, os cantos das folias.

No Capítulo 4, abordo, pelo viés da História Oral, algumas histórias de vida de mulheres quilombolas do passado e trago as histórias de vida de mulheres do quilombo kalunga.

No Capítulo 5, dedico-me à descrição e análise dos vários aspectos da vivência feminina, seus espaços e suas funções. Mostro como estas funções são realizadas,

pensadas, discutidas e vividas por minhas colaboradoras, levando em consideração seus próprios olhares a respeito de certos aspectos presentes na dinâmica do quilombo.

Após as considerações finais, acrescentei um anexo contendo algumas fotos obtidas em campo com o objetivo de oferecer informações e significados não verbalizados. Elas foram reunidas de acordo com sua relevância na realização deste trabalho.

1 ESCRAVIDÃO E EMERGÊNCIA DOS QUILOMBOS

1.1 – Aspectos da escravidão negra no Brasil

No início da colonização, os portugueses utilizaram intensamente como mão-de-obra escrava a população indígena que aqui encontraram. Com o tempo, em razão de perseguição e maus tratos além das constantes epidemias trazidas pelos europeus, a população indígena foi se extinguindo. Assim, os que sobraram, não eram suficientes para o trabalho. Os colonizadores passaram a introduzir em escala cada vez maior a mão-de-obra escrava negra, trazida das mais variadas regiões da África, considerada a mais adaptável a essa realidade. Assim, desde meados do século XVI, os portugueses começaram a empregar o braço do negro escravizado na colonização, (SILVA,1998)

Conforme Ramos (1956): não se sabe exatamente qual o ano em que foram introduzidos no Brasil os primeiros escravos. Segundo ele, conforme opinião de vários historiadores julga-se que a caravela encontrada por Martins Afonso de Souza, na Bahia, em 1531, já era empregada no serviço de transporte de escravo. No entanto, em 1538, veio da Guiné a primeira remessa direta de negros escravos no navio pertencente a Jorge Lopes Bixorda, arrendatário da colônia. A respeito do assunto, Fausto relata que:

Além da grande necessidade de mão-de-obra que exigia o cultivo da cana-de-açúcar, única cultura rentável existente no Brasil da época, o tráfico de escravos dava um grande lucro a Portugal, que os aprisionava nas costas da África, depois de conquistá-los com o tabaco, e os vendia aos senhores de engenho no Brasil. (FAUSTO, 1996, p. 23)

Mattoso (1990) chama a atenção para o fato de que o africano ao se tornar mercadoria, não vinha de um continente desorganizado, sem cultura, sem tradições, sem passado. Apesar do que diziam e pensavam os colonizadores europeus, na África havia verdadeiros impérios centralizados, com brilho e autoridades incontestáveis, confederações tribais e reinos.

No começo do século XVI, os europeus entraram em contato com duas áreas africanas de civilizações bem distintas: a dos Sudaneses, na parte noroeste da costa, e a dos Bantus, mais ao sul, estendendo-se até os limites da África Oriental. Em cada uma delas, viviam grupos étnicos de grande diversidade, cujos caracteres físicos variavam, tanto quanto o idioma, as religiões e a cultura, em geral.

Civilizações possuidoras de técnicas avançadas já haviam se desenvolvido em numerosas regiões. Conheciam a agricultura extensiva, o artesanato de ferro, ouro, bronze, e cobre, com seus ferreiros, misto de feiticeiros e médicos, que alimentavam o consumo local e, também os mercados mais distantes por meio de um comércio no qual o cauri, molusco do Oceano Índico, servia de moeda, embora a prática predominante fosse o escambo.

A escravidão já existia nas sociedades africanas muito hierarquizadas, sendo freqüente no Benin e nas regiões sudano-saelianas, mas não era da mesma natureza da escravidão introduzida pelo europeu. O cativo integrava-se à família e não podia ser vendido, por não ser visto como mercadoria. No Daomé, os filhos de escravos nasciam livres e faziam parte da família do senhor.

O tráfico escravista trouxe para a América negros de diferentes etnias, vindos de vários lugares da África, especialmente, Guiné, Costa do Marfim, Mali, Congo, Angola, Mocambique e Benin. Eram aprisionados em seu continente e vendidos em troca de especiarias, tais como: fumo, armas, pólvora e tecidos que os negociantes levavam. Esses negros eram transportados em navios imundos e infestados por doenças em precárias condições de higiene, repouso e alimentação, o que fazia com que muitos morressem, antes de chegar ao destino de sua viagem, sendo o tráfico, dominado por portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses. (MATTOSO,1990)

Ao chegarem ao Brasil, os negros escravizados eram tratados como simples mercadorias, avaliados e vendidos de forma alheia à sua participação, um comércio lucrativo aos traficantes e vantajoso aos que os compravam. Eram separados de seus familiares, de seus costumes, de seu idioma, Assim, ao perder a liberdade, o africano via-se destituído do que é mais importante na vida de uma pessoa: sua identidade, uma

condição que não lhe toma somente o que possuía antes, mas rouba-lhe, também, o ser que ele era em sua sociedade africana de origem e transforma-o em um cativo totalmente desarmado.

[...] Nessa perspectiva, é difícil admitir que o cativo tornado escravo possa adquirir uma personalidade, mesmo se está inserido na sociedade e ocupa nela, aparentemente, seu lugar na esfera dessas relações de dominação senhor-escravo. (MATTOSO,1990, p.101-102)

Nas fazendas, a divisão de trabalho era feita por sexo e idade. Os negros tinham uma jornada diária de trabalho muito longa, árdua e forçada, chegando de 15 a 17 horas, acrescida de castigos e más condições de vida e trabalho. Sua média de vida era de sete anos.

Conforme a fonte consultada, a Igreja Católica não apenas legitimou a escravidão, como contribuiu para a adaptação do escravo a seu novo meio, obrigando-o a converter-se à fé de seus senhores. Por meio da língua portuguesa e da reza, a Igreja ensinou o negro escravizado a ter paciência, humildade, resignação e submissão.

Ao serem transportados, todos os escravos eram batizados, não sendo permitido o embarque de cativos não batizados, por isso, eram organizados batismos em grupo. A cerimônia reduzia-se ao padre que conferia um nome cristão a esses cativos, pondo um pouco de sal em sua língua. Ao chegar aos portos de desembarque no Brasil ou nas fazendas, esses ritos de batismo eram com frequência renovados, pois acreditavam que os capitães apressados poderiam embarcar cativos não batizados. Ainda existiam capelães nos navios para durante a viagem catequizar os cativos

Os vários idiomas africanos constituíam uma barreira difícil de transpor para a união dos escravos. A falta de comunicação entre eles contribuía para a subordinação, a “adaptação” à nova vida, dificultando, assim, que se rebelassem contra o domínio do colonizador (MATTOSO, 1990)

Mott (1988) afirma que, na condição de escravizados, todos eram reduzidos a coisas, privados de seus direitos, mas o fato de pertencerem ao sexo masculino e

feminino acarretou algumas diferenças com determinadas particularidades, que se refletiam nas condições de trabalho, nas relações sociais, familiares, na legislação e mesmo nas formas de rebeldia e luta contra a escravidão.

Conforme relata a autora, a primeira diferença estabelecida entre homens e mulheres escravizadas foi a numérica. O tipo de exploração colonial, baseada na grande propriedade agrícola e na extração de ouro e pedras preciosas, requeria um tipo de mão de obra particular: o escravizado do sexo masculino em idade de preferência entre 15 e 20 anos.

Existia, também, a crença de que o trabalho da mulher era menos produtivo, pois eram consideradas mais frágeis e envelheciam mais depressa. Por outro lado, havia uma menor oferta de africanas escravizadas para venda. Elas eram retidas na África porque, em algumas sociedades, tinham posição de destaque, quanto à descendência e eram responsáveis pela maior parte do trabalho agrícola.

A proporção entre homens e mulheres escravizados no Brasil variou, segundo o período e região. Em determinadas propriedades rurais, o número de mulheres era calculado, apenas, a partir das necessidades domésticas daquele núcleo, e a diferença podia chegar a dez homens para uma mulher.

Poucos foram os trabalhos que a mulher escravizada não realizou no Brasil. Aqui chegando, foram empregadas no cultivo da terra. Usavam foice e enxada, como os homens, mas, os desmatamentos, onde se empregava machado, eram feitos por homens, assim como o corte de cana, quando, então, as mulheres faziam os feixes. Nos engenhos, elas colocavam a cana de açúcar para moer e tiravam os bagaços. Ainda, segundo a autora, esta divisão sexual do trabalho ocorria apenas nas grandes propriedades onde os senhores tinham capital suficiente para adquirir a mão-de-obra necessária.

Os considerados “pequenos proprietários” utilizavam suas escravas em todas as tarefas, mesmo nas mais pesadas, como no desmatamento e corte de lenha. Elas eram empregadas na manufatura do açúcar, no descaroçamento do algodão, no beneficiamento da mandioca, na limpeza da roça de milho, na colheita de produtos

silvestres e na ordenha. Ficando para as consideradas mais velhas o cuidado do galinheiro e escolher o café.

Muitas vezes, a jornada de trabalho da escrava acabava sendo mais longa do que as 12 ou 15 horas estipuladas pelo senhor. Nas áreas de mineração, apesar da proibição inicial de sua entrada nas minas, foi primeiro como escrava doméstica e acabou trabalhando nos garimpos, carregando gamelas de cascalho e batendo ouro (MOTT, 1988)

De acordo com uma obra do MEC; SEF (2001), os escravos trabalhavam nas minas dia e noite, cavando as beiras dos rios e ribeirões, com os pés e as pernas dentro d'água, tirando o cascalho misturado com preciosas pepitas de ouro que precisavam separar. Outros viviam a maior parte do tempo na escuridão, trabalhando nas minas que precisavam cavar cada vez mais fundo para tirar o ouro da terra.

Na casa grande, as escravas domésticas realizavam serviços da cozinha, limpeza da casa, ama de leite², babá, dama de companhia para as senhoras. Além de realizar todo tipo de trabalho ainda eram obrigadas a servir sexualmente aos filhos do senhor, iniciando-os na atividade sexual. Estas e outras situações representam alguns dos aspectos da influência da mulher negra na sociedade escravista,

Da escrava que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem (FREYRE, 2006, p. 367)

Desta forma, o negro escravizado era *“as mãos e os pés do senhor”*, como dizia Antonil, pois ficava sujeito à vontade de seu senhor, a seu arbítrio. Os castigos eram muitos, como o tronco, o açoite e, às vezes, até mutilação e morte. Para que seus escravos não fugissem, muitos senhores faziam marcas em seus corpos com ferro em brasa.

² É a mulher que amamenta a criança alheia. Encargo dado às escravas domésticas que já tinham filhos. (FREYRE, 2006)

Segundo Reis e Botelho (1998, p. 32): *“além de influenciar na formação étnica do povo brasileiro, o negro escravizado fez trabalhos de todos os tipos no Brasil”*, ou seja, conhecia a mineração, o que o tornou indispensável nas minas onde tinha preço elevado, sendo nos engenhos que os escravos prestaram os maiores serviços: trabalhavam nos canaviais, na fabricação do açúcar e nas matas, onde cortavam lenha para o funcionamento das caldeiras. ,

1. 2 - A fuga como alternativa de liberdade

Ao contrário da crença dos portugueses de que o negro era diferente do indígena, por ser dócil passível à escravidão, o africano nunca aceitou esta situação. A escravidão era uma realidade com a qual ele tinha de lidar, cabendo-lhe encontrar saída, inventar soluções para livrar-se desse sofrimento. Com isso, vários tipos de revolta acabaram acontecendo no cativeiro. Uma delas foi a resistência ao trabalho, quando o escravo deliberadamente diminuía sua capacidade e qualidade de produção, às vezes, destruindo os instrumentos que usava para trabalhar (CARRIL, 1997)

A resistência africana foi expressa no suicídio, no aborto, na violência usada contra seus senhores, na sabotagem das plantações, nas guerrilhas, nas insurreições urbanas, nas constantes fugas para locais de difícil acesso, onde organizavam os mocambos ou quilombos. (AMADO, 2004, p. 64)

A fuga tornava-se uma alternativa viável, uma das formas de conseguir a liberdade real e, *“uma forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas.* (SILVA, 2003, p. 35)

O preço da luta considerada pelos poderosos da época como rebeldia dos escravizados, foi a dizimação quase completa de todos os locais encontrados, por meio de medidas de reprimenda adotadas pela Coroa Portuguesa para prevenir rebeliões. Estas medidas eram orientadas pela compreensão do que eram tais ajuntamentos,

Quilombo era, aliás, segundo definição do rei de Portugal, em resposta à consulta do Conselho ultramarinho, datada de 2 de dezembro de 1740, ‘ toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoadas, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles’ fato que revela a grande preocupação com os escravos formadores de quilombos, justificando portanto sua destruição pela polícia.

(SILVA, 2003, p. 33)

Os quilombos passam a oferecer perigo para os senhores. A afirmação acima, permite suspeitar que o Brasil virara uma terra cheia de quilombos de diversos tamanhos. “*os quilombos passam a ser um espaço de resistência e sobrevivência para os escravizados bem como aos demais oprimidos da sociedade*”. (MOURA, 1981, p.16 – 18)

A palavra “quilombo” é originária da cultura bantu, de língua umbundu/quibundo (MUNANGA, 1995; SILVA, 1998). O antropólogo Kabengele Munanga em seu artigo *Origem e histórico do quilombo na África* descreve que, nos séculos XVI e XVII, diferentes grupos de origem bantu (entre eles lunda, jaga e suku) uniram-se ao príncipe Kimbinda Ilunga quando este perdeu a sucessão do trono para seu irmão. Esta associação, em primeiro lugar denominou-se *imbangala* e, mais tarde, *kilombo*, formando uma sociedade guerreira com uma forte estrutura militar.

Há várias definições de quilombo, entre elas, a seguinte: “*sítios historicamente ocupados por negros e que tenham resíduos arqueológicos de sua presença, inclusive as áreas ocupadas ainda hoje por seus descendentes com conteúdos etnográficos e culturais*”, Silva, (1998) refere que tem como significado “*lugar cercado e fortificado, arraial ou acampamento*” ou “*campo de iniciação*”.

Os quilombos eram “sinônimos de um lugar seguro” onde o medo parecia acabar; possibilitando a reconstrução da identidade perdida; da descoberta de novas formas de vivenciar uma identidade cultural. O mais importante desses quilombos foi o de Palmares no século 17, no atual Estado de Alagoas, então, Capitânia de Pernambuco. Moura ressalta que:

Durante a invasão holandesa, em 1630, aproveitando a confusão provocada pela guerra de expulsão do invasor, os negros fugiram dos engenhos e foram para Palmares, agrupamento formado alguns anos antes. (Moura 1981, P.23)

No quilombo, os negros plantavam milho, feijão e mandioca e andavam em paz com a vizinhança, com quem trocavam seus produtos por ferramentas e roupas. Formaram um governo próprio, presidido pelo rei Zumbi, que tomava as decisões mais importantes assessorado por chefes militares.

O quilombo de Palmares resistiu bravamente às investidas dos holandeses e portugueses por mais de 50 anos, até que, em 1694, o governador de Pernambuco, João da Cunha Souto Maior, confiou a luta contra os negros a Domingos Jorge Velho, bandeirante paulista, acostumado a aprisionar índios e a capturar negros foragidos. Depois de vinte e dois dias de cerco, em uma verdadeira carnificina, quando morreram mulheres, homens e crianças, o quilombo de Palmares deixou de existir. Seus moradores lutaram bravamente até morrer.

Palmares representou e representa uma luta heróica, por ter conseguido resistir aos brancos durante cem anos. Outros quilombos existiram, espalhados por todas as partes do País, ocupando sertões, serras, florestas, fazendas e mesmos arredores de grandes cidades. Moura relata que:

As sangrentas guerras contra os 'quilombos', que se prolongaram por todo o século XVII, puseram em relevo, de modo dramático, o grave problema social do negro escravo e serviram como a principal motivação para deflagrar em todo o país o movimento abolicionista. (MOURA, 1981, p. 51)

O período entre a proibição do tráfico e a abolição, mediado pelas diferentes leis que, formalmente, aos poucos iam reduzindo os quantitativos de escravizados no Brasil, foi cravejado de resistência e luta. Ao mesmo tempo, em que fixaram, para sempre, marcas africanas: na educação, na comida, na religião, na dança, na arte, na língua, dentre tantas, na formação étnico-racial do povo brasileiro.

O número total de quilombos formado ao longo de mais de 300 anos de escravidão ainda é desconhecido. Aumentam a cada dia as cifras reveladas pelos

pesquisadores que depois da Constituição de 1988 vêm se dedicando ao assunto. Espalhado por todo país, de grandezas diferentes, muitos diversos também tem se revelado suas origens e características. Não são raros aqueles que ao longo da nossa história registraram a importância da presença de suas mulheres como o quilombo de Palmares no Estado de Alagoas, com a presença de Aquilino; o quilombo do Quariterê em Mato Grosso com Tereza liderando-o por duas décadas; o quilombo do Urubu na Bahia, chefiado por Zeferina; o quilombo do Ambrosio em Minas Gerais com a presença de muitas mulheres em cargos importantes. A respeito disso declara Mott: *Algumas mulheres seguiam de livre e espontânea vontade, outras chegaram mesmo a chefiar quilombos.* (Mott, 1988, p. 42)

1. 3 - A Capitânia de Goiás

Segundo Rocha (1998) a descoberta do ouro foi responsável pela ocupação do interior do Brasil – Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e parte da Bahia – por uma população que chegou a atingir no século XIX, aproximadamente, seiscentas mil pessoas.

A mineração, no século XVIII, atraiu colonos brancos e escravos; esse afluxo, porém, foi de curta duração e no final do século entrou em crise. A corrente migratória originou-se em São Paulo, província responsável pelas primeiras levas; da Bahia que foi o segundo centro de irradiação; e do Rio de Janeiro, que, num terceiro momento, estabelece comunicação com a região das minas.

Como consequência dessa atividade econômica, entre 1727 e 1732, vários povoados surgiram no sul de Goiás: Anta, Ferreiro, Ouro Fino, Barra, Água Quente, Santa Cruz e Mia Ponte. Entre 1730 e 1740, as povoações estendem-se pela região setentrional: Traíras, São José do Alto Tocantins (atual Niquelândia), Cachoeira, Crixás, Natividade, São Félix, Pontal, Arraias, Cavalcante, Papuan (Pilar), Santa Luzia (Luziânia), Carmo e Cocal. Entretanto, pelo modo como se dava a produção do ouro, a

mineração não logrou criar formas permanentes de atividade econômica, verificando-se um rápido declínio que se estende até o século XIX.

Em Goiás, a pecuária concentrava-se principalmente em duas regiões: na região da Serra Geral do nordeste goiano, incluindo Arraias e Flores, com 230 fazendas; e, mais para o interior, na região das chapadas do Tocantins, que compreende a área entre Traíras e Natividade, com 250 fazendas de criação. (ROCHA, 1998, p. 21, 22)

Para Baiocchi (1983), em pleno século XVIII assistimos ao povoamento e à colonização do Estado de Goiás, violento e audaz, onde a “sede do ouro” movia a todos. A migração inicia-se desordenada, provocada pela descoberta do ouro no centro do continente. Goiás nasce e cresce sob o símbolo do ouro e da garimpagem, sendo o elemento negro o “motor propulsor” da estrutura montada.

O negro aqui chegou como escravo, braço para o trabalho nas minas que se formavam. “O escravo faisgador, às margens dos rios Vermelho e das Almas, extraía, de sol a sol, o ouro misturado aos seixos de areia. Com bateia de madeira, movimentava a mistura heterogênea de rochas, fazendo acumular os grãos de ouro no fundo, sendo as impurezas extras lavadas pela água, que afluía, aos poucos, na superfície da vasilha. Trabalhava, inclinado e seminu, os pés n’água, o corpo exposto ao calor do sol.”

O negro chega ao Sul da Capitânia, descola-se para o Norte, Meia-Norte, Nordeste, mais tarde Sudoeste. Encontramo-lo, no século XVIII, essencialmente como minerador, e, no século XIX, na lavoura e pecuária. Ele foi o elemento principal que possibilitou a colonização do vasto território goiano; com seu trabalho nas minas, abarrotava os cofres da Coroa, permitia abastança dos senhores e deitava na terra as sementes da subsistência do homem, implantando a lavoura de subsistência, que, mais tarde, florescia.

Ainda segundo a autora, o negro desde as primeiras entradas por estas terras definitivamente marca sua evolução econômica, sua vida social e sua história.

O negro em Goiás foi um elemento civilizador, excelente desbravador, desmontou cascalhos, revirou grupiarias, descolou rochedos, fez obras de

engenharia com aterros e cortes por dezenas de quilômetros, como os regos de Luziânia, Sta. Cruz, Goiás e Jaraguá. (BAIOCCHI, apud ,ARTIAGA, 1983, p.19)

A partir de 1870 com o “declínio” da mineração, levas de negros daqui saíram com seus senhores, porém outros começaram a chegar. Mais tarde, a busca de terras de cultura trouxe para Goiás baianos, mineiros, etc., que chegavam requerendo sesmarias, principalmente nas regiões do Sudeste e Sudoeste da capital. Nasceram novos arraiais, seguindo um ciclo evolutivo mais fixo à terra, com tendência a perdurar, o que em muitas vezes não aconteceu no surto da mineração. (BAIOCCHI, 1983)

Para Karasch (1998), o excesso e as condições insalubres de trabalho, a brutalidade, e os maus-tratos levavam os africanos à revolta, à fuga³ e, se bem-sucedidos, a formar os quilombos. A então Capitânia de Goiás, atuais estados de Goiás e Tocantins, era um local ideal para a formação dos quilombos, por ser afastada dos centros administrativos portugueses do litoral, por estar distante das forças coloniais militares, responsáveis pela destruição de quilombos e pela inacessibilidade de seus esconderijos naturais.

As chapadas⁴ ofereciam possibilidades de refúgio sem limites. Embora o cerrado⁵, vegetação que cobria as chapadas tornasse a fuga mais difícil, os negros sempre poderiam escapar à perseguição dos capitães-do-mato, caso alcançassem as matas, galerias e bosques de buritis⁶ que margeavam os pequenos córregos. Em outras áreas, existiam ainda matas extensas, especialmente, ao norte, entre os rios Araguaia e Tocantins.

O escravo enfrentou florestas densas, montanhas inexploradas, cerrados espinhosos, manguezais infestados por mosquitos, inúmeros rios para ganhar distância de seus senhores. Karasch aponta que:

³ Karasch (1998, p.224) afirma que a fuga de homens era mais viável, uma vez que trabalhavam nas mineradoras, onde não havia número significativo de feitores armados. Já as mulheres eram vigiadas de perto. Nas grandes propriedades, viviam com os senhores como concubinas, domésticas ou ainda como cultivadoras de alimentos. Assim, suas funções distintas dificultavam a fuga.

⁴ Ferreira (2004, p. 450), chapada é a explanada no alto de um monte, de uma serra, qualquer planície de vegetação rasa, sem arvoredo.

⁵ Segundo Ferreira (2004, p. 443), cerrado, todo tipo de vegetação caracterizada por árvores baixas, retorcidas, em geral, dotadas de casca grossa e suberosa, espaçadas, e que leva por baixo tapete de gramíneas; terreno plano.

⁶ Buriti é um tipo de árvore com um tronco muito leve, parecendo material da rolha de garrafa. Da casca dele, são feitas peneiras e cestas.

Os quilombolas então contribuíram para a descoberta e exploração da riqueza mineral da capitania de Goiás [...] Acreditamos que vieram a desempenhar um importante papel na formação de comunidades camponesas livres nos atuais estados de Goiás e Tocantins. (KARASCH, 1998, p. 241)

Embora possamos saber as razões para a formação de quilombos em Goiás, seu número exato é desconhecido. A afirmação mais comum nas fontes do século XVIII é que eram “numerosos”. Uma razão para esse grande número é que a maioria não passava de pequenos grupos de escravos fugidos das lavras. Raramente, formavam núcleos maiores onde pudessem viver como agricultores.

Suas casas eram temporárias, semelhantes às dos índios da região. Não permaneciam em um lugar fixo, porque podiam ser descobertos. Ao descobrirem ouro, negociavam o retorno para seus proprietários e compravam deles a alforria. Assim, os quilombos de Goiás, geralmente, eram grupos transitórios.

No entanto, o fenômeno do quilombo foi importante para o desenvolvimento de comunidades negras autônomas em Goiás. O censo de 1779 esclarece que os “pretos” constituíam entre 45% e 80% da população. Nas cidades mineradoras, tais como Crixás, Pilar, Arraias, 70% ou mais da população eram definidas, como constituída por “pretos”. (KARASH, 1998 p.241-242)

Os dados da Tabela 1 apresentam a população da Capitânia de Goiás em 1779.

Julgados	Total	Brancos	Pardos	Pretos	% Pretos
Vila Boa	6954	1460	1003	4491	64,6
Anta	2668	602	689	1377	51,6
Meia Ponte	7885	1809	1581	4495	57,0
Santa Luzia	3384	490	717	2177	64,3%
Santa Cruz	1534	562	268	704	45,9
Crixá	2814	219	348	2247	79,9
Pilar	5156	576	930	3650	70,8
Trahiras	5253	679	1398	3176	60,5

Tabela 1

(continuação)

Tocantins	4303	276	985	3042	70,7
São Felix	3750	387	682	2681	71,5
Cavalcante	1284	142	168	974	75,9
Natividade	3191	555	656	1980	62,1
Carmo	1171	84	202	885	75,6
Arrayas	1082	156	164	762	70,4
Barra da Palma	1486	530	240	716	48,2
São Domingos	618	118	219	281	45,5
Pontal	890	87	150	653	73,4
PR de Cima	1066	198	283	585	54,9

Fonte: IHGB, Arq. 1.2.7. Estatística, "Ofício de Luiz da Cunha Menezes a Martinho de Mello e Castro, remetendo o mapa da população da capitania de Goiás, com distinção de classes". Vila Boa, 8 de julho de 1780.f. 246.

1. 4 - Aspectos geográficos da região

Os platôs e vales serranos às margens do Rio Paranã, afluente do Tocantins que com o Rio Araguaia, aumentam o volumoso Amazonas, abrigam a partir do século XVIII africanos e seus descendentes. Esta região Chapada dos Veadeiros, hoje, "Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga", localiza-se a 600 km da capital do Estado de Goiás, Goiânia, e a 300 km de Brasília-DF. O acesso faz-se por rodovia, via fluvial (Rios, Paranã e Almas), estrada a cavaleira ou aeronaves, helicóptero. (BAIOCCHI, 1999, p.19)

Ainda de acordo com a autora, a área dos kalunga abriga cinco núcleos principais: Contenda; Kalunga; Vão de Alma; Vão do Muleque; Ribeirão dos Negros (nome antigo) ou Ribeirão dos Bois (recente). Esses cinco núcleos que formam o território do Kalungas subdividem-se em dezenas de 'agrupamentos' com denominações locais: Riachão, Sucuri, Tinguizal, Saco Grande, Volta do Canto, Olho D'Água, Ema, Taboca, Córregos Fundo, Terra Vermelho, Lagoa, Porcos, Brejão, Fazendinha, Vargem Grande, Engenho, Funil, Capela, Congonhas, Buriti Comprido, Altamira, Prata, entre

outros. Os núcleos localizam-se em uma região acidentada, representada, pelas serras do Mendes, Mocambo e Morro da Mangabeira. Às margens do rio Paranã, está a serra da Boa Vista, Contenda, Bom Jardim, Bom Despacho, São Pedro, Muleque.

Os solos são variáveis, aptos para a agricultura principalmente às margens do Rio Paraná, seus afluentes e vãos de serras. De acordo com Baiocchi (1999), a área de agricultura corresponde a 30% dos 237.000 hectares. As pastagens naturais propiciam o criatório de gado e cavalos. Sua economia de forma a não devastar o solo, possibilita a manutenção de um verdadeiro 'santuário ecológico' onde a natureza se reproduz e perpetua a vida. (BAIOCCHI,1999, p. 21) A rede hidrográfica pertence ao Rio Tocantins tem como principais representantes o rio Paraná e seus afluentes como: Rio do Prata, Rio Bezerra, Rio das Almas e Ribeirão dos Bois, que se destacam dos demais pela extensão e volume de água.

O Rio Paranã, os morros as serras e as lagoas interiores compõem o conjunto mantenedor da vida e da reprodução histórico-social do Kalunga. A fauna aquática do Rio Paranã, em geral, pertence ao grupo faunístico Araguaia-Tocantins. Os mamíferos e répteis são parte integrante da fauna amazônica. As lagoas são consideradas criadouros naturais de jacarés. A vegetação da área apresenta predominância de cerrado com incidência de matas ciliares ou galeria; região de difícil acesso, cercada de serras, transforma o território dos Kalungas em uma reserva biológica.

Enfim os negros desta região habitam os vales, rios e montanhas situados às margens direita e esquerda do Rio Paranã, formando, hoje, a partir do reconhecimento como remanescentes de quilombo o chamado Povo Kalunga. (BAIOCCHI,1999, p. 19-24).

De acordo (MEC; SEF, 2001), com o tempo, os moradores acostumaram-se e ambientaram-se à região, vencendo as dificuldades do caminho e as condições precárias que o ambiente oferecia. Descobriram que poderiam utilizar os recursos ali disponíveis para reconstrução de suas vidas.

Mapa do Estado de Goiás



Fonte: <http://www.transportes.gov.br/bit/estados/port/go.htm>

Ainda segundo esta fonte, os nomes dos lugares têm seus significados quase sempre relacionados ao seu dia-a-dia. Baseados na sua visão de mundo, quase sempre falam das coisas da natureza e da relação que eles estabelecem com a natureza. Por exemplo, observando alguns dos nomes acima, pode se perceber que, os nomes dos rios quase sempre descrevem o jeito dos rios, suas curvas, seus remansos, lugar onde a água brota, onde é represado, lugar onde o rio se estreita.

E os nomes dos lugares, descrevem o tipo da terra, falam da terra boa e da terra ruim para o plantio, das baixadas da beira dos rios, do terreno pedregoso que está sempre presente, do metal valioso que a terra dá. Outros carregam os nomes de plantas da terra, locais onde crescem as arvores franzinas e fortes do cerrado, nomes de arvores frondosas ou elegantes, do bambuzal e das plantas que dão frutos e são alimentos. Outros ainda trazem os nomes dos bichos da terra, a cobra grande, a ave do cerrado, os bichos da casa que ajudam o trabalho do homem e o alimentam. E por fim, os nomes de lugares de moradia, trabalho e oração. Esses nomes ensinam que a vida dos moradores do quilombo kalunga é inseparável de tudo o que é vivo e contribui para manter a vida, na terra e no céu, na água e no mar. (MEC; SEF, 2001 p. 30-31).

2 O COTIDIANO DO QUILOMBO KALUNGA

2.1 - Diferentes significados do termo Kalunga

Ao longo da minha pesquisa, encontrei a palavra Kalunga escrita de duas formas nas fontes consultadas Kalunga com K e Calunga com C, o que me levou a buscar seus diferentes significados. De acordo com o Novo Dicionário Aurélio, Calunga com ‘c’ é uma palavra de muitos significados. Algumas trazem consigo o sentido de algo inferior.

Calunga: S.f. 1. Bras. Divindade secundária do culto banto. 2. Bras. P.ext. O fetiche dessa divindade. 3. Bras. Coisa qualquer de tamanho reduzido. 4. Bras. BA e MG. Arbusto da família das simarubáceas (*Simaruba Ferruginea*), de folhas penadas, que têm quatro a oito folíolos coriáceos, pilosos, ferrugíneos e obovados, flores muito pequenas, rifas e agregadas em amplas panículas terminais, e frutos constituídos de quatro a cinco carpídeos drupáceos. Ocorre no cerrado e na caatinga. 5. Bras. Uma espécie de libélula 6. Bras. boneco pequeno 7. Bras. Figuras humanas, nos desenhos infantis. 8. Bras. o ratinho doméstico, camundongo. (FERREIRA,2004, p. 371)

No texto do MEC, o termo kalunga é escrito com ‘k’, seu uso é atribuído aos africanos do Congo e Angola e tem outro sentido, ligado às suas crenças religiosas É nome de um lugar de passagem por onde os homens entram em contato com a força de seus antepassados, tornando-se ilustres e importantes, porque mostra que eles têm incorporado em sua vida a força de seus antepassados. (MEC. SEF, 2001). Não podemos deixar de assinalar, que lá como aqui, Kalunga é nome de um lugar.

Kalunga enquanto palavra de origem africana - *Bantu* – tem também múltiplos significados: boneca de madeira, a lunga ou calunga; palavra mágica; ‘O mar divinizado dos angolezes’; Deus das profundezas do globo terrestre. Kalunga, mar, campo sagrado para repouso dos ancestrais (cemitério). Kalunga em Quimbundo é tratamento de ‘pessoas ilustres’, de ‘homem nobre’ e, ainda, “lugar sagrado, de proteção”. (BAIOCCHI, 1999, p. 41)

Para os moradores do quilombo Kalunga, calunga substantivo comum é o nome de uma plantinha - *simaruba ferrugínea*, existente à beira do córrego que também leva o

nome de Kalunga, neste caso, com K. Os moradores que residiam mais próximos desse córrego foram os primeiros a levar o nome de Kalunga. A este respeito, dona Teodora fala:

Antigamente, kalunga era somente um córrego que passa em frente à casa da minha sogra. O primeiro a ser chamado de kalunga foi o córrego, depois os moradores de perto. Antigamente a gente não gostava que nos chamavam de kalunga, porque era muito zombado. (Dona Teodora).

É também umas “*palavras místicas, envolvidas por mistérios*” de compreensões diversas também para os próprios moradores.

Os mais velhos contavam que antigamente do jeito que entrava no kalunga⁷ tinha que sair, porque se desse uma risada ficava rindo até morrer, se olhasse feio ou fizesse alguma coisa que eles não gostassem ficava fazendo aquilo até morrer. (JÚLIA).

Kalunga era um córrego que eu te falei hoje, é onde minha mãe mora na localidade de tinguizal; lá neste córrego é uma mata, brejo, pântano, Pantanal de Brejo que dentro dele é cheio de sucuri, aquela cobra. Então se cachorro entrasse latindo lá, o cachorro não saía, sucuri come, comia. Então lá é um mato que a gente ficava só pra plantar roças na seca no ano que perdia a roça; a vizinhança, todo mundo ia pra lá fazer roças porque lá era molhado pra plantar arroz. Depois de certos anos pra cá, o povo da cidade deu pra chamar todas as mães de Kalunga, Kalungueiras e tal, e a gente reconheceu que Kalunga é uma origem da África. (Sr. TICO)

Pra nois kalunga, antigamente Kalunga era uma coisa que não tinha importância que naquele tempo atrás era recusado até em Monte Alegre⁸,

quando chegava um kalungueiro na cidade nossa! Era um deus nos acuda, as pessoas não gostavam, mas Deus falou assim,: Vocês estão recusando os

⁷ Referindo-se aos moradores da comunidade próxima ao rio que levava o nome de Kalunga, na época em que apenas estes eram chamados de Kalungueiros nesta época, ou seja, num passado distante.

⁸ É uma cidade do município de Monte Alegre, onde existem comunidades pertencentes ao quilombo Kalunga.

Kalungas, mas os Kalungas vão ter mais valor que vocês porque nós era excursado⁹ nas cidades kalungueiros, ichi. (Dona Procópia).

Na minha última ida a campo, no mês de julho de 2007, tive a oportunidade de passar pelo local do córrego Kalunga e constatei realmente, em plena seca do mês de junho, que a mata ali continuava verde, o que pode se verificar nas fotos abaixo.



Figura 04: A seta aponta para o córrego Kalunga.
Fonte: MILKI (2007)



Figura 05: A seta aponta para o córrego Kalunga.
Fonte: MILKI (2007)

Usado para plantio em épocas de seca, este foi um dos motivos que tornaram o lugar sagrado para seus moradores. Embora esteja destinado a algumas famílias, em épocas difíceis (seca), acaba servindo a todos que plantam e colhem para o sustento de suas próprias famílias. *Para seus moradores este lugar é um símbolo de poder, mistério e ancestralidade.* (BAIOCCHI, 1999)

Ainda hoje se discute se a grafia correta da palavra Kalunga é com 'c' ou com 'k'. Eu, por dois motivos, optei por usar kalunga com k: primeiro, por que esta forma aponta para a origem africana e segundo por ser desse jeito que seus moradores registraram. Podemos ler na placa governamental das fotos abaixo, “Área do Território dos quilombos Kalunga”.



Figuras 5 e 6: Placa indicativa do território do quilombo kalunga

Fonte: GODINHO

⁹ Para Dona Procópia, o termo significa discriminado.

2.2 - Formação do quilombo kalunga

Para Baiocchi, (1999), a história dos Kalunga remete a 1722 quando Bartolomeu Bueno, o Anhanguera e João Leite da Silva Hortiz, ao iniciarem a colonização e implantação do ciclo minerador, as “Minas dos Goyazes”, desencadearam um processo de povoamento na área do atual Estado de Goiás. (BAIOCCHI, 1999 p. 28)

“Goyases” era o nome do povo indígena que vivia naquela região, onde havia muito ouro. Daí em diante começou a exploração das minas. Atrás do ouro tinham vindo os bandeirantes e atrás deles viriam os mineradores com seus escravos. Aqui começa a história do quilombo kalunga.

Dizem que ali naquelas serras havia uma mina chamada de Boa Vista. Ali os escravos trabalhavam de sol a sol, cavoucando as grupiaras para tirar aqueles montões de cascalhos que depois eles lavavam, nos regos que traziam a água dos rios e córregos, para separar o ouro. O trabalho era difícil e a vida dura. Porque como era de costume, por qualquer pequena falta que o escravo cometia, lá estava o senhor para aplicar-lhe os castigos.(...) Quando o escravo fugia e o senhor pegava de volta, costumava queimar os pés dele com gordura quente, para não fugir. Apesar dos castigos, os escravos continuavam tentando fugir. (MEC;SEF,2001, p. 23)

É claro que, antes de fugir, os trabalhadores escravos faziam planos e pensavam sempre em ir para lugares onde ninguém pudesse encontrá-los. E a Chapada dos Veadeiros oferecia esconderijos sem limites. Visitar a Chapada dos Veadeiros nos dá a compreensão da opção dos escravos refugiarem-se ali. É uma região acidentada, os caminhos são estreitos, cheios de pedras e vão se entrelaçando pelo meio do mato. Seus paredões de pedras têm a forma de muralhas impossíveis de ultrapassar.

Silva (2003) acredita que o quilombo Kalunga foi constituído, também, por escravos vindos do Nordeste do país, em especial, da Bahia. Eram trazidos em grandes comboios, para trabalhar nas minas.

Não muito longe da Mina da Boa Vista existiam grupos de negros quilombolas, fugidos do difícil e pesado trabalho das minas de ouro, especialmente de Arraias, Monte Alegre de Goiás e Cavalcante, e vários outros lugares. Refugiaram-se na Chapada dos Veadeiros. Ali, poderiam construir vida nova, quem iria se aventurar a procurar escravo fugido naquele imenso mar de serras e morros de pedras tão difíceis de alcançar. (MEC/SEF, 2001)

Alguns estudiosos, como: Baiocchi (1999) acreditam que os Kalunga viviam isolados até, recentemente, outros como SILVA (2003), admitem que, quando os negros chegaram a esta terra, encontraram indígenas como os Acroá, Capepuxi, Xacriaba, Xavante, Kaiapó, Karajá, Avá-Canoeiro, que viviam por todo o planalto goiano e, conviveram com os índios, com os quais teriam se miscigenado. É certo que, por centenas de anos, diversas nações indígenas e os próprios Avá-Canoeiro viveram por esse planalto.

Os mais velhos falam do relacionamento com os índios:

Nóis somos descendentes uma parte de negros e outra de índios, aqui tinha muito índio, depois foi saindo, foi cabano, foi cabano. Uá moça! Nos tinha era medo deles, eles não apareciam para gente jogavam era pedras na gente. Era difícil a gente ver eles, só uma vez que eu vi um aqui, mas eles jogavam pedras na gente assim na boca da noite. Mas se botassem alguma coisa assim eles pegava. Mas por aí os índios até casava com a gente nossa. (Dona Procópio)

Em minha pesquisa de campo, observei que os moradores possuem fortes características físicas indígenas, o que parece confirmar a miscigenação referida. Os mais velhos, sempre falam de algum parente como bisavó, bisavô que era índio, alguns até falam “*minha bisavó era Índia brava que foi pega no laço*”. Bertran aponta que:

Diferentemente de outras regiões brasileiras, onde ora pesa a genética indígena, ora sobressai à genética africana, em Goiás fundiram-se os três talvez em igual proporção original. (BERTRAN, 2005, p.76)

Sua sobrevivência dependia da mineração do ouro (garimpagem), da caça, da criação de gado e cultivo de alimentos, como descreve Karasch:

Os Quilombolas então contribuíram para a descoberta e exploração da riqueza mineral da capitania de Goiás. Também viviam da caça, pesca e cultivo de roças. Embora alguns se envolvessem em assaltos, outros cuidavam de gados e produziam carne-seca. Eles negociavam com vizinho, guerreavam com índios freqüentemente para capturar suas mulheres e estabeleceram vários tipos de relações com a população livre de cor da fronteira. Acreditamos que vieram a desempenhar um importante papel na formação de comunidades camponesas livres nos atuais estados de Goiás e Tocantins (KARASCH, 1998, p. 241)

Com o tempo, os moradores ambientaram-se à região, vencendo as dificuldades do caminho e as condições precárias que o ambiente oferecia. Descobriram que poderiam utilizar os recursos ali disponíveis para reconstrução de suas vidas. Sobreviveram graças às suas aptidões e à observação da natureza. Com ela, aprenderam a distinguir as árvores, que serviam para construir ferramentas, móveis, moradia e embarcações; a reconhecer na barranca dos rios, o barro para fabricar tijolos, bem como a utilidade das plantas medicinais.

Aprenderam a preservar a natureza com suas próprias formas de viver. Silva (2003, p. 375) relata que, "*Aprenderam a sobreviver com o que o cerrado lhes oferecia, tanto na alimentação quanto na construção de ferramentas e casas [...]*".

O pouco contato com as cidades vizinhas ao longo de sua formação, contribuiu não só para a preservação de sua liberdade, como do que ainda conservavam das tradições e costumes africanos e do que já havia sido reelaborado e adquirido em suas novas vivências.

Por volta das décadas de 1950/1960, segundo Dona Júlia, a região do Norte de Goiás, os chamados vãos, platôs e serras eram chamados de sertão e seus moradores, de sertanejos, lembra de ouvir dizer que os Kalunga eram um grupo lá de perto do Morro do Chapéu (atual Cidade de Monte Alegre). Ela conta que as mulheres não tinham contato com os brancos e lembra de um padre, cujo nome é, Pedrocílio, que andava por aquelas bandas do sertão, batizando e casando pessoas, "*foi ele quem fez o meu casamento*".

Nas falas de alguns moradores e na obra (MEC; SEF,2001), encontramos alguns relatos como: antigamente os homens viajavam para vender a produção de farinha nas cidades no pé da serra, como: Paranã, Cavalcante e Monte Alegre, em troca de sal, querosene para lamparinas e outras coisas mais que precisassem, mas nem sempre estas cidades dispunham de artigos suficientes, levando, muitas vezes, alguns deles, a viajarem para cidades distantes, como: Belém do Pará. Era uma viagem perigosa. Seguiam de bote, uma *embarcação; iam* pelos rios, que vão se encontrando uns com os outros, passando do Paranã ao Tocantins, até chegar a Belém. Demorava até um ano. Muitas mulheres choravam ao ver seus maridos partirem, temendo que não voltassem mais. Só mais tarde deixaram de fazer esse caminho e passaram a ir para Barreiras, no Estado da Bahia, que já ficava mais perto.

Estes relatos se estendem também ao fato de que, por volta dos anos de 1960 a 1970, chegaram por lá uns funcionários do governo, da SUCAM¹⁰. Eles chegavam para borrifar remédio contra o mosquito que transmitia a maleita. Segundo elas reviravam tudo e jogavam remédio. Alguns moradores corriam escondendo-se deles, pois não tinham costume de ver pessoas diferentes dos seus. Os funcionários tiravam tudo borrifavam e depois iam embora. Aos poucos, devagarzinho, os moradores voltavam para suas casas. Para muitos moradores que estavam doentes, os funcionários forneciam os comprimidos. Depois eles começaram a chegar e querer tirar sangue das pessoas; aí foi uma outra correria, as pessoas não deixavam tirar sangue (MEC; SEF,2001). “ *Eu nem sei depois como é que começaram a deixar tirar sangue, só sei que depois os homens da SUCAM já tiravam o sangue das pessoas*” (Dona Procópio)

Segundo, Dona Procópio, no ano de 1981, eles receberam a visita de dona Mari. Quando Dona Mari chegou ninguém queria saber dela, foi Dona Procópio quem a recebeu, e acompanhou no seu trabalho. De acordo com Dona Procópio, antes da Professora Mari Baiocchi chegar à região eles não tinham recebido nenhuma visita de alguém que interessasse por eles. “*Dona Mari ajudou muito nós tudo, ficou aqui reunindo e querendo saber de nós, conversando com as pessoas, muita gente não gostava dela. Ela queria saber como nós tinham vindo para cá, queria saber de nó, ela ajudou muito*”. (Dona Procópio).

¹⁰ Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.

Como vimos, Baiocchi foi a primeira pesquisadora (antropóloga) a adentrar esses vãos e serras. Segundo ela, em 1962 ficou sabendo da existência desses moradores, por uma notícia de jornal, que falava dos kalungueiros, sendo seu primeiro contato, em 1981. Em 1982, criou e coordenou o “Projeto Povo da Terra”, ligado à Universidade Católica de Goiás e a UFGO de Goiás. Depois vieram outros como: Aldo Azevedo Soares, (área jurídica), Rodrigues Chaves, Thaís Teixeira de Siqueira, Danielle Jatobá e Ana Van Meeger Silva (área de Antropologia), Cíntia (área de Lingüística).

No início da década de 1980 as comunidades da Chapada dos Veadeiros, Nordeste de Goiás – Sertão de Goiás¹¹ viviam à margem da sociedade nacional. Com a ajuda da antropóloga Mari Baiocchi, começaram a se organizar para reivindicar o direito à posse de suas terras e, com isso, outros direitos. Como podemos observar na fala de dona Procópia

Aí uma vez a dona Meire (está se referindo à Mari Baiocchi) veio aqui. Ela foi a primeira pessoa branca diferente de nós que chegou aqui, que começou a conversar explicar e perguntar como era as coisas aqui, quem tinha terras quem não tinha, eu falei que tinha. Ela falou pra nós que a terra nossa tinha caducado, que era da minha avò né, aí ela mandou fazer o levantamento das terras nossa fez, cada um de nós tem um documento das” terras. Nós não podia fazer o inventário das terras, ela levou lá em Goiânia, aí ele veio e fez o levantamento tudo das terras. (Dona Procópia)

Baiocchi (1999) descobriu que, os primeiros moradores a povoarem os vãos das serras desta região, foram os Pereira, os Santos, os Moreira, os Cunha. Depois foram se espalhando. Os moradores que tinham estes nomes eram todos parentes. Por isso, até

¹¹ Para Sena (2005, p.109), “parte significativa da construção simbólica, isto é, cultural e simbólica de Goiás e da região central d Brasil, esta fundada na idéia de sertão. A etimologia da palavra sertão - sertão, certão - usada pelos navegantes portugueses para designar o interior da África e do interior do Brasil, em oposição ao mar e ao litoral, aponta para um lugar distante, vazio, isolado, inóspito e desconhecido. A esta camada de significados vem se juntar, ainda nos primeiros momentos do processo de constituição de nosso território, a dimensão positiva de vazio a ser conquistado e ocupado, referente de grandeza de nosso patrimônio geográfico. Mas contemporaneamente, certa conotação negativa de sertão passa a medir o descompasso entre forma de organização social e de cultura, expressa na noção de atraso, enquanto que a dimensão positiva incorpora a fronteira interna como lugar de encontro do impulso civilizador com os valores autênticos da nacionalidade da goianidade. Como mito de origem da nação brasileira e dos goianos, o termo sertão condensa diversos significados; um amalgama de imagens, experiências e sentimentos. Simultaneamente descrito como espaço geográfico, como uma temporalidade, como uma forma de organização social e como um conjunto de características culturais o sertão é, ao mesmo tempo, singular e plural”.

hoje encontramos esses sobrenomes combinados entre si e com outros sobrenomes. Essas primeiras famílias, como por exemplo: Rosa, Souza, Fernandes, Torres, Castro, Ribeiro, Ferreira, Rodrigues. Assim, todas as famílias tinham uma mesma história comum. Isso fazia delas uma comunidade especial, o quilombo *Kalunga*. Foi a Profa. Baiocchi quem deu esse nome a todos os moradores dos diversos vãos do Paranã, para lembrar com isso que todos tinham uma mesma origem: descendentes de negros vindos da África de onde tinha vindo também o termo *Kalunga*.

Baiocchi também reconhece que o lugar desde o início chamado de Kalunga foi o núcleo inicial e a família Pereira, os primeiros moradores a povoarem os vãos das serras, localizando-se entre o Riachão e o Tinguizal, no caminho da Serra da Ursa, à margem direita do rio Paranã.

A população que hoje lá se encontra formou-se com quilombolas, índios, posseiros e proprietários de terras que adentraram os sertões. Em um documento do senhor Santin Fernandes de Castro, morador do Sicury, à margem direita do rio Paranã, consta que, no ano de 1879, as terras arrematadas na herança do finado Brigadeiro Antonio Cardoso foram vendidas ao senhor Teotônio Fernandes pelo preço e quantia de cinqüenta mil réis; tendo o Sr. Santin Fernandes de Castro, herdeiro das terras, ali residido até seu falecimento.

Em uma correspondência enviada ao Sargento-Mor Conde de São Felix, Sargento Antônio J. Pereira, a 16 de abril de 1821, consta que:

Passam rumores entre o Arrayal de São Felix e a vila de Palma no lugar chamado o estreito existe um caminho muito seguido que vai da margem oriental do rio Maranhão à Serra Queda D'Água a que pessoas pensam que na sua serra existe índios que se comunica com índios canoeiros, persuadidos, outros ao contrário que são negros fugidos que ali habitam, sobre este objetivo deverá tomar as informações que (mi) farás *conhecer pelo correio seguinte*.
(BAIOCCHI, 1999 p. 40)

A nomenclatura Kalunga referia-se a um determinado local como os demais, por exemplo: Contendas, Vão do Moleque, Vão de Almas entre outros. Os moradores sabiam das diferenças e apresentavam-se como fulano de tal, da Contenda ou fulano de

tal do Vão do Moleque e, assim, por diante. Mas, os moradores das cidades vizinhas tratavam todos de Kalunga ou kalungueiros, quando estes vinham vender ou trocar sua produção. Baiocchi declara que:

Quando realizei levantamentos fotográficos nas cidades vizinhas ao Sítio Histórico, observei que a população do entorno identificava os 'moradores' dos 'municípios' (Contenda, Vão das Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois e Kalunga), quando vinham vender ou trocar sua produção de farinha, como sendo Kalunga ou Kalungueiro, acreditando em uma só origem (BAIOCCHI, 1981 p. 41)

Em seu conjunto, os moradores só passaram a se identificar como Kalunga, tanto em nível regional como nacional, após a divulgação de sua existência pelo "Projeto Povo da Terra". Quando começaram a ser conhecidos através dos meios de comunicação e eventos acadêmicos, assim, saíram da invisibilidade, e a identificação como Kalunga fortalecem-se e todas as localidades passaram a se identificar, como Kalunga. (BAIOCCHI, 1981p. 41)

No ano de 1987, quando da instalação da Assembléia Nacional Constituinte, muitas lideranças do movimento negro estiveram presentes na luta pela elaboração da nova Carta Constitucional. Suas pressões fizeram com que os constituintes introduzissem na nova carta, o direito à terra, ao povo remanescente de quilombos. Desta forma, o governo federal garantiu-lhes a posse da terra e o direito de se expressarem culturalmente. O que pode ser compreendido a seguir nos Artigos: 215 da Constituição Brasileira e no Artigo 68 (ADCT) da Constituição.

“Artigo 215: O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º. A lei disporá a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Artigo 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à

identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II- os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV- as obras, objetos, documentos e edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º. O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º. Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º. A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º. Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º. Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.”

“Artigo 68 do ADCT (Atos de Disposições Constitucionais Transitórias): Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. (Constituição da República Federativa do Brasil – Brasília1988, p. 189)

Com a nova Constituição, várias comunidades de negros, dentre elas, os Kalungas, puderam se organizar contando com a ajuda de organizações que se empenharam na defesa dos direitos da população negra brasileira. Com isso os moradores das comunidades: Vão de Alma, Vão do Muleque, Riachão, Kalunga e Ribeirão do Bois, reconheceram a sua origem quilombola e reivindicaram a posse da terra.

Janeiro de 1991 foi aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado o projeto de lei definindo como patrimônio cultural de valor histórico a área de terras situada nos Vãos das Serras do Moleque, de Almas, da Contenda, e do Córrego Ribeirão dos Bois, nos Municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, no Estado de Goiás, (MEC;SEF, 2001p.79)

A partir de então, passou a ser importante pertencer ao quilombo Kalunga, uma comunidade constituída de descendentes de indígenas e africanos, que adentraram os sertões e se organizaram estabelecendo uma forte relação com a natureza e entre si. Pelos dados do IBGE (1990), a população Kalunga é formada por mais de três mil pessoas, ocupando uma área de 250 mil hectares na microrregião da Chapada dos Veadeiros, no Nordeste de Goiás. Já a senhora Marta Ivone¹² afirma que hoje, julho de 2006, existem cerca de 5 mil pessoas na região. Dados mais recentes apontam para 7.000 moradores (BARRETO, 2007, p. 115)

Seus modos e costumes parecem continuar encontrando em sua maneira simples de vida, uma forma tranqüila de viver e ver o mundo, sem a preocupação com os avanços tecnológicos. As regras e costumes, são criados e postos em prática por eles mesmos, transmitidos de uma geração a outra pela tradição oral. Como declara Silva:

Eles viveram por muito tempo longe das cidades e até bem pouco tempo atrás não conheciam as coisas do mundo moderno e as mudanças que ele impõe à vida das pessoas [...] conservando assim o seu modo tradicional de vida [...] (SILVA, 2003, p. 375).

Os moradores vivem de suas plantações com uma rotina estabelecida há anos. Desde cedo, têm com a terra uma relação íntima e profunda. Dela, tiram de tudo o que precisam: arroz, fumo, milho, feijão, maxixe, quiabo, guariroba (palmito amargo), mandioca¹³. Criam gado e aves, praticam a caça e a pesca. Para os moradores, a terra é vista como um *"lugar de morar e viver"*, não é vista por eles como um espaço de exploração para produzir riquezas, e sim para a produção, apenas para o seu sustento e de sua família. Segundo Silva (2003),

¹² Superintendente da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial de Goiânia - Goiás

¹³ Fazem farinha da mandioca, utilizando o seguinte processo: a mandioca é descascada e ralada (ralo com fabricação própria); é colocada no tapiti (saco de palha) para escorrer a água. Em seguida, é peneirada no quibano (tipo de peneira feita com a tala da árvore do Buriti), levada ao forno de barro e torrada.

[...] ocupam-se de tarefas simples e essenciais, como pilar café e arroz, plantar, colher, preparar farinha e carne para assar, fazer fio de algodão, caçar, pescar e, principalmente, cuidar das crianças”. Alimentam-se essencialmente de arroz, mandioca e seus derivados; [...]. Da mandioca fazem excelente farinha que vendem nas fazendas, povoados e garimpos das redondezas, e, que junto ao arroz e ao feijão corresponde a todo o comércio. Do produto compram “sal” querosene, alguma roupa [...]. (SILVA, 2003, p.386; 388; 389; 393)

São pouco conscientes politicamente, muitas vezes, são influenciados pelos cabos eleitorais das cidades vizinhas que indicam em quem devem votar. Só, em 1991, adquiriram o direito de votar.

No decorrer dos tempos, sensíveis mudanças vêm acontecendo em todos os aspectos da vida no quilombo Kalunga, dentre os quais destaco algumas como: presença de grileiros, (conflito com os fazendeiros) descaso do Governo com essa população; Saúde; Educação; maior contato com as cidades (as meninas mais jovens estão saindo para trabalhar nas cidades) estes acontecimentos têm causado grande impacto na dinâmica familiar, nos costumes e tradições. Nas conversas com os moradores mais velhos, sobretudo, as mulheres, foi unânime em suas falas a preocupação com as mudanças que estão ocorrendo nesses aspectos.

2. 3 – Identidade étnica

Ao falar da procedência dos negros introduzidos no Brasil, Ramos (1956) considera que as dificuldades de identificação são as mesmas encontradas nas demais partes do mundo em razão da compreensão que o branco senhor tinha de que, *“não havia povos negros diversos, mas apenas o negro escravo”*.

Segundo ele, desde os tempos coloniais, existem as designações populares de Nagô, Mina, Angola, Moçambique (...) que indicavam vagamente os pontos do Continente Africano de onde vieram os escravizados. Mais comuns eram as designações gerais: peça da Índia, peça da Guiné, negro da Costa (...) Ainda segundo o autor, três grupos grandes de africanos entraram no Brasil. No primeiro grupo, temos os

Sudaneses, como os nagôs (iorubas), os gêges (daomeanos), etc. No segundo grupo, temos os Sudaneses islamizados, como os haussás, os tapas, os mandingas, os fulas. No terceiro grupo, temos a grande família dos bantus, entre os quais entraram no Brasil, os Angolas, os Congos, os Moçambiques.

Ainda segundo o autor, os negros do primeiro e segundo grupos predominaram na Bahia; os do terceiro grupo foram distribuídos nos mercados de escravos de Pernambuco e Rio de Janeiro. Eram os Angolas, os Congos, os Moçambiques, muito festeiros. No período da exploração das minas, foram Angolas e Congos a quase totalidade dos negros que povoaram os vales de mineração, também, foram os Cabindas, Angolas, Benguelas, com menor número de sudaneses. (RAMOS, 1956, p.28-35).

Com isso, uma compreensão da origem étnica do africano que veio para Goiás no período da mineração e, mais tarde, na lavoura e pecuária, é uma difícil tarefa. Diante disso me pergunto: como reconhecer a etnicidade dos Kalunga diante da diversidade dos grupos de negros vindos para o Brasil pela forma como foram compreendidos?

Para Baiocchi os Kalungas possuem diversidade étnica com predominância Bantu, (BAIOCCHI, 1999, p. 29), na pesquisa de campo, obtive relatos onde os moradores falaram: “*Sabemos que nossos antepassados vieram de Angola, Moçambique e região do Congo*”. Isso não me possibilita dizer com exatidão a origem étnica dos kalunga, porém me levou a reconhecer que eles têm consciência de sua descendência africana.

A maneira peculiar de ser e viver do kalunga é expressa no modo de falar, de vestir, de lidar com a natureza, com os alimentos, com a religião e na forma como se colocam em relação a outros grupos. O conjunto desses aspectos forma à sua *identidade social*, e faz dos kalungas uma comunidade que se diferencia dos habitantes das cidades vizinhas. Em razão disso eram tratados pelos moradores das cidades vizinhas, como gente sem importância e chamados de ‘kalungueiros’, com evidente conotação preconceituosa.

Para nois, kalunga, antigamente Kalunga era uma coisa que não tinha importância que naquele tempo atrás era recusado até em Monte Alegre , quando chegava um kalungueiro na cidade, nossa! Era um deus nos acuda, as pessoas não gostavam, mas Deus falou assim,: Vocês estão recusando os Kalungas, mas os Kalungas vão ter mais valor que vocês, porque nós era excursado, nas cidades, kalungueiros, ichi!. (Dona Procópia)

Antes sofria muito né? Não tinham o reconhecimento que a gente tem hoje, se chamava a gente de kalunga a gente ficava com raiva porque, as pessoas falavam e pensavam que kalunga era uma coisa atoa e hoje não, kalunga é kalunga mesmo tem que identificar assim, já é reconhecidos já tem progresso. (Dona Teodora).

De acordo com a história dos kalunga, dentro das comunidades seus moradores relacionavam-se entre os próprios parentes e com os índios da região, por não ter o costume de receberem pessoas estranhas. Porém, os homens sempre tiveram relações com os moradores das cidades vizinhas. Seu “propalado isolamento” foi relativo, visto que, mantinham relações de comércio com seu entorno. O que se percebe é que tais relações era controlada pelos moradores, ou seja, “apenas eles iam as cidades e as cidades não ia até eles”. Atualmente esta relação mudou, a vinda da Antropóloga Baiocchi, o reconhecimento das terras como “Sítio e Patrimônio Histórico Kalunga” , a presença grande de turista na região, são fatores que tem contribuído para que os moradores desta região tornem-se mais conhecidos, tornando a presença de estranhos cada vez mais comum nas comunidades Kalunga. Tal relação de certa forma tem levado a algumas mudanças na cultura, na organização social e identidade étnica destes moradores, como bem observa Barth:

A etnicidade é uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações.(...), ou como um modo de organização das relações sociais, seu conteúdo tanto quanto sua significação são suscetíveis de transformações e de redefinições. Este aspecto dinâmico da etnicidade está estritamente ligado a seu caráter relacional. (BARTH,1998, p.124-125)

Assim, várias elementos tem contribuído para os moradores ressignificar o sentido de ser kalunga, dentre eles, a sua maneira própria de interagir com o entorno, tornando o ser Kalunga, que era pejorativo e preconceituoso num sentido de pertencimento étnico, suscitando nos moradores, orgulho de serem assim reconhecidos.

3. UMA ETNOGRAFIA DA MULHER KALUNGA

3.1– Metodologia: escolhas teóricas

O ofício de pesquisador é, assim como o do pescador, pois de antemão precisa dispor de ferramentas já testadas e vivenciadas por outros pescadores, outros mestres . Desta forma, seus instrumentos, suas teorias como demonstram seu valor, vão sendo utilizadas ao longo dos anos. Como o pescador, o pesquisador dispõe de parte dos meios e orientações, para pescar, ou seja, suas ferramentas; a, outra parte, o rio, o mar, o campo guardam as surpresas, os imprevistos que serão aos poucos desvendados. Com isso, quero dizer que as ferramentas são indispensáveis, embora não dependa exclusivamente delas a qualidade dos resultados, a atuação em campo influencia muito mais a qualidade dos mesmos.

Para desenvolver um estudo científico, é necessário estabelecer metas e traçar o caminho a ser seguido, neste meu trabalho optei pelo referencial teórico da antropologia cultural numa visão interpretativa, sendo o antropólogo Clifford Geertz (1998) um dos pioneiros dessa corrente. É dele o conceito de cultura, adotado para o embasamento deste estudo, cujo foco de investigação é a mulher do quilombo Kalunga, seu dia-a-dia, suas histórias, suas crenças, seus rituais, seus hábitos e costumes, sua linguagem. Com ele foi possível compreender a cultura dessas mulheres não só a partir das experiências interiorizadas dentro da tradição , mas, também as mudanças observadas no modo como elas se relacionam com as novas realidades atualmente trazidas ao quilombo.

As percepções, as interpretações e as ações das mulheres do quilombo kalunga são culturalmente constituídas, como experiências singulares, com lógica e dinâmica próprias.

Geertz (1989) define o objeto da antropologia, como o alargamento do universo do discurso humano vendo a cultura como um padrão de significados transmitidos historicamente e incorporado em símbolos por meio dos quais os homens se

comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e atitudes em relação à vida.

Para o autor citado, a cultura como conceito essencialmente semiótico, constitui-se em sistemas entrelaçados de símbolos interpretáveis, aos quais podem ser atribuídos causalmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos que podem ser descritos de modo inteligível, isto é, descritos com densidade. Acredita como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e a cultura como sendo essas teias e sua análise como uma ciência interpretativa à procura de significado (GEERTZ,1989).

Assim, o estudo de uma cultura supõe uma descrição densa, do conjunto de mecanismos de controle: planos, receitas, regras, instituições (ou programas) dos quais o homem depende para ordenar seu comportamento.

Ao estudar a cultura como mecanismo de controle, Mead chamou de símbolos significantes as palavras, os gestos (linguagem corporal), desenhos, sons, artifícios mecânicos, objetos, ou seja, na verdade, tudo que pode ser usado para conferir um significado à experiência (GEERTZ, 1989).

Para Geertz (1989) as culturas devem ser entendidas como textos. A análise antropológica por sua vez constitui-se em uma interpretação provisória, a metodologia do trabalho de campo uma epistemologia prática, tendo como ponto de partida uma antropologia interpretativa baseada na descrição densa. Com base na proposta de Geertz, dediquei o tempo em que estive no campo, a conviver diariamente com os moradores, participar de suas vidas, escutar os seus relatos bem como a tornar parte nos diversos eventos existentes, realizando uma observação participante que serviu para compreender o permanente vaivém entre o interior e o exterior dos acontecimentos, ou seja, em primeiro lugar, procurando captar o sentido específico de ocorrências e gestos, pela empatia; em segundo lugar, percebendo a necessidade de recuar para criar a possibilidade de situar esses significados em contextos mais abrangentes. O trabalho de campo como uma experiência pessoal intensa e única pode ser entendido como um rito de passagem (CLIFFORD,1998).

O processo de pesquisa esteve voltado para a realização de uma etnografia, valendo-se da história oral de vida, da pesquisa documental, de entrevistas abertas com informantes selecionadas e da observação participante, dos trabalhos diários, das festas, e dos demais acontecimentos locais. Esta abordagem me permitiu uma melhor compreensão da experiência das mulheres Kalunga, em sua complexidade e especificidade. A etnografia tem por pressuposto que um grupo de indivíduos produz uma cultura que direciona a visão de seus membros e a forma pela qual eles estruturam suas experiências (CLIFFOD, 1998).

Na convivência com as mulheres, procurei observar o espaço que ocupam na família, nas festas, nas relações do dia-a-dia. Algumas destas entrevistas, benzimentos, cantos e rezas foram gravados, assim como as entrevistas realizadas com pessoas que desenvolvem trabalho junto a este quilombo como, por exemplo, a Sra. Marta Ivone, superintendente da Secretária de Estado de Políticas para as Mulheres e Promoção da Igualdade Racial do Estado de Goiás, Dr. Marcos Vinicius, Professor da Universidade Católica de Goiás.

Estive aberta ao fato de que o significado pleno de uma cultura jamais pode ser apreendido, bem como à complexidade da relação entre pesquisadora e seu objeto de estudo. O antropólogo constrói textos que são a representação do real, mas esta construção é mediada pela realidade subjetiva do próprio pesquisador. Portanto, tenho consciência de que todas as considerações aqui apresentadas baseiam-se em interpretações parciais, a partir das inferências produzidas por mim, através da minha vivência entre as mulheres Kalunga.

Geertz (1989) afirma que a prática da etnografia é uma atividade eminentemente interpretativa, uma descrição densa voltada à busca de estruturas de significação. A descrição densa é compreendida como o esforço intelectual do pesquisador na percepção, interpretação dos dados coletados e sua produção na pesquisa de campo ou de suas estruturas significantes, determinando sua base social e importância. Na perspectiva de Geertz, o pesquisador elabora a leitura do processo de construção do significado dos indivíduos que fazem parte do estudo. O papel do etnógrafo é traçar uma curva do discurso social, arranjando-o de modo respeitável. Assim, o que a atividade de escrever arrumar, é o dito de um evento que o etnógrafo

observa; o significado, a essência, o pensamento de um evento contado, não é o evento em si. Gualda (1998a) refere que, de alguma maneira, a atividade de compreender desdobra-se, conforme se olha sobre o ombro do colaborador para perceber o que ele está fazendo e o que pensa que está fazendo.

O público alvo desta pesquisa constituiu-se em sua maioria de mulheres, entre 22 e 88 anos de idade moradoras do Quilombo Kalunga. Nas entrevistas todas foram informadas deste estudo cujos objetivos foram explicados e a todas foi dada a opção de não participar ou desistir a qualquer momento que se fizesse necessário. Assim, participaram das entrevistas 18 mulheres, duas desistiram: uma, por não querer falar mais; outra, por dizer que não sabia mais falar. As entrevistas bem como as histórias de vida foram obtidas durante o período das festas quando as famílias se deslocam de suas moradas permanentes para os ranchos temporários, construídos ou reformados naquele período.

Todas as anotações relativas às entrevistas e às histórias de vida de cada colaboradora bem como os dados de observação foram efetuados no caderno de diário de campo.

Para orientar o tratamento dos dados, adotei os seguintes procedimentos: nas experiências relatadas, localizei as frases ou afirmativas que se relacionavam diretamente com o fenômeno estudado, investigando seu significado para verificar, o que estas frases, expressões ou afirmativas poderiam revelar sobre os aspectos essenciais do processo e sempre que necessário recorri à colaboração das próprias mulheres Kalunga.

3.2 – As idas a campo

Durante a preparação para o trabalho de campo, não sabia, ao certo, a dimensão do espaço, que iria encontrar. Deste modo, ficou patente que *“uma coisa é*

olhar o mapa e outra é estar presente”. Ao chegar a campo pela primeira vez, aos poucos, tomei conhecimento da importância que a territorialidade teria em meu trabalho.

Os moradores informaram que diversas comunidades faziam parte do quilombo Kalunga, totalizando 128 espalhadas pela Chapada dos Veadeiros, já referida. Algumas dificuldades fizeram-se presentes de imediato, especialmente, quanto à locomoção, feita a cavalo ou a pé, visto ser impossível a entrada de carros em certas comunidades mais distantes. As diversas comunidades, bem como as casas das famílias são localizadas distantes uma das outras em território de difícil acesso, entrelaçado por rios, serras e cerrados, estando ligadas entre si por uma espécie de trilha no meio do mato,



Figura: 10 - O Cavalo como principal meio de transporte.

Fonte: Godinho (2006)



Figuras 11 e 12: Tipos de moradias.

Fonte: GODINHO (2006)

O planejamento da viagem a campo levou em consideração as características peculiares, da região, em especial, o clima, uma vez que a melhor época para visitá-la seria a da seca, caso contrário, não se poderia andar por lá, tampouco chegar, em virtude das enchentes dos numerosos rios. As idas a campo teriam de se limitar às épocas de seca.

Depois das primeiras chuvas da primavera, que se iniciam no mês de setembro e se estende até dezembro, os Kalunga começam a época do plantio. De janeiro a março, limpam as plantas e cuidam para não morrerem. De abril a maio, é a época da colheita, ou seja, inicia-se aí a época da seca que se estende até setembro. Com a festa de Reis, comemoram o fim do plantio e com a de Santo Antonio e São João, o fim da colheita.

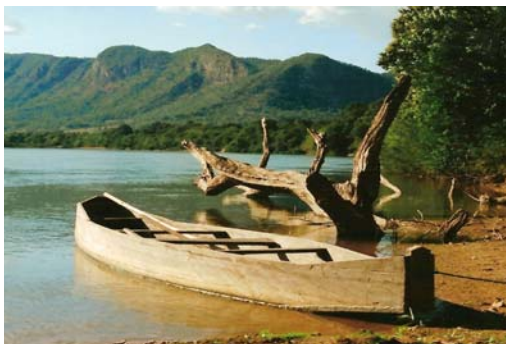
A rotina de vida das comunidades Kalunga, bem como a de suas mulheres é pautada pelas épocas de chuva e estiagem que se alternam no ano. Na época das chuvas, as comunidades ficam ilhadas.



Figura 13: - Imagem do Rio Prata.
Fonte CONCEIÇÃO (2006)



Figura 14 Imagem do Rio Areia
Fonte: MILKI (2007)



Figuras 15 e 16: - Imagem do Rio Paranã



Fonte: MILKI (2007)

Como não se circula na época das águas, é nas secas que os moradores aproveitam para realizar os encontros. Nesta época, acontecem as grandes festas os festejos. Em minha primeira ida a campo, julho de 2006 - foi possível acompanhar a festa da Salina¹⁴, o “Festejo de São Sebastião”, no Vão do Muleque.

¹⁴ O nome de um dos locais onde se realiza um dos festejos.

Para chegar a Salina, realizei o seguinte percurso: em Goiânia, com Vanusa¹⁵, tomei um ônibus até o município de Terezina, saindo de lá para o de Cavalcante, com o auxílio de um transporte particular, visto que não existe transporte regular entre esses locais. Em Cavalcante, aguardei um transporte de um morador que estava indo à festa naquele dia. Entre os percalços do caminho e a espera do transporte, este percurso durou um dia e uma noite até a Salina.



Figura 17: Os Ranchos construídos para as festas.
Fonte: CONCEIÇÃO



Figura 18: Parte externa de um rancho
Fonte: GODINHO

Quando cheguei, tive uma grande surpresa, pois ali havia uma verdadeira cidade de ranchos, distribuídos um ao lado do outro, com ruas entre os mesmos organizados em torno de uma grande praça. O centro - a praça - era o local onde tudo acontecia. Fiquei perplexa e emocionada, ao observar que todos os presentes eram negros, chegando a ter impressão de estar diante de um pedaço da África no Brasil.

A organização do espaço, as vestimentas coloridas com cores fortes, a alegria dos festeiros, a partir de meu olhar, parecia não deixar dúvida quanto à relação histórica daquelas pessoas com a África. (conforme meu imaginário construído sobre a África). Todos transitavam pelo grande espaço da praça e era também por ele que as mulheres passavam para ir ao rio Paranã lavar louça e roupa, carregadas dentro de uma grande bacia ou de tachos levadas sobre a cabeça em cima de uma rodilha¹⁶ e para tomar banho.

¹⁵ Jovem originária do quilombo Kalunga que estava trabalhando em Goiânia.

¹⁶ Pano torcido, enrolado em círculo e colocado sobre a cabeça como proteção.



Figura 19: Mulheres a caminho do rio
Fonte: VINICIUS



Figura 20: Mulheres lavando roupa e pratos no rio
Fonte: VINICIUS

As mulheres usavam vestidos ou saias com tonalidades bastante coloridas, predominando as cores primárias. Observei que as mais velhas quase sempre usavam lenços (floridos ou não), amarrados à cabeça e algumas fumavam cachimbo. Pouquíssimas usavam colares e brincos, apresentando-se bastante simples com relação a estes ornamentos.

Os homens vestiam-se muito iguais, geralmente, com a camisa por dentro da calça e todos usavam chapéu. As crianças, por sua vez, usavam roupas coloridas sem estampas florais; as meninas, vestidos ou blusas com saias ou shorts e os meninos camisas com calças ou shorts. De modo geral suas vestimentas eram bastante simples.



Figura 21: Mulheres e seus lenços
Fonte: GODINHO

A festa da Salina dura dez dias e acontece durante os dias e às noites. Em meio as atividades cotidianas como: lavagem de louça e roupas no rio e preparação de alimentos, acontecem batizados e pequenos bailes, que ocorrem nos diversos ranchos, diferentemente, do grande baile, que acontece no salão de baile e da novena que acontece na igreja. Esses por sua vez, são realizados somente à noite. É justamente nessa época que se dão as relações mais intensas, trocas de experiências e negociações.

Permaneci na festa da Salina até seu final, acompanhando de perto tudo que acontecia: as novenas rezadas todas as noites; a chegada e o arremate da folia de São Sebastião, batizados de crianças (feitos por eles mesmos sem a presença de Padre), brigas entre casais e filhos, a dança da sussa, expressões religiosas que denotavam a devoção e a alegria presentes nessa grande confraternização.



Figura 22: Moradores em oração dentro da igreja
Fonte: VINICIUS (2006)



Figura 23: Cruz localizada no meio da praça
Fonte: VINICIUS (2006)

Como já disse, tudo acontecia em torno de uma grande praça, de formato um pouco oval, mais para um círculo. A Igreja ficava localizada em uma extremidade e a casa da festa em outra (uma de frente para a outra). Quando os moradores iam chegando, dirigiam-se à casa do festeiro, responsável pela festa do ano, é uma forma de comunicar que já está presente no espaço. Nesse momento, é servido algo para comer, normalmente, café com um biscoito feito e guardado por eles ao longo do ano. Em seguida, a pessoa ou família dirigia-se a seu rancho (moradia na festa).

No decorrer da festa, conversei com as mulheres, fui ao rio Paranã, onde tomavam banhos, ajudei nos preparativos das comidas, participei das rezas, do levantamento e descida do mastro, presenciei benzimentos, cantos, danças, cumprimentos de promessas e arremates da folia de São Sebastião e o encerramento da festa, anotando tudo minuciosamente em meu diário de campo.

Ao término da festa, os moradores voltaram para suas casas, fiquei hospedada por alguns dias, na casa de dona Lili, na Prata, comunidade também pertencente ao núcleo do Vão do Muleque. As casas são construídas de adobe e cobertas de palha de

palmeira, recolhida no mato pelos próprios moradores. Têm uma função muito importante para as famílias e possuem normalmente de um a dois quartos, sala e cozinha. Na cozinha, ocorre a maior concentração de pessoas. Lá elas conversam, tomam café e serve as refeições em torno do fogão à lenha, feito de barro. Quando chega um conhecido, é logo chamado para a cozinha; às vezes, nem passa pela sala. Durante minha estada foi possível conhecer de perto e participar da vida de várias famílias. Os moradores, não costumam comer carne bovina, com freqüência; apenas, quando um morador resolve matar um boi, ou quando vão à cidade e compram. Estão acostumados a comer carne de caça e pesca, porém a caça está escassa ficando mais o peixe como a carne principal.

Ao amanhecer, ainda escuro, a mulher é a primeira a levantar e logo se ocupa em varrer o terreiro em torno da casa, que geralmente é bem vasto; juntamente com ela ou logo após o homem levanta-se e vai tirar leite de gado, ou colher alguma raiz que logo servirá para desjejum que a mulher ocupa-se em preparar depois desse feito. Nesse momento, as demais pessoas presentes na casa já se levantam e, depois do desjejum, alguns vão para o rio pescar, outros lavar louças e roupas ou para o campo cuidar dos animais, socar arroz ou ainda colher legumes para o preparo do almoço, que será servido quando a mulher acabar de preparar.

Após o almoço todos descansam; em seguida a mulher ocupa-se em realizar alguma tarefa da casa enquanto o homem vai para o mato caçar ou ocupa-se de alguma atividade no campo ou, ainda, vai ajudar outra família num feito braçal. Mesmo não existindo luz elétrica, a noite é como se fosse o dia, e os moradores das comunidades quando necessário percorrem os diversos caminhos naturalmente embora na maioria das vezes durmam cedo, por volta das 20 horas. Essa é dinâmica própria da época de seca.

A ajuda mútua, foi por mim, constantemente observada. Um bom exemplo disso é a torra da farinha. Quando uma família vai fazer farinha, outra família vai ajudar. A ajuda começa desde o arrancar da mandioca, ralar, imprensar até o torrar a farinha. É um mutirão familiar em que todos se apóiam.

Nas famílias, participei de atividades como: pescaria, busca de abóbora na roça, arrancar batata doce, acordar, dormir, pescar, tomar banho nos rios e buscar água. As casas não possuem água encanada e as mulheres caminham longas distâncias para pegar água nos rios. Notei que, algumas vezes alguns homens foram buscar água nos rios, embora a predominância desse trabalho seja exercida pelas mulheres. Os córregos, mais próximos das casas, secam durante o período das secas e a caminhada das mulheres pela água fica ainda maior neste período. Notamos que as casas não podem ser construídas muito perto dos rios por causa das enchentes na época das águas trazidas pelas chuvas.

Observei que as crianças da mesma casa andam sempre juntas, os mais velhos cuidam dos mais novos e todas as manhãs ou no início da noite elas fazem um fogo à beira do quintal, no monturo, termo usado por eles e ficam se aquecendo, no calor do fogo, onde conversam, dando risadas e contando “causos”. (histórias). Dormem muito cedo e levantam também muito cedo. Todas as manhãs o quintal da casa, isto é, o “terreiro” é varrido. São terreiros grandes que mesmo assim são varridos, como já vimos, pelas mulheres.

Depois de alguns dias que eu estava nesta comunidade kalunga, precisei falar com minha família e para isso teria de realizar um telefonema. Fui informada que precisaria andar umas 5 horas a cavalo ou 8 horas a pé. Como a saudade era grande, e eu já estava concluindo esta etapa de minha pesquisa, resolvi ir, enfrentando essa caminhada. Foi necessária uma caminhada de quase um dia, transpondo os limites do Estado de Goiás, chegando ao Estado de Tocantins, visto que era o lugar mais próximo da comunidade onde eu estava que possuía telefone.

Santino e Glacy Ellen, dois jovens moradores de uma das comunidades do quilombo Kalunga, acompanharam-me na caminhada. Santino, olhou para o céu e disse o horário, “são umas 10h30 da manhã”, pois ninguém ali tinha relógio. Eu tinha confiado no relógio do celular que ficou sem sinal ainda em Cavalcante, uma das cidades do pé da serra.

Fizemos o percurso montados em dois cavalos, Glacy Ellen foi na garupa comigo, enquanto Santino montava o outro. Após a longa viagem chegamos ao lugar de destino,

chamado de Campo Alegre, no Estado de Tocantins, Quando encontrei um orelhão, a essa altura já eram mais ou menos umas 18 horas, e estava bastante exausta da viagem. Depois da ligação, voltei até à casa de D. Ezita à beira do Rio Claro, onde jantei e pernoitei, continuando minhas anotações depois de degustar um delicioso bolo de crueira¹⁷ feito pela dona da casa.

Em virtude de um evento esportivo que aconteceria na região (o rally dos sertões), houve necessidade de antecipar em um dia minha saída de campo, especialmente, por causa das condições das estradas da região que se tornariam intransitáveis e impossibilitariam a passagem de carros por alguns dias.

Depois de analisar minuciosamente os dados colhidos na primeira viagem ao quilombo Kalunga e conversar com minha orientadora, programei um novo retorno a campo, no mês de setembro, na ocasião da festa de Nossa Senhora do Livramento, festa do Vão do Muleque, o maior festejo do Kalunga. Permaneci na festa por cinco dias.

Desta vez, com um pouco mais de maturidade, estava certa que iria pautar a pesquisa em um grau de exigência maior, para que fosse possível extrair o maior número de informações possíveis, bem como fazer mais entrevistas. Acreditei que ali era o momento ideal para isso, posto que praticamente todas as comunidades estariam presentes e, na festa haveria várias mulheres mais velhas.

Pela possibilidade de maior contato com essas mulheres, criei grande expectativa, porém a frustração emergiu quando percebi a existência de outros pesquisadores, de um cineasta que buscava informações para a realização de um documentário, de ONGs que fizeram projeto para a formação dos kalunga. Além disso, a conjuntura política daquele momento, não era favorável uma vez que era ano de eleição para governador. Os cabos eleitorais aproveitaram também para fazer propaganda, indo a todos os ranchos e apresentando os santinhos de seus candidatos.

¹⁷ Crueira: Quando fazem farinha, ao ralar a mandioca, ficam uns pedaços que não são ralados. Estes são colocados para secar e depois socados no pilão de onde se tira uma espécie de fubá que é usado para fazer bolo e mingau de crianças.

Percebi que os moradores, especialmente, as mulheres, foco de minha pesquisa, estavam cansadas de precisar conversar, atendendo pessoas diferentes e fornecer informações de suas vidas. A conjuntura dificultou a relação pesquisadora e pesquisados, por ter fragilizado os vínculos de confiança e os contatos, diminuindo a autoridade etnográfica.

Contudo, foi possível participar dos rituais festivos, da vida das pessoas na festa, realizar algumas entrevistas, observar o cotidiano e a rotina dos moradores. Após o exame de qualificação desta dissertação, foi necessário novo retorno a campo, no mês de junho de 2007. Desta vez, fui acompanhada por duas outras pessoas, a Sra. Sandra e o Dr. Marcos Vinicius. Ambos teriam de visitar várias comunidades para fazer uma orientação com relação à saúde da população, nesta oportunidade, foi possível visitar outras comunidades que fazem parte do quilombo Kalunga.

O ponto de chegada foi a comunidade Malhadinha, no dia da saída da folia de Santo Antônio, acontecimento que consiste em uma grande festa. Presenciei a chegada de pessoas de outras comunidades para a saída desta folia. A noite, em frente a um altar, onde estavam vários santos e a bandeira de Santo Antônio, iniciou-se uma reza coordenada pelas mulheres.

O ambiente sagrado pode ser descrito da seguinte forma: o chão, diante do altar foi forrado com um plástico, onde os rezadores se sentaram, um grupo composto de oito pessoas, sendo sete mulheres e apenas um homem. Num dado momento, fez-se silêncio; lá fora, soltaram alguns fogos, e as mulheres começaram a reza.

Primeiro, fizeram o glória ao Pai, depois rezaram alguns benditos, vários Pai Nossos, louvaram o santo com um canto difícil de entender, porque as palavras eram pronunciadas de maneira rápida e, de certa forma, “enroladas”, quase ininteligíveis. Ao final, a bandeira foi entregue ao alferes¹⁸ que a beijou. Com este ritual, estava aberta a

¹⁸ Pessoa responsável por carregar a bandeira.

saída da folia, que gira até o dia do Santo, 13 de junho quando volta para o mesmo local e é realizado o arremate. (arremate da folia).



Figura: 24 Ambiente de Oração
Fonte: Godinho



Figura: 25 Alferes recebendo a bandeira.
Fonte: Godinho

Assim, presenciei mais benzimentos, relacionamentos com os filhos, maridos, bem como a lida na casa. Foi interessante observar que mesmo nas festas, onde aparentemente parece ser um espaço propício para demonstrações de carinhos, uma vez que os casais, namorados estão por muitos dias juntos, num clima também de lazer, não notei nenhum comportamento de “gestos afetuosos”. O que vai de encontro com as observações de SILVA (1999).

Ao todo foram vinte e seis dias, em campo, fora os encontros em ocasiões específicas que ocorreram em Goiânia, um número relativamente pequeno, em se tratando de uma realidade tão específica. Além disso, por ser uma época de seca, não foi possível presenciar a mulher no trabalho de roça, situação tão comentada por elas em nossas conversas, o que poderá ser feito em outra oportunidade.

Embora o quilombo Kalunga seja formado por diversas comunidades como já mencionado acima o meu contato se deu apenas com as comunidades de: Salina, Vão do Muleque, Prata, Diadema, Ema, Malhadinha, Riachão, Saco Grande, Tinguizal e São Pedro, Engenho, Terezina de Goiás, Monte Alegre, Cavalcante. No entanto, nas grandes festas que estive presente entrei em contato com outras mulheres que embora morassem em comunidades diferentes destas visitadas, revelaram muita semelhança na dinâmica do seu cotidiano.

3.3– As Festas

De acordo com, uma publicação do Ministério da Educação e Cultura (MEC; SEF, 2001) destinada ao ensino fundamental, no tempo da colônia, época da escravidão, a festa sempre foi o momento em que os arraiais e as vilas se enfeitavam para celebrar acontecimentos especiais por todo o País. Havia festas em homenagem aos reis de Portugal que governavam o Brasil, para celebrar Jesus Cristo, a Virgem Maria, os santos de devoção, os padroeiros das cidades e os patronos das profissões e das irmandades religiosas. Ainda os santos mártires como: São Sebastião, Santo Antônio de Lisboa e São Gonçalo do Amarante.

Segundo esta fonte, essas festas eram constituídas de novenas, bandeiras dos santos, procissões, foguetório, música e dança, sendo anunciadas dias antes de sua realização por pessoas que saíam pelos sítios e fazendas, de casa em casa, cantando, dançando e pedindo dinheiro para os fogos, comida, bebida e prendas que seriam utilizadas nos dias das festas.

Essas pessoas eram chamadas foliões, mesmo durante a festa continuavam cantando e dançando pelas ruas dos arraiais indo de madrugada, romper a alvorada como prova de devoção. Assim, essas alegres apresentações sempre tiveram um profundo sentido religioso. Pois, para cada santo celebrado existia uma folia e seu grupo de foliões. (MEC; SEF, 2001)

Para Sena (2005), levas de paulistas e portugueses foram para Goiás a procura de minas de ouro e de escravo indígena. Muitos com sua escravaria, trazendo consigo suas crenças e costumes extraídos da religião católica.

Segundo o autor, ao se defrontarem com as dificuldades temerosas do sertão os colonizadores viam-se necessitados de referências protetoras e recorriam, então, a um caudal de mitos e dogmas. Conforme se arriscavam naquelas solidões de caminhos, movidos pelo desejo de encontrar riquezas ou de assentar fazendas, faziam desse traçado uma geografia mítica de santos e capelas. Brotam desse encontro coletivo das

solidões rurais, brotaram diversas festas de giros como as chamadas folias de reis e, sobretudo, as do Divino Espírito Santo, ou seja, símbolos de deidades masculinas e femininas de Goiás.

Embora recuado no tempo, é esse mesmo catolicismo mágico que constituiu a forma expressiva da mineração, seja na explicação milagrosa de muito dos achados auríferos ou na alteração da situação conjuntural do escravo. A memória topográfica regional ainda registra muitas consagrações de santos em serras e ribeirões, milagrosamente protegendo mineiros, escravos foragidos ou aqueles que ao encontrarem veios de ouros, os trocavam por carta de alforria. (SENA, 2006, p.110-111)

Em campo observei que os moradores kalunga carregam esse sentido mítico, mágico e religioso como elemento de forte expressão de sua cultura. Durante a pesquisa de campo pude observar que cada comunidade realiza celebrações para um santo próprio. Desta forma, no quilombo acontecem diversas festas para vários santos além das festas existentes nos grandes espaços com a reunião de todas as comunidades existentes no quilombo.

Nesses grandes espaços, acontecem três grandes festas religiosas: a do Vão de Almas, onde se celebra o Império do Divino e de Nossa Senhora da Abadia e de São José; na Festa do Vão do Muleque, se celebra o Império de São Gonçalo do Amarante, de Nossa Senhora do Livramento e de São Sebastião e na Festa da Salina, onde se levanta o mastro em festejo a São Sebastião, sem a celebração do império. Esses espaços são sempre à beira de algum rio e ficam longe das moradas, tendo em cada um deles uma pequena capela para onde os moradores se dirigem a cada ano, para celebrar rigorosamente as grandes festas, onde acontece a realização dos impérios.

De acordo com (MEC; SEF, 2001) os impérios são constituídos por um rei e uma rainha que assumem posição de destaque dentro do ritual da festa. O Imperador não reina sozinho, porque é sempre acompanhado de uma rainha. Atualmente no Vão de Almas o imperador reina sozinho, pois segundo os moradores, alguns anos atrás toda vez que escolhia uma mulher para o cargo acontecia algo de ruim com a mesma, assim entenderam que não era necessário escolher nenhuma mulher para rainha.

Para cada santo existe um Império e para cada imperador existe uma côrte, que, serve ao mesmo e a rainha durante a festa. Na côrte cada pessoa tem uma função: os alferes escoltam o imperador, os mordomos servem à comida e a bebida, o zelador cuida do espaço da festa, o encarregado da novena reúne os moradores para a reza, o capitão do mastro vai buscar no mato um tronco fino de árvore para fazer o mastro que será levantado na frente da capela com a bandeira do santo.

Depois da realeza está pronta para a cerimônia do império os alferes vão buscar em casa o imperador a rainha e sua corte e os saúdam antes do início do cortejo. Os alferes da adaga fazem à vênia¹⁹ ao imperador, com movimentos rápidos e precisos de seu grande facão. Em seguida, é o alferes da bandeira que reverencia o Imperador, agitando a bandeira, de um lado para o outro. Depois, fazem a saudação um para o outro, com a espada e a bandeira. Quando termina a saudação entre os alferes à saída do Império se inicia, deslocando-se o cortejo devagar e solenemente até a capela. A rainha usa um longo vestido branco com dourado brilhante e o rei um terno preto ou azul marinho, gravata, e coroa. Para acompanhá-los, há um casal de anjos, trajando roupas semelhantes.



Figura 26: Alferes, imperador, rainha e corte
Fonte: VINICIUS (2006)



Figura 27: Alferes da adaga, anjo e imperador
Fonte: VINICIUS (2006)

¹⁹ Licença, permissão, consentimento (...) 2. Desculpa absolvição, perdão. 3. Reverencia com a cabeça em sinal de cortezia. Novo Aurélio: 1999 p. 2056.



Figura 28: Festejos / Corte dentro do quadrado
Fonte: VINICIUS (2006)



Figura 29: Festejos / o imperador, a rainha e a corte
Fonte: VINICIUS (2006)

A frente do cortejo, vão os alferes. O imperador, a rainha e toda a corte vão no interior do quadrado formado por varões enfeitados de papel crepom, dentro dele, a corte fica separada do resto dos acompanhantes. Quando chegam à capela, os varões são erguidos, e o quadrado se desfaz. Então, o Imperador e sua corte caminham até a porta. Ali, os alferes mais uma vez os homenageiam como na saída, daí, então, todos podem entrar.

Na capela os mais velhos, sobretudo, as mulheres fazem toda a celebração, puxando a reza dos santos que aprenderam quando ainda eram jovens. Esta é uma tradição que foi sendo passada de geração a geração, e é por causa dela que foi possível manter a continuidade das festas. Mesmo existindo a presença de um padre, são os mais velhos que fazem as rezas na capela. E ainda exercem ofícios religiosos como: batizados e casamentos ao longo do ano.

Quando termina a cerimônia religiosa, o imperador, a rainha e sua corte saem da capela e mais uma vez o alferes da adaga e o alferes da bandeira os saúdam. Depois, escoltados por eles, dirigem-se para a casa do imperador, onde são servidas as comidas e a bebidas da festa. Pela última vez, na porta da casa, o imperador e toda a corte são saudados pelos alferes.

Ao entrar, dirigem-se para uma grande mesa, onde foram colocadas a comida e as garrafas de vinho, cachaça e refrigerante, cuidadosamente enfeitadas com papel crepom. Na sala, o Imperador e os membros da corte sentam-se em um comprido banco de madeira, especialmente reservado para eles, e ali são servidos pelos mordomos. Só

depois disso é permitido servir todas as outras pessoas que estão na casa, os convidados, as pessoas mais velhas, gente da família ou que ajudou na organização da festa.

No Vão de Almas nas noites dos dias 14, 15 e 16 de agosto acontece o levantamento dos mastros em homenagem ao Divino, à Nossa Senhora da Abadia e à São José. No Vão do Muleque nas noites dos dias 14, 15 e 16 de setembro acontece o levantamento dos mastros em homenagem a São Gonçalo do Amarante, São Sebastião e Nossa Senhora do Livramento. Tal levantamento consiste em um tronco longo cuidadosamente selecionado por algum morador destinado a este ofício de encontrar o pau do mastro. Este é levantado solenemente com orações, cantos e muita devoção, e, fincado no meio da praça em frente à capela. Durante o levantamento os moradores aproximam do mastro pois acreditam que encostar a mão no mastro no momento em que, o mesmo está sendo levantado, suas orações são ouvidas chegando ao céu.

Com velas de cera de abelha na mão, os moradores giram em volta do mastro e da capela por três vezes. Nesse momento estouram-se os foguetes. Depois, os foliões cantam os cantos de louvação aos santos acompanhados por alguns instrumentos que são normalmente, caixa, violão, pandeiros e zabumba. Logo em seguida, as mulheres vão dançar a sussa, ao som das bruacas e o violão. Seu ritmo é marcado pelas bruacas. A sussa é uma dança de devoção, dançada muitas vezes para pagar promessa. É nessa hora que as mulheres que tem uma louvação ou uma promessa começam a dançar agradecendo a sua graça. Dependendo do número de mulheres que querem brincar, agradecer e louvar a dança da sussa pode durar até a madrugada.

No final da festa faz-se um sorteio entre os moradores para escolher os novos festeiros: o imperador e a rainha que deve ser pessoas de famílias diferentes e toda a corte da festa do próximo ano. Esta é a última atividade da mesma. Estas festas constituem-se em uma das maiores expressões culturais realizadas dentro do quilombo kalunga, estas festas sempre foram para os moradores das diversas comunidades, uma manifestação de alegria, homenagens à vida e aos ancestrais. Mesmo quando seus antepassados estavam presos e escravizados no tempo da colônia, encontravam nos momentos de festas espaços para fortalecer sua crença e professar sua fé, não abandonando suas danças e cantigas (MEC; SEF, 2001).

As festas realizadas no interior do quilombo kalunga são reconhecidas como fruto de sua expressão cultural, em muito embasadas nas raízes do que têm sido a cultura afro-brasileira, re-elaborada a partir de um catolicismo apreendido e passados pelos seus antepassados de forma oral. Formando assim um grupo católico rural com vasto calendário de festas que são momentos importantes para os parentes reunirem-se, fortalecerem a fé, namorarem, lembrarem os antepassados. Segundo Émile Durkheim, servem:

[...] para manter a vitalidade das crenças [...], para vivificar os elementos mais essenciais da vida coletiva. [...] O grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais. (DUKHEIM, 1996 p.409).

A comunidade tem um ciclo de festas baseado nas épocas de plantio e colheita.

Quadro 1 – Festividades dos kalunga

FOLIAS				FESTAS			
MÊS	LOCAL	SANTO	DATA	MÊS	SANTO	LOCAL	DATA
JANEIRO	Riachão, Vão de Almas, Vão do Moleque	Reis	1º a 06/01	JANEIRO	Reis	Contenda Vão de Almas Vão do Moleque	06/01
FEVEREIRO	Limpa e cuidado com as roças			FEVEREIRO	Limpa e cuidados com a roça		
MARÇO	Limpa e cuidado com as roças			MARÇO	Limpa e cuidados com a roça		
ABRIL	Colheita			ABRIL	Colheita		
MAIO	Colheita			MAIO	Colheita e Preparo das Folias		
	Vão de Almas Vão do Moleque	Divino	Móvel. O fim da colheita marca o início da gira da folia	MAIO	Colheita e Preparo das Folias		
JUNHO	Sucuriú Vão de Almas Vão do Moleque	São João	Gira 08 dias antes ou depois da "Festa"	JUNHO	Santo Antônio São João	Contenda Vão de Almas Vão do Moleque, Riachão	11 a 13/06
	Vão do Moleque Contendas Vão de Almas	Santo Antônio São Pedro	04 a 12/06				23 a 25/06
JULHO	Riachão Vão do Moleque Vão de Almas	São Sebastião	11 a 20/07	JULHO	São Sebastião	Vão do Moleque (Salina)	19 e 20
AGOSTO	Vão de Almas	Senhora das Neves	05 a 12/08	AGOSTO	Império: N.S. D'Abadiá	Vão de Almas	05 a 12/08 12 a 15/08
SETEMBRO	Vão do Moleque	Senhora do Livramento	07 a 15/09	SETEMBRO	Império de São Gonçalo do Amarante N.Sa. Livramento São Sebastião	Vão do Moleque	05 a 13/09 15 a 16/09
OUTUBRO	Areias Tinquizal	São Simão N.S. do Rosário	07 a 15/10	OUTUBRO	São Simão	Kalunga	
NOV/DEZ.	Plantio						

Fonte: BAIOCCHI (1999)

Com base na pesquisa de campo percebi que as festas do quilombo Kalunga são repletas de cerimônias, que segundo seus moradores, são heranças trazidas pelos antepassados, primeiros moradores das comunidades. Isso dá indício de que esses primeiros moradores já chegaram nesse contexto com a cultura católica bastante assimilada, visto que as festas são de fundamentação católica. Os moradores mais velhos dizem que não há outra forma de celebração, desde sempre já aprenderam assim. Dona Joana conta que desde sempre, na época de festividades, as famílias dos Kalungas mudam-se para locais considerados espaços sagrados, onde os santos são exaltados. Lá constroem seus ranchos²⁰, formando uma cidade iluminada por lamparinas e permanecem no local até o último dia da festa.

As festas neste quilombo caracterizam-se, assim, como espaços de devoção, de diversão, de participação sociopolítica e de vivência de tradições culturais. Desta forma, ao nos reportarmos ao Kalunga e suas festas, podemos averiguar expressões que denotam um misto de realidade e encenação que podem ser vinculados a outras realidades. Como exemplo: os facões dos alferes como uma alusão ao orixá Ogum e a coroa usada pela rainha lembra o adorno utilizados por Iemanjá, orixá feminino cultuado em religiões afro-brasileiras. Segundo MEC; SEF: (2001)

Quando o cortejo do Império sai, alguém carrega uma sombrinha, cobrindo o imperador e a rainha durante o trajeto. Sempre foi assim, desde a época da Colônia. Naquele tempo, os escravos escolhiam os Reis de Congo que eram coroados na festa de Reis. E depois, nas festas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, eles saíam nas procissões cobertos por um guarda-sol. São esses cortejos antigos que até hoje são lembrados nas Congadas ou nos Maracatus e nas festas do Kalunga, juntando a imagem dos antigos reis negros com a imagem do imperador. (MEC; SEF, 2001, p. 59)

Ao término das festas, os Kalungas voltam para suas casas. A “cidade de ranchos” fica deserta; sem manutenção, os ranchos deterioram-se. No ano seguinte, começam a reconstruí-los.

²⁰ - Casas construídas de palha de coco de babaçu composta de um quarto, uma sala e uma cozinha.



Figuras 30 e 31: Espaço sagrado (sem festa) do Vão do Muleque.

Fonte: GODINHO (2007)

No quilombo Kalunga, as grandes festas continuam sendo um espaço para confirmação de suas tradições. É um espaço sociocultural que compreende as inter-relações de agrupamentos de pessoas com costumes semelhantes, construindo e partilhando os mesmos saberes e vivências. No entanto, os eventos religiosos como Sexta-feira Santa, Páscoa, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia e Natal são vividos pelos Kalungas de forma mais local, isto é, sem a presença das diversas comunidades, ficando mais restritas a vizinhança. Nestes dias, acontecem rituais religiosos em várias casas, com rezas de terços e ladainhas. As festas, portanto, constituem-se em um campo fecundo para estabelecer uma análise antropológica.

4. A MULHER QUILOMBOLA

4.1 – Presença nos quilombos

Os dados disponíveis não nos permitem conhecer com precisão o número de mulheres escravizadas trazidas para o Brasil e de quantas participaram da luta pela libertação. A história oficial da escravidão e de sua extinção dá a impressão de que apenas os homens não se adaptavam ao cativeiro e ao trabalho árduo de sol a sol. No entanto, as mulheres também não aceitaram tal situação e lutaram com eles, tendo participação ativa e, muitas vezes, decisiva em determinados intentos de libertação. Sendo assim, não se pode deixar que as mulheres negras passem pela história como meras coadjuvantes.

Para Schumacher e Brasil (2006, p.23), “*nas últimas décadas do século XVI, as mulheres africanas começaram a chegar ao chamado Novo Mundo (...). Desde os primeiros momentos resistiram, lutaram e geraram soluções*”.

Segundo os mesmos autores, dois aspectos representam verdadeiras lacunas na documentação histórica dos quatro primeiros séculos: a escassa informação sobre a estrutura interna dos quilombos e um enorme silêncio a respeito da participação das mulheres mocambeiras²¹. Só em alguns grandes quilombos aparecem indícios de lideranças femininas, assim como das estratégias utilizadas pelos habitantes para manterem suas famílias protegidas.

Acotirene e Aqualtune foram mulheres que exerceram influência no célebre quilombo de Palmares, em Alagoas. Em alguns escritos, encontram-se narrativas sobre uma rainha, não se sabe se africana ou brasileira, de nome Teresa, que teria sido a líder

²¹ Mulheres que viviam em ajuntamentos de negros, denominados mocambos.

do quilombo de Quariteré no Mato Grosso. Após chefiar a fuga de um grupo de negros e índios, diz-se que se instalou próximo a Cuiabá, não muito longe da fronteira com a atual Bolívia.

Durante duas décadas, Teresa impôs tal organização a Quariteré, e o quilombo sobreviveu até 1770. Contava com um parlamento, um conselheiro da rainha e um sistema de defesa com armas trocadas com os brancos ou furtadas nas propriedades vizinhas. No mocambo, mantinham uma agricultura de algodão e de alimentos muito desenvolvida, assim como possuíam teares com os quais fabricavam tecidos.

Ainda segundo o autor, outro relato que chegou até os dias atuais diz respeito às irmãs Francisca e Mendecha Ferreira que, com mais quatro mulheres, fugiram das senzalas em busca de um lugar com liberdade e segurança. A história oral aponta o início do século XIX, mais precisamente 1802, como o ano em que seis mulheres chegaram à região de Salgueiro, em Pernambuco, onde fundaram a comunidade hoje conhecida como Conceição das Crioulas.

Outra liderança mocambeira teria sido Zacimba Gambá da capitania do Espírito Santo. Há, ainda, o nome de Mariana Crioula do quilombo de Manuel Congo que, em 1838, após uma grande rebelião, se instalou no interior da então província do Rio de Janeiro. Do mesmo modo a já citada, Zeferina, na década de 1820, que comandava os combatentes do quilombo do Urubu em uma revolta ocorrida nos subúrbios de Salvador, Bahia. Reis relata que:

Zeferina, “rainha” dos quilombos do Urubu, que se levantou em 1926. Durante a luta, empunhando arco e flecha, ela se destacou como líder e, segundo uma testemunha, “custou muito a se entregar, antes fazia muita diligência para reunir os pretos dispersados. (REIS, 1995/1996).

Fala-se também de Felipa Maria Aranha que teria chefiado um grande mocambo entre Grão-Pará e Tocantins em meados do século XIX e ainda há anotações sobre Mãe Domingas, responsável pelo surgimento da comunidade quilombola de Tapagem à margem direita do Rito Trombetas, no Pará.

Provavelmente em alguns mocambos, a população feminina fosse bem maior do que os estudos têm até aqui apontado. Como tática, alguns grupos mantinham suas mulheres e crianças em locais mais seguros, em acampamentos afastados, onde dificilmente seriam encontrados pelas expedições de captura.

Assim como em outras centenas de comunidades negras rurais espalhadas de norte a sul do Brasil, os agrupamentos do Baixo Amazonas preservam na memória algumas lembranças de suas ancestrais. Conta-se que nos momentos de ataques das tropas inimigas, as mulheres tinham a função de esconder o máximo possível de grãos de milho e arroz sob seus cabelos e fugirem rapidamente para o interior da floresta. Era a partir desses grãos que os habitantes dos quilombos reorganizavam suas economias em outros lugares (SCHUMAHER E BRASIL, 2006, p. 82 – 85).

Estas histórias de mulheres quilombolas mostram o quanto estiveram presentes no processo de libertação e conquista de seus direitos com seus companheiros sempre batalhando e lutando pela sobrevivência de todos ao longo de nossa história. Como elas as mulheres kalunga também apresentam aspectos que as denotam como continuadoras desse processo. Elas estão presentes de forma ativa nos principais acontecimentos da comunidade, como veremos a seguir.

4.2 - Histórias de vidas

A História Oral de vida é uma modalidade que trata da narrativa do conjunto das experiências de vida de um indivíduo. Sua prática ressalta a importância de experiência individual, garantindo sentido social à vida do depoente e leitores que passam a entender a experiência e sentir-se parte integrante do contexto em que vivem (MEIHY,1998).

No meio acadêmico, a História Oral é bastante discutida, pois existem divergências em suas bases conceituais. Assim, é vista por alguns como uma ferramenta ou técnica; por outros, como método e até disciplina. Existe consenso em relação à seu perfil multidisciplinar. Neste estudo, a História Oral foi usada como ferramenta para levantamento de dados sobre a experiência de vida de mulheres Kalunga.

O projeto de História Oral de vida cria oportunidades de participação na experiência humana de forma profunda e comovente, que pode ser realizada em qualquer lugar, pois toda a comunidade traz dentro de si uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações à espera de alguém que a traga para fora (TOMPSOM, 1998).

Neste sentido, buscar compreender a experiência de vida dessas mulheres em seu dia-a-dia, por meio da história oral de suas vidas, tem o objetivo de dar voz ao silêncio no movimento de revisitar os sistemas de símbolos e significados que compõem sua cultura.

A base da História Oral é o depoimento gravado, tornando-se necessário usar alguns pressupostos indicados por Meihy (1998): - Agendar as entrevistas, de acordo com a conveniência do (a) depoentes:

- Comparecer ao local no horário e data agendados;
- Solicitar consentimento prévio para uso do gravador e das fotos;
- Possibilitar a criação de uma atmosfera solidária e de aconchego que propicie a narrativa.

Entrevistamos oito mulheres acima de 40 anos que na opinião dos moradores ocupavam posições diferenciadas nas comunidades Kalunga, com a intenção de levantar suas histórias de vida. Preenchendo os requisitos recomendados, porém, tivemos enormes dificuldades em conseguir obter seus relatos. Nossas depoentes apesar de se disporem as entrevistas, se encontraram muito fechadas e falando muito pouco e utilizando falas soltas. Também se repetiram bastante, apesar de terem realizados seus depoimentos em lugares e horários diversos. Uma do Riachão, uma do Córrego Fundo, duas do Vão do Muleque, uma do Malhadinha, uma do Corrente, uma de Saco Grande e outra de São Pedro.

Apresentamos aqui apenas os quatro relatos que nos pareceram mais significativos. Tratando-se de uma comunidade de tradição oral, e de pessoas de

grandes vivências, esperávamos relatos mais ricos. É possível que a forma peculiar que os moradores Kalunga têm de lidar com as situações leva a não dar importância a aspectos relevantes de suas fases de vida. Como por exemplo: ao falar da infância, os moradores resumem como infância boa, o fato de ter crescido com saúde. Mas a saúde pode estar associada ao fato de estarem vivos, “*Minha vida é boa, pois estou viva, né?*” Não verbalizando, aspectos que constituem e torna importantes essas fases da vida como: doenças infantis, brincadeiras, namoro, vida familiar e etc. Ao serem perguntadas sobre esses assuntos, as respostas eram:

Crescemos aqui, no mato, desde cedo aprende a trabalhar, se tem uma doença toma um remédio e passa, é assim, depois conhece um rapaz e casa, tem seus filhos e vai levando a vida até quando Deus quer. (Dona Procópio)

Por outro lado, pode ser que a situação de entrevista falar para um gravador, a uma pessoa estranha, num horário convencional, possa ter contribuído com a falta de mais dados nos relatos.

A) Primeira depoente: **Procópio²² dos Santos Rosa -75 anos**, rezadeira, benzedeira, parteira e militante. Pertencente à comunidade do Riachão, localizada dentro do núcleo Kalunga.

A família de dona Procópio é constituída pelo marido e dois filhos. Falar de sua história, é tecê-la com a história do quilombo kalunga. Sua avó nasceu e permaneceu na comunidade, o mesmo acontecendo com a mãe, Não foi diferente com ela que nasceu e viveu neste local. Seu sonho era ter muitos filhos, porém só teve dois, segundo ela: “*vontade eu tinha de ter mais, muitos, mas Deus não quis*”,

Aprendeu desde cedo a cuidar da casa e a vivenciar o exercício da partilha entre as famílias mais próximas. Era ainda criança quando aprendeu a cantar bolé²³. Cantava

²² Procópio dos Santos Rosa. Parteira do Quilombo Kalunga, GO. Foi, em 2005, uma das 52 brasileiras indicadas ao Prêmio Nobel da Paz. (SCHUMAHER e BRAZIL, 2007, p. 184)

²³ Segundo seu Tico, O bole é uma dança que exige muito do dançador, pois quem dança tem que saber cantar os versos, que são improvisados em forma de desafios, que vão jogando um para o outro. E quem entra na dança tem que jogar outro verso e vão intercalando. Esta dança já quase que não existe mais. (Sr. Tico)

o bolé, a ronda²⁴; dançava a sussa²⁵ e ainda ensina estas danças pra quem não sabe, pois, segundo ela: “foi Deus que deixou a sussa, (...) pra todo mundo brincar”,

Dona Procópia nunca foi a escola, casou-se muito jovem, conheceu seu marido ainda menina e vive com ele até hoje. Ele também já era morador da comunidade. Dona Procópia aponta a relação que as moças do seu tempo tinham com o casamento: “no meu tempo as moças não tinha essa liberdade de arranjar marido fora daqui não!” O que não acontece com as jovens kalunga de hoje.

Dona Procópia sente as mudanças de perto quando vivenciam em sua família comportamentos diferentes do até então tido por ela como tradição, e relata com insatisfação o comportamento de suas netas: “uma casou-se com um candango²⁶, a outra já pegou marido em Monte Alegre.” Não só os costumes foram mudando através do tempo, mas pertencer ao kalunga, agora tem outro significado; no mínimo, de orgulho.

Dona Procópia é um ícone do kalunga, ela exerce na sua comunidade o ofício de partejar e é muito procurada pelos moradores, todos confiam em seu trabalho. Segundo ela, “antigamente a mulher tinha 10, 12 filhos, e muitos desses foi eu mesma que despachei”. Ofício esse, muito necessário e de bastante prestígio na comunidade. É também rezadeira e uma liderança para proteger as terras do Kalunga. Foi também uma brava guerreira contra a projetada desapropriação de terras do quilombo por causa do projeto de construção da Hidroelétrica de Furnas.

Com a iminência da construção da hidroelétrica, se tornou grande ativista do movimento em defesa de suas terras, e junto com Baiocchi teve um papel, também, de intermediadora entre os quilombolas e os “de fora” para a obtenção das escrituras de

²⁴ Segundo a explicação de Dona Procópia, a dança da ronda é feita como uma espécie de dança de roda ou ciranda, onde os pares são formados no início, as pessoas vão girando, trocando de pares até chegar no final da dança no seu par inicial.

²⁵ De acordo com o novo dicionário Aurélio: Súcia. {Der. Regress. De sociedade, pronúncia inculta de sociedade] S.f. Agrupamento de pessoas de má índole e/ou mal-afamadas; matula, mamparra, malta, manada, corja, caterva:”Viu-o atirar o insulto duríssimo, quase com repugnância – era uma súcia de poltrões”. Suciara: 1. Fazer parte de uma súcia. 2. Vadiar, vagabundar. (FERREIRA, 1999, p.1898)

²⁶ Nome que os africanos designavam os portugueses. 2. Tipo desprezível; vicioso; mequetrefe. 3. Trabalhador braçal vindo de fora da região. 4. Nome que se designam os trabalhadores comuns que colaboraram na construção de Brasília. (Novo Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 1977, p. 345)

suas terras, Dona Procópia organizava assembléias e discussões em sua casa, que teve desdobramentos em reuniões no Estado de Goiás / Goiânia e Brasília.

Sua luta continua pelo reconhecimento das terras como terras de remanescentes de quilombo e pela regularização da documentação dos moradores.

B) Segunda depoente: **Francisca José de Souza – 49 anos**, benzedeira e conselheira. Pertencente a comunidade da Prata, localizada no núcleo Vão do Muleque.

Dona Francisca, nasceu, criou-se no kalunga e nunca saiu de lá. Seus pais foram moradores antigos da mesma região de quem herdou a terra onde mora com seu marido e seus filhos. Nas suas falas tem sempre expressões que denotam um descontentamento com a realidade em que vive: *“a vida aqui é muito dura, o lugar é difícil, mulher e homem trabalha muito, pois se não trabalha não dá”*. Conheceu seu marido desde pequena, vivenciaram junto a infância e quando adultos, casaram-se.

No Kalunga, além de benzedeira, procurada por muitos moradores, Dona Francisca também, costuma aconselhar os mais jovens ou outros moradores que a procuram na tentativa de sanar alguma situação difícil.

Dona Francisca reconhece que as pessoas valorizam seu trabalho e isso traz para ela uma satisfação muito grande em viver e exercer tais funções aprendidas com seu avô no convívio com a comunidade. *“As pessoas valoriza meu trabalho, é de muita valia, pois não tenho outra sabedoria, minha fia, é essa mesmo. Aprendi com meu avô”*. Como dona Procópia, dona Francisca também nunca foi à escola.

C) Terceira depoente: **Santina dos Santos Rosa- 70 anos**, benzedeira e rezadeira. Pertencente a comunidade do Bezerra, localizada no núcleo Corrente Vão de Alma.

Dona Santina nasceu e se criou na região do Kalunga, nunca foi à escola, sua família é composta de marido e doze filhos, quarenta e três netos e nove bisnetos. Na sua comunidade exerce a função de benzedeira de quebrante²⁷, dor de cabeça, mau olhado e indicação de raízes para remédios. Descendente de antigos moradores do quilombo Kalunga, seus pais viveram e morreram nessa região.

²⁷ 1. Suposto estado mórbido que se diz produzido pelo mau olhado de certas pessoas, nas crianças, nos animais, nas plantas e até nos alimentos; mau olhado. 2. Abatimento, desanimo, fadiga. 3. Poét. Desfalecimento, prostração. (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 1977, p. 1433).

Na infância, viveu com seus irmãos, com quem brincava, armava arapuca, pescava e percorria a região conhecendo as diversas plantas e construindo com o apoio dos mais velhos, em especial o avô a base de seus conhecimentos, que vem utilizando ao longo da sua vida. Quando adulta, conheceu seu marido, com quem se casou na fogueira, ele também é descendente de moradores da região. Como benzedeira é muito requisitada pelos moradores. Dona Santina acredita que: “tendo fé em Deus e fazendo benzimento não há males que não cura”.

D) Quarta depoente: **Teodora Fernandes de Castro Moreira** 44 anos, militante. Pertencente a comunidade de São Pedro localizada no núcleo Kalunga.

A família de Dona Teodora é composta pelo marido e seus filhos. Ao falar de sua infância lembra das brincadeiras de criança, da dança da sussa, fazer boneca, assistir as folias, principalmente a de Santo Reis. Conta que, como hoje, antigamente todo mundo participava das festas. A escola, só conheceu quando adulta, porém somente permaneceu nessa, o tempo necessário para aprender a fazer seu nome, saindo logo depois devido a males de saúde. Quanto a sua origem, nasceu e vive até hoje no quilombo kalunga, seus pais também sempre segundo ela foram dali mesmo. Lembra que seu avô: “ *Conheceu os revoltosos. Revoltosos era aquele que chegava, mandava na mulher da pessoa, no marido e nos filhos, eles corriam e escondiam, quando falava: - “ta vindo os revoltosos!” eles escondiam dentro dos morros, na mesma da hora que faziam comida, tinham que apagar o fogo, para não ver a fumaça, pois quando eles chegavam nas casas e tivessem crianças, jogavam na ponta da faca e furavam, então a gente tinha medo, pegava e corria e ficávamos na serra com medo, só vínhamos em casa de hora em hora, de dia em dia, depois que via que não era e que não vinham mesmo, que quietava tudo, aí a gente voltava todo mundo pra casa. Isto que meu pai contava aquele povo mais velho, eles tudo falava isso*”. Possivelmente Dona Teodora esta se referindo a Coluna Prestes²⁸

²⁸ Movimento social militarista que percorreu cerca de 24 mil quilômetros no Brasil (de abril de 1925 até março de 1927). Este movimento social teria objetivo de “propagar a idéia de revolução e levantar a população contra as oligarquias”. A Coluna Prestes cruzou o Planalto Central e passou na Região da Chapada dos Veadeiros. (FAUSTO, Boris. *Historia do Brasil*. São Paulo, EDUSP, 1996, p.309 -311).

Sua educação escolar, não teve como base a escola tradicional, foi educada no seio familiar. Desde menina ela e seus seis irmãos, aprenderam que: *“não podíamos responder mal, nem maltratar os mais velhos”* além disso:

Tudo que minha mãe mandava fazer a gente ia fazer. Buscávamos água no rio, na cabaça²⁹, e tinha mais, na cabaça, e não podia quebrar esta cabaça e nem o pote que se quebrasse a cabaça ou o pote, furava os cacos e faziam um rosário e botava no pescoço da gente (...) Ficava uns três dias isso, era por que quebrava para tomar vergonha e não quebrar mais! (risos). (Dona Teodora)

Para dona Teodora ainda hoje, muitas tradições perduram, dentre elas a cerimônia do “casamento na fogueira”. Na sua época, o velho José de Lucácia, hoje há muito falecido, realizou sua cerimônia e a de sua irmã, Helena. As mulheres do Kalunga mesmo tendo o padre preferem casar primeiro na fogueira.

Segundo ela, mudanças aconteceram, como por exemplo, antigamente as mulheres iam tendo filho até quando Deus quisesse, a média era de dez ou mais. Ela mesma conta que teve 13 filhos. Hoje, algumas mulheres que sabem e vão na cidade já pega no Posto de Saúde, remédio e toma e a média de filhos entre as mulheres mais novas é de três filhos.

O seu dia a dia, não difere das demais mulheres na comunidade Kalunga. Em suas palavras:

Ela levanta, tira o jejum, lava a louça, faz almoço, limpa a casa, se for no tempo da roça ela via para a roça, panhar garrancho, capinar, quando chega em casa vai socar arroz no pilão, para cozinhar e de noite vai fiar³⁰ para fazer cobertas e roupas, as mães sempre chamam as filhas para esta atividade, a minha dizia: “vão embora fiar, meninas”. (...) Todas as mulheres kalunga trabalham, todas, todas, todas. (Dona Teodora)

As oito mulheres indicadas pelos moradores como elementos de destaque no seu meio eram na sua maioria, parteiras, benzedeiras, rezadeiras, raizeiras ou militantes,

²⁹ De acordo com o novo dicionário Aurélio: Cabaça 1. {De or. Pré-romana, poss.} s.f.1. Bot.V.cabaceiro amargoso. 2.V. porongo (1 e 2): “Uma cabaça foi posta contra os seus lábios, e bebeu dela,avidamente”.3. V. cabaço. 4. Brs. BA Folcl. Cabaço coberto de um rendilhado de lagrimas-de-nossa-senhora,us. Como instrumento musical nos candoblés; age, ágüe, piano-de-cuia. {F. paral.: cabaço[. (FERREIRA, 1999, P. 347)]

³⁰ Fazer linhas para tecer o pano no tear.

termo que uso para qualificar as que vêm se destacando em papéis mais recentes, de luta pela terra ou de elementos de contatos com a cidade. Os quatro relatos selecionados evidenciam, ainda que suscintamente suas vivências nessas áreas.

5 – O LUGAR DA MULHER: VIVÊNCIAS FEMININAS

5.1 – A mulher kalunga na família e na comunidade

Percebe-se a importância que as famílias atribuem ao fato de possuir casa própria. Desse modo, cada família tem sua própria casa. Quando a moça casa, normalmente, a casa dos dois é construída perto da casa do pai do noivo. Os casamentos costumam acontecer entre os próprios parentes, normalmente entre primos. A família extensa é composta por pais, irmãos, tios, primos e avós que se ajudam e há grande confiança entre seus membros.

No que se refere aos cuidados com os recém-nascidos as mães reservam a eles o direito do leite materno; quando já um pouco maior, uns quatro meses, tomam mingau de crueira³¹ feito com leite de vaca. A partir de uns 8 meses, alimentam-se com a mesma alimentação dos adultos, embora continuem mamando no peito da mãe, dependendo da mãe a criança mama até seus 3 a 4 anos de idade. Percebi que as crianças brincam livremente pelo terreiro, correm, saltam, colhem flores para brincar, os meninos constroem carrinhos e animais da madeira do buriti e as meninas fazem bonecas de pano. Observei meninos com aproximadamente 5 anos de idade, andando pelados normalmente.

As mães não costumam conversar e orientar as filhas sobre menstruação. Varias mulheres falaram de suas dificuldades com a primeira menstruação como relatou Dona Eunice:

Eu costumo me lembrar do susto que tomei, eu era muito nova quando menstruei fiquei perguntando o que era aquilo que acontecia comigo, achei que tava doente ou tinha machucado e fui contar pra minha mãe, e vou pro rio me lavar. Ela me respondeu: lavar *de nada* adianta, pode ir se acostumando todo mês à mulher sangra. (Dona Eunice)

³¹ De acordo com o novo dicionário Aurélio: Crueira1. {Var. de curuera.} S.f. Brs. Angol. Resíduos da fabricação da farinha de mandioca, que, por grosso, não passam na urupema ou peneira; quirera. {Outras var. (bras.): caruera, corera e crueira.} (FERREIRA, 1999,p.586)

Durante minha estada em campo, percebi que na educação das meninas é mais rígida que a dos meninos do que as dos meninos. Aos 6 anos, elas já realizam algumas atividades domésticas com qualidade de um adulto. Constatei isto, quando vi uma menina de 7 anos, matar e limpar uma galinha: Ela jogou milho no quintal, as galinhas se juntaram, ela pegou uma delas pisou no pescoço, cortou o pescoço, aparou o sangue, depenou na água quente que antes já havia colocado pra ferver, sapecou³², limpou-a no rio, cortou e entregou para a mãe. Desse modo, a menina é preparada para as funções do lar, aprende prendas domesticas e forma de comportamento, conforme fala dona Eunice “*A mãe ensina que não pode sentar de qualquer jeito, não pode vestir curto e nem ficar com umbigo de fora*”.

O menino também participa de um processo educativo voltado para as prendas domesticas até por volta dos doze anos, ele ajuda a buscar água, varrer o terreiro, acender o fogo, separar grãos de arroz e cuidar dos irmãos menores, ou seja, até essa idade eles estão muito próximos da mãe. A partir daí, ele passa a acompanhar o pai assumindo atividades tipicamente masculinas, como: cuidar dos animais, pescar sozinhos e outras atividades do campo. No entanto atividades como: cuidar da plantação, pescar e armar arapuca³³ são comuns aos meninos e meninas.

Entre as famílias mais próximas existe o costume de “vizinhar-se”, o que acontece da seguinte forma: quando uma família dispõe de uma caça, uma pescaria grande ou algum alimento que não consomem no dia-a-dia repartem sempre com a outra família. Além disso, existe a prática de pedir emprestado quando não se tem alguma coisa, ficando a pessoa isenta de pagar o empréstimo, reservando-se o direito de emprestar quando o outro se encontra desprovido de algo que o outro possa emprestar.

A ajuda mútua em forma de mutirões desde a construção de uma casa a outros serviços como a fabricações de farinhas, limpeza de roças e para plantações diversas são práticas constantes no quilombo Kalunga.

³² Termo utilizado por moradores de regiões rurais para designar o ato de passar o frango no fogo para queimar levemente as pequenas penas que resistiram a limpeza com a água quente.

³³ Armadilha para apanhar passarinhos. (FERRERA, 1998, p 38)

Para Marcel Mauss (2003), embora as trocas tenham um caráter voluntário e gratuito, desempenham também uma função social e moral, estabelecendo vínculos de relações entre as pessoas e grupos, tornando-se de certa forma obrigatórias, pois acabam estabelecendo um compromisso de retribuir ao outro a dádiva recebida. Para ele:

O caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, é, no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo (..), quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico.
(MAUSS, 2003, p.187-189)

No que diz respeito a função do mulher, no lar, ela é a responsável pelos filhos, pelo transporte de água, pelo cuidado com a roupa e a elaboração da comida, e, se for época de plantio, colheita ou de alguma realização de atividade na roça, ela vai ajudar o marido nos trabalhos da roça.

Percebe-se que o cuidado e a responsabilidade da família está a cargo dos dois, homem e mulher, porém, é visível que o homem detém o papel de chefe, dentro da dinâmica familiar a última palavra é a dele.

Atualmente com a introdução de novas realidades dentro do quilombo Kalunga, pode se dizer que é possível vislumbrar uma mudança nessa dinâmica, como por exemplo: Em conversa com algumas mulheres, percebi que hoje várias mulheres vão mais as cidades vizinhas o que não acontecia no passado. Algumas vão vender suas produções, comprar algumas coisas pessoais e até receber suas aposentadorias. O governo destina cestas básicas ao quilombo e estas são entregues as mulheres, outro fato também é que, muitas jovens estão saindo para trabalhar e estudar nas cidades vizinhas o que leva o pai a já não ter tanta autoridade sobre a filha, perdendo o poder de opinar na escolha de seu “destino” (marido). Assim, as mulheres vão ganhando mais autonomia e aos poucos vão tornando elas mesmas suas referências.

Nas falas das mulheres, existe uma percepção das mudanças e muitas das dificuldades são contadas como parte do passado: “Houve mudanças sim, antes

praticamente todas as mulheres se casavam. Eram criadas para isso, muitas vezes, os pais eram quem arrumavam os casamentos, eles pressionavam e queriam que as filhas fizessem bom casamento. Hoje se casam menos e não existe esta pressão” (Eunice).

Dona Nicácia fala da interferência dos pais na vida das filhas e conta como eram arrumados os casamentos: *“Meus criadores foram ensinando: Olha aí fulano, beltrano, aquele ali é trabalhador e, assim, fui conhecendo os rapazes. E aí eu casei, e não vou negar, eu casei foi na marra porque no meu tempo a gente não escolhia marido. Eram os criadores que arranjavam casamento para as moças. Se a moça falasse que não queria casar com o rapaz, era aí que ela casava. Os pais obrigavam a casar justamente com o que ela não queria. Porque eram os pais que escolhiam. Eu não queria casar com meu marido, então, eu falei que casava, mas não vivia com ele e casei, mas não vivi. Eu não tenho um mau coração de pensar nada ruim para alguém, com isso meu coração é limpo. Depois que eu larguei dele, fui viver a vida trabalhando e tocando minha vida” (Nicácia).*

Dona Lourença vive uma realidade parecida, *“Uê ele era daqui, e naquele tempo era assim, nem que a pessoa não quisesse, falasse que o homem era bom pá trabalhar, aí a coitada fia, tá casando” (Lourença).* As que têm ciência das mudanças ocorridas no quilombo muitas vezes as apreciam: *“Hoje do meu tempo pra cá, ficou mais diferente, os mais novos tem estudo” (Izabel Lima Conceição).*

Embora tenham o direito às terras, garantidas na Constituição, sua regularização ainda continua em andamento e na defesa do direito à moradia, as mulheres kalunga estão acompanhando de perto a luta pela demarcação de suas terras, tanto quanto os homens, marcando presença nas reuniões que acontecem para tratar deste e dos demais assuntos referentes à sua comunidade. Os moradores vêem suas participações como um fato muito importante para todos.

A respeito desta atuação, foi possível colher alguns depoimentos, inclusive masculino:

Temos algumas mulheres que são nossas representantes aqui. São: Santina, Marina, Preta, Isabel, Cassimira, Deuselina, Evangelha. Elas são moradoras do Vão do Moleque. Elas ajudam na organização do povo Kalunga, fazem reuniões

de Associação, para discutir questões de roças, tratores e distribuições de cestas de alimentos e questões relacionadas à saúde. Acho que elas fazem bem, ajuda muito a gente. Elas representam tudo que pode trazer de bom para nós. As mulheres têm mais forças do que os homens. Têm mais garra porque as mulheres sempre estão presente e falando mais nas reuniões. Elas falam tudo o que precisa, acho elas mais dispostas para nos representar (Santino)

Não podemos dizer que somos reconhecidas pelo que fazemos, um acha bom outro não. O nosso trabalho é ajudar para que todos tenha a mesma oportunidade que todo o mundo tem. Tem pessoas que corre da gente. Nas atividades de reivindicações de direito para o povo kalunga, as mulheres representa o povo mais que os homens, pois ao menos barulho a gente faz. Isso pra mim é uma honra, a gente estar incentivando as pessoas (Evangelha)

Na Reunião, se fala tudo, da nossa terra, da saúde e da cesta do governo. (Dona Domingas).

Uma das prioridades da mulher kalunga é a família, assim forma uma grande comunidade que se estende a laços consangüíneos. A expressão “*todos aqui são parentes*” é comum, mas a comunidade parece ser pouco para descrever a importância que a família representa para a mulher Kalunga.

5 . 2 - Mulheres kalunga nas festividades

A mulher kalunga é alegre, animada e festeira. Além das diversas atividades exercidas por elas neste quilombo, há nas festas funções que são de inteira responsabilidade feminina. Elas cuidam dos principais preparativos da festa, desde a saída de sua casa, preparando o que deve ou não levar, uma vez que vão ficar vários dias fora até o término da festa. Todos, mulheres, homens e crianças, ficam abrigados no lugar onde é realizada a festa. No local, não mora ninguém fora do período de festas, os moradores das comunidades pertencentes ao quilombo Kalunga viajam a pé ou a cavalo em razão da distância entre algumas comunidades, para chegar aos lugares, onde são realizadas as festas. Nestes, todos os anos são construídos novos ranchos e renovados os do ano anterior.

Todos têm que permanecerem no espaço até o final da festa. Existe uma crença de que não se pode sair do espaço da festa antes que esta termine. No mês de setembro, por ocasião da festa do Vão do Moleque, eu, por motivos pessoais, fiquei sabendo que talvez precisasse sair um dia antes de seu final. Todos me aconselharam a não ir embora, pois segundo os costumes do local, quem sai antes da festa terminar pode sofrer alguma coisa ruim. Fui até o imperador e conversei com o mesmo, que me deu sua bênção e licença, caso eu necessitasse sair, com a sua permissão estaria livre de sofrer algum malefício do santo.

A ornamentação fica a cargo das mulheres, sendo delas a iniciativa de cuidar do altar, arrumar os santos, enfeitar a bandeira, chamar para as novenas, tirar a reza. É delas também o papel de promesseiras, ou seja, são elas que costumam fazer promessa, pedir ajuda a algum santo em benefício de alguém de sua comunidade, que pode ser desde a cura por alguma doença a ajuda na realização de um negócio. O que não significa que os homens não façam promessa, mas, nas festas, e folias a que estive presente, observei que somente as mulheres cumpriam (cumpriram) promessas.

Existem diversos tipos de promessa que são feitas, geralmente, para a cura de alguma doença. Promessa é coisa tão seria que a mulher poderá participar no giro da folia, desde que seja para cumprir uma promessa, pois, somente os homens formam o grupo de foliões e conduzem a cantoria específica de cada folia. Ou seja, o “ofício de folião é masculino”. Algumas pessoas justificam que é pela dificuldade das andanças que este ofício acarreta.

Enquanto a folia gira pela região, no espaço sagrado a festa continua, todos os dias acontecem às novenas que conforme, vimos são conduzidas pelas mulheres rezadeiras. Ao todo, são nove dias de reza, culminando com o dia da grande festa e o arremate da folia. Para cada dia de novena a uma pessoa responsável, o noveneiro. As novenas além do papel religioso exercem uma função social bastante importante, já que são elas que mantêm o entusiasmo e a festa no espaço “*sagrado*,” enquanto a folia gira.

Nas folias, existem algumas normas bastante sérias que são observadas pelos foliões, por exemplo: foliões não podem namora, xingar³⁴, nem ter relações sexuais durante o giro da folia. Existem, contudo, alguns momentos em que essa rigidez pode ser 'quebrada'. Nestes momentos, acontecem brincadeiras como: tirada de versos dirigidos aos moradores da casa, tirada de versos às moças presentes e a realização de uma dança local, tipicamente feminina, chamada sussa. Alguns homens podem dançar a sussa, mas, só a convite das mulheres. Tal dança é utilizada pelas mulheres, como forma de louvação ou agradecimento por uma graça recebida. Dizem que a sussa é dançada por todas as mulheres, sejam elas, crianças, jovens, ou mais velhas, embora nas danças presenciadas por mim, somente as mulheres mais velhas dançaram a sussa nos momentos oportunos.

A sussa acontece nas casas onde são realizados os pousos das folias ou nos espaços sagrados onde são realizadas as festas, tendo seu ápice na subida e descida do mastro. *“Nas comunidades Kalunga, a sussa é o único evento com música onde a presença da mulher é indispensável como instrumentista”* (SIQUEIRA, 2006). Elas batem nas tampas das bruacas³⁵ e produzem os sons e rituais que são dançados por elas. As músicas são criadas pelos (as) moradores e transmitidas oralmente e incluem um repertório musical que fala de suas realidades.

Eu cresci aí no tempo, briqueitando³⁶ com a vida, cuidando das coisas de casa, brincando no cerrado, e com a lida da roça...Eu mexia com tudo, gostava das festas....., eu era fogosa mesmo! Pulava na sussa, no baile e tudo. Hoje, é que eu não faço isso mais. Na sussa tinha as cantadoras (mulheres), tinha viola as caixas (buracas) e aí batia e cantava. A gente pulava dentro da roda e dançava, eu fui crescendo nesse meio de festas e trabalho. (Nicácia)

As mulheres cantam versos diversos, alguns de devoção outros não tão sérios, maliciosos mesmos o seu ritmo é de cantiga de roda e quase sempre fazem menção à realidade da mulher e são carregados de conotações que, por vezes, fazem alusões à

³⁴ Falar mal ou palavrão

³⁵ Bruaca ou buraca é um caixote de couro, semelhante a uma mala. É utilizada para transporte nos cargueiros. Para ser tocada, vira-se a mesma – abertura para baixo. A mulher agacha –se e bate a bruaca em ritmo de sussa.

³⁶ Termo próprio dos moradores do Quilombo Kalunga que significa: lutando para viver.

sexualidade. Seguem alguns versos e alguns comentários das mulheres a respeito dos mesmos.

*“Levanta a saia mulata,
não deixe a saia molhar.
A saia custou dinheiro,
Dinheiro custa ganhar.*

*Ô menina, o que você tem?
Marimbondo sinhá,
Marimbondo sinhá.
É hoje, é hoje
Que a palha da cana voa.
É hoje, é hoje
Que ela tem que avoar.*

*Rainha de ouro,
De ouro só.
Esse rei é de ouro,
De ouro só.
Ô sala de vadiar,
Varandá.
Ô sala de vadiar,
Varandá” (WOLNEY, 2006 p.57).*

Para Siqueira (2006), a dança da Sussa é definida como uma coreografia que inclui um repertório musical e uma forma de tocar próprio bem como as de cantar e dançar. Para sua execução, cria-se um estilo especial: as dançarinas vestem uma saia própria, os músicos se posicionam um ao lado do outro e os espectadores formam uma roda para as dançadeiras.

Ainda segundo a autora, a forma correta de dançar é descrita pelos adjetivos: ‘rodar, passarinhar e peneirar’. Rodar refere-se aos vários círculos em torno de si mesmas, mantendo seu eixo firme. O equilíbrio é perfeito, possibilitando dançar com

uma garrafa de pinga na cabeça; Passarinhar se associa à leveza do movimento de um passarinho. Os pés quase não tocam o chão, permitindo uma série de movimentos rápidos, sem que o corpo se movimente muito; Peneirar faz alusão ao movimento de uma peneira na horizontal de um lado para outro. (SIQUEIRA, 2006, P. 95)

Trechos das entrevistas com moradoras de algumas comunidades em que destaco as falas que ilustram a presença da mulher nesse acontecimento:

Tereza – Fala um pouco da sussa?

Maria Fernandes – (Risos). Pois é, mais a sussa pra gente brincar, assim, só se tiver as bruacas pra tocar.

Tereza – Mas conta como é, fala da música?

(Maria Fernandes chama uma amiga e canta alguns versos da sussa)

“ A primeira festa do ano

Do divino Santo Reis

Peço que Ele nos ajude

Até pro ano outra vez” (foi repetido três vezes esse verso)

“ Morena, solta o cabelo

Déixa o cabelo avoá

Ó morena, solta o cabelo

Deixa o cabelo avoá” (repetido duas vezes)

(Maria Fernandes).

Segundo Dona Santina, *“Antigamente aqui nos festejos a sussa continuava noite inteira dançando, hoje é só um pouco, os mais jovens querem dançar outras músicas”*. Dona Santina se referia à presença de estranhos que levam outras músicas, como por exemplo, o forró eletrônico que é tocado muito alto, atrapalhando muitas vezes a realização das rezas.

Durante a festa, em alguns momentos, observei que as mulheres mais velhas tiveram de pedir para abaixar o som, pois este estava atrapalhando o andamento da reza. O som alto é levado e produzido normalmente por pessoas das cidades vizinhas,

do pé da serra que vão vender suas pingas. As mulheres mais velhas que exercem seu papel de guardiãs das tradições no quilombo kalunga temem que tudo isso um dia acabe. Não acreditam que os jovens vão levar suas tradições adiante.

A vida mudou, o tempo passado acabou. Quem quer dançar a sussa, se é para os jovens a dança dos velhos? (Dona Procópio)

Evangelha carrega o mesmo sentimento com relação ao futuro,

O kalunga preserva os costumes deles, e sabe o que quer, só não tem é oportunidade. As festas são tradições dos antepassados, é um momento de encontro de família. A religião já caiu muito. Tem infiltração de outras religiões e fico pensando que vai chegar um tempo que a romaria (a festa da capela) não vai existir mais. Os jovens estão passando para a religião crente e os velhos estão morrendo. As pessoas rezam nove dias (fala das novenas que existem nas festas) e acho que vai ter um tempo que as pessoas não saberão rezar nem um Pai Nosso (Evangelha).

Dona Evangelha fala do aumento de jovens que vão para as cidades e muitas vezes quando voltam passaram para outra religião. Conversei com duas jovens, que trabalham na cidade de Goiânia e disseram que são evangélicas. Disseram que receberam apoio e foram bem recebidas e acolhidas pelos evangélicos, acabaram passando para a igreja evangélica e dizem se sentirem muito bem. Podemos supor que estas jovens sendo evangélicas não irão continuar algumas das suas tradições.

Em seu papel de guardiã da cultura local, Dona Procópio tem preocupação parecida com a de Dona Evangelha, em sua expressão demonstra sua apreensão quando fala da sussa, da participação de estranhos e do incremento do som eletrônico nas festividades por conta dos mais jovens.

Tereza – Como é a Sussa?

Procópio – *A sussa é batendo numa caixa, tocando uma viola e aí uma canta, joga um verso, outra canta, joga outro verso e vai. Isto quando tem a sussa.*

Tereza – A Sra. disse quando tem a sussa, por quê?

Procópio – *Porque agora a gente chega nas festa, eles botam aquele sonzão alto de forró, eu não acho certo isso!*

Tereza – O quê?

Procópia – *Eu não acho certo isso, o que é de Deus está deixando! O que é de Deus é uma Sussa e não o forró. O forró, a gente dança porque a gente é coisa, mas não é certo, não!*

Tereza – A Sra. Pode fala um pouco da importância da Sussa?

Procópia – *A importância da sussa é porque foi Deus que deixou a sussa. Pra todo mundo brincar, (faz silêncio) diz: a sussa é de Deus! Só lembro outros cantos.*

Tereza – Não importa, pode cantar se a Sra. quiser.

Procópia – *Vou cantar um verso da ronda e outro da alvorada, são cantigas que tinha aqui.*

Tereza – *Nossa! Que bom!*

Verso da Ronda:

*Caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é,
Caranguejo só é peixe na vazante da maré
Bate com essas mãos sapateia com esses pés,
Levanta cavaleiro panha a dama que quiser” Acrescentou aí vai jogando versos.*

Verso de alvorada:

*“ Vai vendo saudade de mim não tem,
Vai vendo saudade de mim não tem,
Quem vai sempre deverte menino, quem
fica não tem com quem ai ê ê ê”*

Procópia – *Eu sei muitas cantigas, mais agora eu não dou contas delas, não!*

Dentre as diversas formas de diversão entre os moradores, existe uma de nome bole. O bole é parecido com a sussa, porém exige mais dos dançadores, pois nele quem dança tem que saber cantar. Nele, os cantadores cantam versos antigos e versos novos que são improvisados no momento. Estes versos falam de amor, das pessoas presentes, bem como comentários maliciosos, em forma de desafio. Ao jogar um verso para uma pessoa, ela vem dançar na roda; quem entra, deve jogar outro verso, e ao sair joga

outro para a pessoa que ela convida que, entrar na roda para dançar. Segundo alguns moradores o bolé já quase não existe mais.

5 . 3 – Crenças e praticas mágicas e religiosas

A mulher Kalunga é bastante religiosa e praticamente, em todas as casas existe um pequeno altar, um oratório como dizem elas. Quando estão passando por alguma dificuldade é ali que vão se ajoelhar e pedir ajuda. As rezas ou benzimentos acontecem sempre quando tem alguém com alguma enfermidade. Elas podem acontecer em vários locais, como no terreiro ao pôr do sol, dentro do quarto, na beira do rio ou em qualquer outro espaço.

Alguns benzimentos como quebranto, precisam de um ramo verde, este por sua vez vai indicar a gravidade da doença, ou seja, dizem os moradores que se o ramo verde logo ficar murcho é porque a doença está muito forte. As rezas são sempre para pedir ajuda para si ou para alguém.

Desta forma, as rezas e os benzimentos são expressões de fé, presentes na vida cotidiana da mulher Kalunga. Elas se apegam aos benzimentos para defender suas vidas e de seus familiares nos momentos difíceis. Acreditam profundamente em seus benzimentos, muitas vezes, acompanhados de ervas medicinais. Praticamente, todas as mulheres mais velhas são benzedoras e têm inegável religiosidade, o que faz parte dos conhecimentos herdados dos antepassados.

A religiosidade dos Kalungas apresenta-se entre o homem e a divindade, entre o homem e os santos, entre o homem e as práticas fetichistas (magia, adivinhação, tratamentos, amuletos, etc.). Os Kalungas acreditam em seres espirituais, almas ou espíritos que são os elementos básicos de sua religião. Embora reservem um lugar para a divindade, o culto ao santo da família, *da casa, faz parte de sua prática religiosa.* (BAIOCCHI, 1999, p.61).

Existem orações para os mais diferentes tipos de situações: na hora de acordar, reza-se pedindo proteção para aquele dia e na hora de dormir; agradece a Deus, os Santos e o anjo da guarda, pelo dia, e, por tudo que aconteceu nele. Existem também as

oração para acabar com diversos tipos de medo, para curar desde uma dor de barriga até picada de cobra, para afastar tempestades, “fechar o corpo” e curar quebranto, mau-olhado, feitiço e outros males. Observe os relatos, a seguir:

Sou benzedeira de quebrante, dor de cabeça, mau olhado, indicação de raízes para remédio. (Izilda)

As mulheres aqui são benzedeiras, no meio de nós ela é uma pessoa normal. Com essa função que presta à comunidade, são bastante reconhecidas, elas fazem parte de nós. (Domingos)

A nossa religião é vivida nas festas ou quando vão às ruas. Nossas crenças é em Deus e nos Santos, nas imagens de Sto Antônio, N. Sra. do Livramento, São Gonçalo, Sto. Reis, Todas às vezes que preciso chamo por eles e sou valida³⁷, sou analfabeta. Benzedeira (quebrante dor de cabeça, mau olhado, indicação de raízes para remédio). Os benzimento são feitos pelas mulheres mais velhas, vividas, com experiências (Francisca).

Algumas mais velhas se ressentem do fato dos jovens não mostrarem interesse pela aprendizagem de seus ensinamentos:

Os mais jovens, não querem saber de rezar e aprender a sabedoria dos mais velhos, tem muito que ta é passando para crente. Acho que vai chegar um dia que eles não vão saber rezar nem um Pai Nosso e não teremos mais estas festas nossa. (Evangelha).

Seguem alguns benzimentos e suas respectivas funções:

Para curar quebranto e dor de barriga:

Aguá fria, correntia, corre a noite, corre o dia, bem aqui passou um velho, da virgem Maria, perguntando: O que é bom pra dor de quebranto? Padre Nosso e Ave Maria. Faz o pelo sinal e tendo fé em Deus é curado” Enquanto se reza, passa-se sobre a pessoa um ramo verde. Ou Água fria correntia, corre de dia e corre de noite, até o fim do meio dia, alivia esta dor de barriga com os poderes de Deus e da Virgem Maria (Teodora).

Oração para tirar mau olhado e dor de cabeça:

³⁷ Socorrida, ajudada

Jesus que guia, Jesus que te criou, Jesus que te benze, o mau olho que te pegou um bom zoio vai tirar amém.

Oração de proteção contra o inimigo,

Minha Santa Madalena, vós está de braços abertos, me ajude a vencer o batalhão desta travessa, cinco cravos e cinco rosas e cinco fulo de jardim, quem essa oração rezar minha alma será um bom fim, minha alma será um bom fim 7 vezes na quaresma , outras tantas nos carnal no inferno não irá a porta do paraíso, tão aberta estará para pequenos e grandes para todos cristandá. (Teodora).

Seu marido que participava da conversa acrescenta:

É o seguinte, a gente aprendia rezar pra livrar de uma cobra, pra pescar peixe, pra livrar do inimigo, pra montar num animal bravo pra não cair, pra esconder do inimigo, por exemplo: se tem um cara que você não gostava e sabia que ele estava vindo na mesma estrada que você, você rezava e ele passava pisando na pessoa e não enxergava. Então pra todo tipo tinha reza que a gente rezava pra se livrar. (Tico)

Tico – *Posso falar mais alguma reza?*

Tereza – Sim, claro!

Tico – *Vou falar só mais uma para livrá de cobra e outra de parto difícil.*

Oração contra cobras:

Senhor São Bento Santíssimo Sacramento, vós me livra de todo bicho ruim peçonhento. Bento senhor Bento, cobra pra mim não é bento, se você abrir a boca não é de fechar, se armar o bote não é de jogar. (Esqueceu o final).

Tereza – E a oração para parto difícil?

Tico – *Essa oração pode ser feita a distância colocando o sentido nela:*

Oração para parto difícil;

Bento tava dormindo de madrugada o galo cantou, ele levantou e sentou, se vestiu, calçou e saiu, chegou adiante encontrou Jesus Cristo, pra onde vai Bento? – Eu vou dá luz a uma mulher que tá de parto. Onde bento chegava, nem morria mulher de parto e nem menino abafado. São remim, são remim, são remim... Repete essa reza três vezes, e não existia mulher com dor e parto difícil que não tivesse a criança.. (Tico).

Em sua fala, dona Teodora deixa implícito, o quanto elas não gostam de falar das orações que consideram mais fortes.

Era um montão de rezas que os mais velhos sabiam rezar, rezas fortes, se tivesse feito alguma coisa mau feita para uma pessoa eles sabiam tirar. E as rezas valem mesmo se a gente tem fé, vale mesmo e eles eram socorridos nas rezas. As rezas serviam para tudo, às vezes tinham uma mulher com dor demorando muito ganhar menino eles rezavam, faziam um cordão um benzimento lá, e a mulher ganhava. O cordão eles iam rezando e dando uns nozinhos e rezavam, depois amarrava na cintura da mulher e aí ganhava. Eu não sei fazer este cordão. Minha mãe sabe benzer de dor de barriga, mas tem gente aqui que sabe benzer de dor de cabeça, sabe tirar sol da cabeça se tiver doendo muito. (Teodora)

Tereza – Quem são as pessoas que sabem tirar as coisas malfeitas?

Teodora – *Não! Pelo que eu entendo assim, aqui agora não tem mais.*

Tereza – Não tem mais pessoas que tiram?

Teodora – *Que tira também agora, (fez-se um silêncio), agora os mais novos já tá perdendo tudo, tá não liga mais não, mas antes tinha. Agora também eu vejo falar que têm alguns que ainda fazem, mas a gente tem até medo assim de falar.*

Tereza – Tudo bem, não precisa falar se a senhora não quer!

As orações foram ditas em clima de respeito e confiança, pois fazem parte da riqueza imaterial, do acervo sagrado e da fé dos moradores do quilombo Kalunga, não podendo ser utilizadas, a partir deste trabalho, fora do contexto cultural a que pertencem.

No cotidiano das comunidades, foi possível observar ao lado das crenças vários tabus ou proibições, alguns mais gerais, outros mais específicos ligados à gravidez, alimentação, e a morte. Seguem alguns deles:

Gerais:

- A mulher Kalunga não costuma sair de seu núcleo familiar, a não ser em ocasiões especiais, como ir aos grandes festejos, ajudar alguma mulher que está doente ou vai dar à luz.

- Quando se está gripado, não pode comer carne de frango, pois o frango “tem a carne fria e faz mal para o doente”; fria, tem o mesmo significado que remoso³⁸

- Não gostam de viajar na segunda-feira nem na sexta-feira para negociar, pois acreditam que o negócio pode não dar certo;

- Pessoa baleada não pode comer mamão, pois o fermento inflama, levando a pessoa à morte. Para eles, mamão é um fruto remoso

- Não podem deixar que o pássaro João-de-Barro construa seu ninho perto da casa de um casal. As intrigas dos pássaros influenciam o casal, podendo chegar à separação ou à mudança do local;

- Não deixam chinelos emborcados nem cruzam as mãos atrás do pescoço, pois acreditam que estas situações fazem a mãe morrer;

Gravidez:

- Mulheres grávidas não podem sentar no batente de porta, faz mal para o nascimento da criança;

- A mulher quando está grávida, não pode comer raspa de arroz, pois faz a “criança grudar”, demorando a nascer;

- Durante um ano, a mulher que ganhou menino deve ficar sem comer carne de tatu e de veado, também, há restrições para as carnes dos peixes piaú, barbado e surubim,

³⁸ Segundo Dona Isabel, moradora da comunidade de Malhadinha, remoso é todo alimento que pode demorar a cura de alguma doença ou a cicatrização de algum ferimento.

este ultimo é considerado peixe de couro; para eles, são todas alimentações remosas, e portanto, prejudicam a recuperação da saúde da mulher.

Morte:

▪ Os Kalungas sentem muito medo de espíritos e assombrações, não costumam visitar os túmulos no cemitério, só no dia do enterro e no sétimo dia da morte. Acreditam que se visitá-los outras vezes, sobretudo no dia 02/11 (feriado de finados), devem voltar sempre ao local na mesma data, caso contrário acreditam que o defunto venha buscá-los.

Observei ainda que as mulheres têm medo do Rio Paranã.

Ao tomar banho no Rio Paranã, era visível que as mulheres tinham muito medo deste rio. Perguntei. – Vocês são nascidas e criadas aqui, por que tanto medo? – *Este rio é muito traiçoeiro, tem muito sangue de nosso povo, no passado os mais velhos contam que muito dos nossos antigos desciam o Paranã, querendo chegar no mar e de lá voltar para a África* (Diálogo com Francisca).

A cantiga a seguir pode ser uma alusão ao fato citado, quando observa que o Ribeirão de Terezina também vai fazer “barra no mar”, ou seja, cair no mar, chegar até o mar.

*“Galinha sem rabo é surra,
Galo sem crista é capão,
Bezerro de vaca preta
Diz que onça não come não...
Peguei na ponta da linha,
Joguei na ponta de lá.
Viola que mexe e mexe
No salão do gastador.
Ribeirão de Terezina
Vai fazer barra no Mar.
Vou pegar com São Gonçalo
Pra ele me ajudar.”* (WOLNEY, 2006 p.55).

Estas são algumas das situações observadas que mostram o quanto estas pessoas são guiadas pelos aspectos religiosos e por suas crenças mágicas, como formas de lidar e controlar o “oculto”.

5 . 4 - Gravidez, parto e puerpério da mulher kalunga.

Dentre as funções exercidas pela mulher Kalunga, talvez a de partejar seja uma que mereça o maior destaque, uma vez que, praticamente todas as mulheres um dia dela vão precisar. Como diz dona Izabel, *“Das parteiras todas as mulheres precisam, tem quem já precisou quem está precisando e quem vai precisá”*. *“Se é mulher não escapa, todas precisam”*. Esta é uma fala que reafirma minhas observações em campo: as mulheres são educadas para ser mães, ter filhos, ou seja, logo que a moça arruma um companheiro em seguida vem uma gravidez.

Durante a gravidez a mulher kalunga tem uma vida normal, salvo as proibições ou tabus já referidos. Ouvi vários relatos de mulheres que diziam: *“Quase que ganhei o meu filho na roça, trabalhei até o dia que tive o meu filho”*. O resguardo por sua vez é levado muito a sério. Durante a quarentena, (quarenta dias) depois do parto algumas coisas são proibidas, como, lavar a cabeça na quarentena, ter relações sexuais e comer alimentos remosos.

Quando planejar outro filho? Essa preocupação parece não fazer muito parte das reflexões femininas. A presença de uma nova gravidez segue o ciclo da amamentação. Existe entre as mulheres a crença de que, enquanto estiverem dando mamar a uma criança não ficarão grávidas.

A mulher kalunga quando está nos últimos dias de gravidez, costuma-se mudar para a casa da mãe, que fica em geral em outro povoado ficando lá até a criança nascer. Quando está nos dias finais, chama a parteira conversa com ela, ficando acertado que será esta parteira quem vai cuidar daquela mulher. A parteira tem que ser da confiança do marido caso contrário não coloca a mão na mulher.

Quando chega o dia da mulher dar à luz, outras mulheres também vão ajudar, no descanso³⁹ desta mulher. Na hora das dores fortes, as mulheres se dividem de acordo com a função de cada uma.

Sobre o assunto, Schumacher e Brasil informam:

As kalungas ajudam as parturientes a extravasar suas dores coletivamente, porque dividem as funções na hora do parto entre pelo menos quatro mulheres: 'a do buraco', encarregada de pegar o bebê e a única a ver a genitália feminina; 'a do suspiro', que segura a mulher e a massageia nas costas; 'a da banda', que se divide entre o quarto e a cozinha, pois é sua tarefa providenciar os materiais necessários, água quente, chás, banhos, entre outros; e por fim a do 'consolo', que procura acalmar a futura mamãe (SCHUMACHER e BRASIL, 2007, p.184).

Quando a criança nasce, todos perguntam é o quê? Se não for menino a resposta é essa: *“É uma menina mulher!”* Ou seja, eu aprendi que no kalunga é assim, não se nasce menina e nem tão pouco mulher, você nasce as duas coisas, nasce menina e mulher. Após o nascimento, o umbigo é cuidado da seguinte forma: as mães de antemão já reservaram para este fim uma quantidade de azeite de mamona. Todos os dias é passado no umbigo este azeite, o umbigo fica úmido, a criança não sente dor e ajuda no processo de cicatrização (segundo elas).

Quando o cotoco do umbigo cai, a mãe tem alguns cuidados com ele. Guarda-o em um lugar seguro até chegar o dia que ela ou alguém da confiança da família faça o ritual de enterro do mesmo, pois existe uma crença entre as famílias, que, o umbigo não pode ser jogado fora de qualquer jeito precisa ser enterrado no pé de uma árvore ou na porteira do curral. Isto proporciona sucesso à pessoa dona dele. Segundo algumas mães se o umbigo for comido por rato a criança quando adulta virará ladrão. Depois do cotoco cair, a mãe faz um pozinho bem fininho de fumo com outras ervas e coloca todos os dias até o umbigo ficar bem cicatrizado, segundo elas ajuda a criança a não ficar com o umbigo grande (hérnia).

³⁹ Termo utilizado para referir a mulher que deu ou vai dar a luz. Deu a luz: Descansou. Vai descansar: ainda vai ter a criança.

Para Schumacher e Brasil (2007, p. 177), a tradição de partejar, assim como a de benzer, é resultado dos diálogos culturais entre africanas, indígenas e europeias. Desde épocas remotas, elas viajavam de casa em casa, aldeia em aldeia, atuando como médicas locais. Portadoras de dons e conhecimentos que exigiam destreza com os segredos da natureza e da fé, eram requisitadas por pessoas de diferentes classes. No entanto, as condições nefastas do cativo e a marginalização impediam que africanas e crioulas, escravizadas ou livres, deixassem documentados suas experiências na área da cura.

O texto acima é bastante elucidativo a respeito da realidade das mulheres kalunga que exercem a função de partejar. Praticamente, todas são analfabetas, e nessa como em outras funções colocam em prática os saberes que lhes foram passado oralmente e aprendidos de geração a geração e, desta forma, continuam exercendo a importante função.

A sabedoria das parteiras é de fundamental importância à comunidade e o exercício dessa função acaba sendo uma espécie de compromisso de uma mulher com a outra, solidariedade, gratuidade e confiança. As parteiras falam desse ofício com muito gosto, parecem sentir prazer em poder ajudar outras mulheres a dar à luz a seus filhos.

Algumas mulheres kalunga, mesmo as que pertencem às comunidades próximas às cidades preferem ter seus filhos com o auxílio das parteiras com as quais têm grande afinidade, que são chamadas de mães, por aqueles que ajudaram a nascer. E também essas mulheres não costumam se ausentarem de seu lar, passando pelas dificuldades de locomoção e distância e ainda por acreditarem que, no caso de alguém ter feito “*coisas malfeita*”⁴⁰, o médico não sabe lidar com isso e a parteira ou alguém da comunidade vai saber tirar, caso ela demore a ter a criança.

Os partos difíceis são, geralmente, entendidos como consequência de algum malfeito para a mulher, da parte de algum desafeto. Neste caso, somente alguém pertencente ao quilombo Kalunga entendido no assunto, saberá lidar com tal situação.

⁴⁰ Isto é, “feitiço”, para prejudica-las.

Desta forma, é mais seguro e confiável permanecer e dar à luz em sua própria comunidade.

Eu pego menino. Procuo ajudar às mulheres e se a placenta está assentada nas cadeiras da mulher⁴¹, eu enfio a mão e tiro. (Dona Clarinda)

No tempo que eu era nova, eu peguei alguns meninos, mais sem saber. Às vezes, eu chegava e a mulher estava com dor. Aí eu não tinha coragem de deixar, para o menino não cair no chão, eu pegava (Dona Nicácia)

Se uma mulher precisa da outra, nós vamos ajudar. Ajudar fazer remédios, ajudar numa doença, se é gravidez a gente ajuda a dar à luz. (Dona Domingas).

As mulheres que mais ajudam as outras, são as parteiras, curandeira, benzimento, banho. Existe pessoas que sabem fazer porcarias⁴² e, por isso, precisa de uma boa parteira, senão a mulher não tem aquela criança. Para nós, aqui a parteira é melhor que o médico, porque, o médico corta a mulher e tira a criança e ele não sabe desmanchar a coisa feita⁴³ e a mulher ainda morre. Já tive ajuda delas sim, quando minha mulher foi ganhar minha filha. Essa parteira é a melhor. (Pedro Evangelista).

O ofício de partejar está a cargo das mulheres mais velhas. Em conversa com algumas jovens, percebi que não demonstraram interesse pela atividade, compreendendo-a como uma forma de sabedoria feminina, porém que não querem para si. Justifica-se, assim, a crença das mulheres mais velhas que o desinteresse das mais jovens em aprender esta atividade pode fragilizar a continuidade desse ofício e fazer desaparecer os conhecimentos e as tradições deixados por seus antepassados.

O fato de já terem morrido mulheres de parto e o maior contato com as cidades, tem levado algumas mulheres mais jovens, como Dona Evangélha a pensar e ir para um hospital para dar à luz. *Eu mesma ganhei os meus foi em Brasília se eu tivesse ficado aqui teria morrido, eu sou contra as mulheres daqui ganhar neném sem nenhum conforto.* (Evangélha).

⁴¹ Grudada na região lombar

⁴² Feitiço

⁴³ O feitiço feito

Evangelha leva em consideração a assistência muitas vezes precária que as parteiras mais velhas podem oferecer, e no dia-a-dia tem sido este o argumento usado para criticar a função de partejar em casa. Tal argumentação é usada, à luz do entendimento de que o parto é um ato de risco que deve ser medicalizado. Desta forma, muitas das atividades realizadas por mulheres parteiras são consideradas por ela inadequadas, muito embora estas mulheres ofereçam uma assistência à mulher e um cuidado humanizado durante todo processo de nascimento. Segundo Jucá (2002), durante o processo de nascimento as parteiras tradicionais no seu jeito de ser e fazer sempre praticaram o parto humanizado. Essas mulheres assistem o parto sem palmadas e sem luz na cara.

5. 5 – Os cuidados com a saúde

De acordo com a história da formação do quilombo Kalunga podemos perceber como os moradores foram aprendendo a lidar com a saúde e as doenças. Aprenderam a conhecer muitas plantas e suas utilidades, as que servem como remédios de beber ou passar no corpo e as que servem para benzimentos.

Em campo e de acordo com (ATTUCH, 2006) tive a oportunidade de aprender como tratar doenças com o uso de algumas dessas plantas: folha de manga, vassourinha ou mentrasto, cagaiteira e folha de goiaba para dor de barriga; o capim de cheiro, a negra-mina, a folha de laranja, o limão e a hortelã para gripe; semente de sucupira e a folha de limão para dor de garganta; folha de bananeira e cravo para dor de dente; resina de jatobá com batida de ovo no tratamento de “*rendidura*” (hérnia); mastruz amassado com leite ou a plantinha de nome calunga para lombrigas; espuma da folha de pacari para fechamento de feridas; folhas do algodão, barba-timão, carobinha, aroeirinha como antiinflamatório; o hortelã e a planta de nome mutamba para cólica; e a quina para tratar a sezão (maleita), para gripe e também como antiinflamatório. Existem também os remédios que são feitos a partir de animais como: a banha de frango e a banha do peixe de couro e outros.

A partir da convivência com alguns moradores, percebi como os mesmos lidam com a saúde. A prevenção de doenças é basicamente da forma antiga à base de cuidados caseiros. Não percebi nenhuma preocupação com a forma de prevenção estabelecida pelo sistema alopata brasileiro. Como também não encontrei nenhuma mulher kalunga que tenha feito cirurgia para retirada de mama ou de útero.

Vejam a expressão de Dona Lourença: *“no passado nois todo era, era tudo sadio niguém tinha nada, morria era de velho”*. Dentro desta realidade, confesso que levei alguns sustos com relação a meus conceitos; cito como exemplo o fato de que parecem não ter medo de nada, andam à noite por aqueles caminhos que são uma espécie de trilhas na maior tranqüilidade enquanto eu, tinha arrepios quando os capins à noite tocavam em minhas pernas, tamanho era o medo de cobras.

O fato de tomarem banho no rio à noite, mesmo sabendo da existência de muitas cobras venenosas na região não os amedronta. Em conversa com uma moradora, perguntei por que não ia se banhar antes do anoitecer, pois o risco de ser picada por cobra seria menor? Ela respondeu. *“– se eu for picada por cobra, tem uma planta aqui que cura, agente pega e toma”*.

A área da saúde neste quilombo conta atualmente com alguns agentes de saúde atuando na região o que para alguns moradores se caracteriza como uma melhoria, porem este assunto certamente ainda será objeto de muita discussão. Dona Maria Fernandes confirma com seu relato que a questão da *saúde*, é um aspecto bastante delicado no quilombo Kalunga quando escapa do controle dos seus moradores.

A vida aqui é toda dificuldade, trabalhava de roça, tecia pano, fiava e era na inchada, adoecia, ia pra cidade, quando não era a cavalo era a pé. Muitos doentes daqui foram assim. Quando não era na leiteira era na rede. Até hoje, tem hora que ainda sai gente assim, porque ainda aqui não tem conforto, um carro, então é assim, quando muita gente que sai daqui doente é assim. Quando vão a pé, vão encostando nos barrancos, dormindo nas estradas, parando colocando palhas debaixo das arvores para descansarem, é toda dificuldade. (Maria P. Fernandes).

Quando da minha primeira ida a campo no mês de julho, época de muito frio, foi possível observar que, em algumas noites, as crianças permaneciam sem agasalho por não terem roupas de frio, ficando expostas ao vento. Eram acesas, as noites e pela manhã, pequenos fogos no quintal para também aquecer do frio. No entanto, não os vi reclamando de frio. Observei que as crianças não são muito de chorar e estão sempre felizes quase não reclamam de nada. Existem entre os adultos a crença que, crianças são fortes, novos e, portanto, saudáveis.

Escutei várias vezes algumas mães dizerem: *“Isso não é nada, você é novo, vai logo passar”*. Já os adultos, quando sentem alguma dor, fazem chás e tomam. Na verdade as mulheres estão sempre tomando chás acompanhados de uma garrafada, contendo diversos tipos de ervas medicinais, curtidas, na pinga ou no vinho que tomam normalmente pela manhã.

Como vimos é muito limitada à intervenção da medicina institucional nesta população. Acredito que alguns fatores contribuam para isso, como por exemplo, o fato dos moradores ter aprendido a lidar com a doença por seus próprios meios, como também o fato do hospital mais próximo estar localizado longe da maioria das comunidades. Como os moradores acreditam nos seus próprios meios, através de suas ervas e benzimentos, não tendo o costume de lidar com a prevenção, da forma entendida pela medicina alopata, quando alguém assume que está doente e precisa ir para a cidade, *“é possível que a doença já esteja avançada, ficando ainda mais difícil realizar o caminho longínquo e dificultoso até o hospital”*. Estamos, certamente, diante de dois modos diferentes de conceber a saúde e doença e de como lidar com elas.

Encontrei alguns moradores, dentre eles, crianças que já foram picadas por cobra e que me falaram de seu sofrimento e de como foram curados, realizando o tratamento com remédios caseiros. Dona Teresa foi picada por uma cobra, quando estava dormindo na roça durante a colheita de feijão; perdeu a mão esquerda e diz ter sido curada pelos remédios caseiros e benzimentos que, habitualmente, usam para esse fim, o que não deixa de ser verdadeiro.



*Figura 32: Dona Tereza, vítima de picada de cobra
Fonte: GODINHO(2007)*

É, foi muito difícil, sofri muito! Mas curei aqui mesmo, conforto aqui não tem, só vive das roças. Aqui a gente cresce assim mesmo, nunca fui em escola. Nasci aqui e cresci aqui, o povo é nascidos e criados aqui, e muitos nunca saíram pra lugar nenhum diferente daqui. Eu mesma nunca saí, só ando por aqui. Nasci, cresci e casei aqui (Dona Teresa).

A maioria das mulheres ouvidas nesta pesquisa é analfabeta, o que dificulta seu acesso a informações e limita o conhecimento relacionado à sua saúde e de seus familiares. Valem-se mesmo é dos remédios caseiros que todas conhecem e que dizem curar praticamente tudo.

Em mais de uma oportunidade experimentei da sua medicina. Certa feita senti cólica menstrual, foi feito um chá de hortelã, tomei e logo fiquei ótima. De outra vez ao tomar banho no rio escorreguei em uma pedra fiquei com o tornozelo doendo e logo fizeram um remédio, amassaram algumas folhas de algodão, mentrasto e mastruz, colocaram em cima, amarrei um pano e melhorou. Assim fui agraciada pela forma natural de lidar com as doenças, dentro do território Kalunga provando nos dois casos, da sua eficácia. Mas não sei se teria a mesma tranquilidade em se tratando de uma picada de cobra ou de qualquer outro evento que demandasse urgência.

5.6 - O olhar sobre a educação

Antigamente no Kalunga a forma de aprender a ler e escrever era bastante singular. De acordo com (MEC; SEF, 2001), as crianças que se interessassem pela leitura aproveitavam as oportunidades que apareciam, ou seja, quando chegava a sua casa alguém que sabia ler, o menino pedia para lhe passar uma lição, daí o menino ficava quebrando a cabeça com aquela lição, até passar outra pessoa; aí ele dava a lição para aquela pessoa que lhe passava outra e assim por diante.

Existem também entre os moradores do quilombo, alguns relatos de famílias que antigamente contratavam pessoas para ensinar os filhos que demonstravam interesse pela leitura. Outros ficavam dias seguidos na casa da pessoa que estava incumbida de ensinar-lhes. Era assim que algumas crianças aprendiam. Porém isso se dava em sua maioria com os meninos, pois as meninas eram educadas para assumirem a responsabilidade do lar, não saindo de casa enquanto a educação dos meninos objetivava torna-los provedores e responsáveis pelos negócios da família.

Atualmente, a educação formal faz parte das mudanças que estão ocorrendo no quilombo. Segundo o MEC; SEF, existem escolas, municipais e Estaduais em várias partes do Kalunga como, Tinguizal, Curral de Taboca, Areias, Barra do Bezerra, Sucuri, na Capela, Maiadinha, São Joaquim, Buriti Velho, Bocaina, Engenho, Vargem Grande, Riachão, Ribeirão dos Bois. Algumas bastante humildes, no meio do mato, feitas de pau-a-pique, palha ou adobe⁴⁴ com pouca ou quase nenhuma infra-estrutura. Semelhante às casas dos moradores, outras já feitas de alvenaria. Desta forma, a educação formal é hoje mais presente nas vidas dos moradores. Nelas se ensinam até a 4ª série do Ensino Fundamental. Para continuar os estudos as crianças precisam sair de suas comunidades. (MEC; SEF, 2001). Para Dona Teodora, isso é muito difícil, pois nas cidades vizinhas os pais precisam gastar dinheiro e as crianças ainda hoje sofrem preconceito e discriminação. Segundo ela, “*Essa gente não entendeu que somos kalungas e temos direitos, somos gente*”.

⁴⁴ Adobe é um tijolo preparado com argila e esterco. O esterco é utilizado para evitar rachaduras no adobe.

Em conversa com algumas mulheres mais velhas, elas falaram das dificuldades em entender a escola. Dizem que a escola não segue os costumes deles. Reclamaram dos estudos em época do trabalho na roça, impedindo as crianças de ajudarem seus pais nos trabalhos. Veja a fala de Dona Procópia,

Uê! Todos trabalha, tráz o sustento. As crianças também trabalha, o pai vai pra a roça o filho vai também. Agora, os meninos ta na escola cedo. A tarde tem que ir para a roça. Porque não pode deixar os meninos sem trabalhar, estudar sem trabalhar não compensa. Aqui foi feito assim: a escola tinha férias agora em abril, que era para os meninos ajudar os pais na roça, quando foi agora eles mudaram essa férias e colocaram em julho. E em julho o que é que esses meninos trabalham? Nada! Porque nesta época não tem serviços pra eles, os grandes talvez ainda vai roçar e os mais pequenos? O que que eles vão aprender? Nada! Isso aí eu sou contra, o que eu quero é que fique como começou,né? Dão estudo aos filhos mas ensinar os filhos trabalhar, também, porque ele não veve só com o estudo, não! Porque eles não ranjam emprego. (Dona Procópia)

O fato dos moradores das comunidades que formam o quilombo kalunga terem uma cultura *ágrafa*, os conhecimentos que julgam necessários para sua sobrevivência e preservação de suas tradições e costumes passando oralmente de geração a geração, a educação escolar é vista pelos mais velhos como um empecílho ao trabalho na roça e para a aprendizagem dos saberes próprios de sua cultura.

Eles estudam, estudam aqui ô, quem vai arranjar emprego é os de lá da cidade que vêm ensinar aqui. Então o que, que adianta botar os meninos só para estudar sem trabalhar, sem vê vantagem. Eu acho que não, que, na cidade, os meninos estudam. Eles não trabalham, mas hoje ou amanhã eles ranjam emprego, meninos da cidade não trabalham, e da zona rural têm direito de estudar e trabalhar. Cansei de falar isso, muitas vezes, ô gente eu na minha opinião, os meninos têm que trabalhar também. Eles não vevem sem trabalha não! O estudo deles, eles estudam aqui o tanto que for mais não ranja emprego. (Dona Procópia)

A professora Renivam, que leciona no Vão do Moleque, uma das comunidades do quilombo kalunga, fala das dificuldades que enfrenta para ensinar em uma realidade

onde a escola não é vista como prioridade por alguns moradores mais velhos, que acreditam na oralidade, como única forma de ensinamento. Para ela, a falta de incentivo é um dos maiores empecílhos ao aprendizado dos alunos.

Ser mulher, kalunga e professora é uma barra! Não tem material didático suficiente. Falta tudo na escola, falta até mesmo o básico. Aqui e em quase todo o povo kalunga, a escola é multisseriada, só em Malhadinha que não é multisseriado. Ficar aqui em casa sem saber de nada é uma barra! Como professora busco ensinar além de ler e escrever. Tem que explicar a realidade local e buscar outras experiências fora, pois eles não vão viver só aqui. Aqui as mulheres têm mais garra que os homens. Como professora, eu me sinto insegura, só fiz cursos sobre a escola da Prefeitura. Quero participar da formação e da organização de mulheres Kalunga. Toda essa minha luta é para que nossas crianças tenham um futuro melhor, pois a maioria dos pais são analfabetos e os alunos não têm interesse de estudar. A questão maior dos kalungas é a pobreza, pode colocar isso na sua monografia! A formação do povo kalunga é muito sofrida. Como você vê ainda não temos energia, mas dizem (possíveis políticos) que está tudo iluminado. Dizer que temos tudo é mentira, dizer que temos água é mentira (água encanada), na Taboca⁴⁵ chegou somente as canaletas e pararam. A vida dos kalungas antes não era boa, hoje mudou alguma coisa” (Renivam).

As dificuldades apresentadas pela professora Renivam e mesmo sendo criadas dentro de famílias com pais analfabetos, algumas crianças caminham longa distância para chegar até à escola, o que demonstra interesse dos mais novos em adquirir o conhecimento da escrita. Como já citado, eles estudam em escolas, estaduais ou municipais, que ministram ensino da primeira a quarta série. O material escolar, em ambas as escolas, é gratuito e distribuído no começo do ano letivo.

As escolas municipais são pequenas. Muitas vezes, um professor dá aula para quatro turmas ao mesmo tempo. No início da implantação da escola nas comunidades kalunga o ano letivo tinha um calendário específico de férias e era regionalizado seguindo a dinâmica do quilombo, repetindo as festas, os feriados e seus dias

⁴⁵ Nome de um lugar

religiosos. Isso como forma de reverter a visão que alguns moradores tinham sobre a educação escolar e ao mesmo tempo, possibilitar que as crianças tivessem acesso as atividades próprias do cotidiano, correlacionando as duas formas de aprendizagem. No entanto, segundo as falas das mulheres mais velhas, observei que esse calendario não é mais utilizado.

5.7- Olhando para sua historia

As mulheres kalunga falam pouco ou quase nada de seu passado, quase sempre dizem não saber falar. Além disso, observei nas suas falas que a maioria tem pouca consciência de seu legado ancestral. Por ser o quilombo um forte símbolo da resistência negra no embate contra a escravidão, acreditava que seus moradores tivessem maior consciência de suas origens. No entanto, ao deparar-me com muitos destes moradores, tive uma grande frustração, como mostra a entrevista abaixo, pois a minha expectativa era de que todos tivessem consciência de sua africanidade.

Tereza – A senhora sabe como vieram os primeiros moradores para cá?

D. Procópia – Nós não sabe, esta história eu não sei contar. Nunca nem ouvi falar porque minha avó era uma velha que não contava história pra nós. Agora nós sabe é assim, que nós somos uma parte de negros e outra de índios, isso eu sei.”

Tereza – E quais os índios?

D. Procópia – Agora eu não sei, é quais os índios, mas que viemo de negros e índios é. Agora nós não sabe é da onde veio, sei que aqui tinha muito índio, existia muito índio dentro, depois foi saindo, foi cabando, foi cabando.”

Tereza – Quais índios a senhora conheceu e como era a convivência com eles?

D. Procópia – Uá moça, óos tinha era medo deles, eles não apareciam para gente, jogavam era pedra na gente. Era difícil a gente ver eles, só uma vez que eu vi um aqui, mas eles jogavam pedras na gente assim na boca da noite, mas pra gente ver eles assim não via não. Mas se botassem alguma coisa, assim, eles pegavam, vinha malinar⁴⁶, mas pra gente ver não.

⁴⁶ Mexer em algo sem permissão do dono.

Tereza – A senhora disse que sabe que veio de negros e de índios. Os índios moravam aqui e os negros de onde vieram?

D.Procópia – Uá não sei de onde veio,não!, só sei que somos é disso aí, mas não sei da onde o negro veio.”

Outros relatos confirmam o relacionamento entre os Kalungas e os índios,

Sou uma Kalunga porque eu nasci na área dos índios, porque aqui somos criados como índios. Neste lugar meio deixado, que não tinha nenhuma saída. Morando tipo dos índios. Os primeiros moradô, ó isso aí nós não sabe conta não, desde que entendemos por gente, já vivemos aqui, naquele tempo tinha muita gente mais velhos, hoje tem pouca gente velho (Maria P. Fernandes).

Os nossos mais velhos falavam que aqui existiu primeiro os índios e depois vieram os negros. (Santina).

Outras mulheres deixam evidente o desconhecimento de suas origens, porém expressam uma identificação com os negros e indígenas, sem apresentar qualquer referência à escravidão.

Quando eu nasci, minha mãe já morava aqui. Nós somos tudo daqui mesmo. Não sei como viemos parar aqui, desde que entendi por gente, já morava era aqui mesmo. De todo tempo os avôs de meus pais já moravam era aqui, né?. Me considero descendente de negro, porque aqui todo mundo é negro! Não somos negros fugidos, somos naturais daqui mesmo (Izabel Lima Conceição).

O fato de ser Kalunga que aqui pra nós, nós somos como se fosse índios, afastados da cidade no meio da mata, porque o índio a senhora sabe, vive num lugar mais separados. Nós ficamos separados aqui quase do tipo de índios. Somos negros que parecia índios no fato de vivermos somente entre nós. Somos assim, os mais velhos não têm a leitura, e eles não gostam de contar, falar do passado, só sei dizer que aqui era toda dificuldade, ainda tá, mais hoje tá mio. Alguma muié vai até na cidade, antigamente isso era coisa de home, já vem algumas pessoas da cidade aqui (Maria P. Fernandes)

5 . 8 – As mudanças e a “crise” de gerações

Nas conversas com as mulheres mais velhas, percebi que a frase: “*hoje não se vive mais como antigamente*”, era constantemente lembrada por elas. Ora com saudosismo, ora com alegria ao perceber que algo está mudando na vida da comunidade. Elas costumam dizer: “*Antigamente, as mulheres não iam às cidades*”. Esta fala caracteriza uma diferença entre as mulheres, porque hoje, muitas jovens vão para às cidades vizinhas e até mesmo para Goiânia e Brasília onde realizam diversos trabalhos.

Ao regressarem da cidade, essas jovens trazem uma nova visão da realidade quanto à independência e às próprias escolhas, entrando em choque com a visão e a forma de ser das mulheres mais velhas que, na maioria das vezes, nunca saíram de sua comunidade.

As mulheres que vivem sempre na roça que não saem, vivem somente no costume daqui, não conhecem outras coisas diferentes, outra forma de viver é só a vida aqui. Então, elas olham para a gente e vê a gente mais ou menos bem vestida, algumas falam que estamos orgulhosas, exibida vestindo assim e ainda, se colocamos uma bermuda um pouco mais curta aí que o povo fala mesmo. Algumas moças saem para trabalhar na cidade buscar vida melhor, estudar e algumas passam para ser evangélica, tendo uma outra forma de ver as coisas, não acredita muito mais nas rezas, nas festas nos costumes nosso (Eunice).

Por outro lado, há mulheres mais velhas que acreditam ser a condição feminina atual no Quilombo Kalunga melhor, porque hoje as mais jovens podem sair, são mais independentes, muitas vezes, fazem suas próprias escolhas.

Aqui é bem diferente do que a gente ver lá na cidade, ou seja, na cidade você vê muitos homens fazendo algumas tarefas de casa, aqui não, é só mulher que faz. As meninas que saem daqui, não querem mais viver aqui. Porque, não tem emprego para ganhar dinheiro e nem querem mais trabalhar na roça, pois é muito duro e difícil este trabalho de roça. (Dona Detina).

As mulheres mais velhas só viviam em suas comunidades; as roupas do marido e dos filhos eram confeccionadas por elas mesmas, tudo feito no tear, produzido ali mesmo como confirmam os depoimentos:

Hoje tem muita diferença de nois mais velhas. Até as roupas, uá as mulheres andavam tudo bem vestidinhas, roupas cumpridas e as de hoje as saias é aqui (aponta um lugar acima dos joelhos), tudo é curtinho, barriga de fora, hoje não é diferente? Agora pra nós velhos, os costumes são os mesmos (D. Procópia).

Muitas porém acreditam que, aos poucos, a qualidade de vida melhorou, hoje compram suas roupas na cidade.

Antigamente tinha que fazer bejú pá dá com leite pá menino tomar, quando perdia roça. Aqui foi sofrimento minha filha. Hoje ta bão, antes as mulheres viviam fazendo coberta e roupa, meninos vestiam era de algodão. Pois é, menino vestia no algodão, vivia tecendo pano, fiava urdia e dispôs imendava para fazer a roupa. (Dona Lourença).

As cidades apresentam-se como forma de adquirir o que, até então, parecia não ser tão necessário ou não era possível encontrar em suas comunidades. Assim, proporcionam o contato com outras realidades, poder trabalhar e ganhar dinheiro, fatos que geram autonomia e poder de decisão.

Houve mudanças sim, antes praticamente todas as mulheres se casavam. Eram criadas para isso, muitas vezes, os pais eram quem arrumavam os casamentos, eles pressionavam e queriam que as filhas fizessem bom casamento. Hoje, as meninas que saem para trabalhar fora, escolhem seus maridos, casam menos e não existe essa pressão para se casar. (Dona Eunice).

Pela fala acima, observa-se que à medida que o tempo passa, os costumes mudam, as relações familiares sofreram mudança, as mulheres adquiriram maior liberdade até, já podem escolher o tipo de vida que desejam.

Assim, conforme vão trabalhar nas cidades, têm oportunidade de conhecer outros costumes e viver novas experiências, como por exemplo, ganhar seu próprio dinheiro, a partir daí o pai já não tem tanto poder sobre ela, não precisam mais fiar para vestir ninguém, tornam-se mais independentes.

As meninas que saem daqui para trabalhar fora, só querem voltar para passear, pois na cidade é diferente do jeito de viver daqui, aqui a mulher trabalha muito e o homem não ajuda, agente é que ajuda eles na roça, quem vai trabalhar na cidade não quer mais viver aqui no a roça. Este trabalho de roça e muito pesado (Dona Eunice).

Atualmente, existe diferença entre a forma de viver e ver a vida da mulher kalunga mais velha e/ou a das que permanecem no quilombo e das jovens que saem para trabalhar na cidade. As jovens gozam de “liberdade” que não era possível às mais velhas. Dona Nicácia ao falar das diferenças, cita o seu exemplo, e nos conta como conheceu e casou com o seu marido,

Eu não queria casar com meu marido, então eu falei que casava, mas não vivia com ele, e casei, mas não vivi. Eu não tenho um mau coração de pensar nada ruim para alguém, com isso meu coração é limpo. Depois que eu larguei dele, fui viver a vida trabalhando e tocando minha vida (Dona Nicácia)

D. Lourença passou por experiência parecida de não escolher o marido.

Uê ele era daqui, e naquele tempo era assim, nem que a pessoa não quisesse, falasse que o homem era bom pá trabalhar, aí a coitada fia ta casando. (D. Lourença)

Diante dessas alterações na rotina das mulheres e na dinâmica interna das comunidades, fica evidente a existência de um choque cultural entre o velho e o novo, em virtude do contato com as cidades. Contudo, existem algumas tradições que têm resistido, gerando embates de opiniões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher kalunga Além de ser acolhedora parece carregar no olhar uma cumplicidade com tudo que a envolve. Um olhar já expressa a seus familiares o que ela quer dizer. Em nossas conversas quase sempre dizem não saber falar das coisas do passado e de seus antepassados. Nenhuma das interlocutoras se referiu à sua história pregressa que reporta à escravidão, mesmo desconhecendo parte de suas origens, todas reafirmam com orgulho a pertença ao quilombo Kalunga que, para elas, é formado de sacrifício e luta pela sobrevivência. Contudo, conseguimos estabelecer um vínculo de confiança, assim, elas muitas vezes pareciam desabafar quando falavam de sua situação atual ou do passado, trazendo sempre uma história de lutadoras, trabalhadoras e vencedoras.

Em suas falas, foi possível observar frases que poderiam ser direcionadas aos políticos por serem muitas vezes carregadas de reivindicações. Ao falarem do trabalho, se referiam às difíceis condições que enfrentavam: *“A vida aqui é muito dura e difícil...”*,

Seu lugar na comunidade encontra sentido a partir de uma tripla dimensão: - na casa, considerada pela comunidade lugar central, onde ocorrem as principais relações familiares ela domina esse espaço; - Nos espaços sagrados, locais onde acontecem os festejos, onde se dão as maiores socializações e vivências socioculturais, pois são as principais responsáveis pelas rezas, comidas e ornamentos, cuidam de tudo e na cura dos males, já que são as conhecedoras de ervas medicinais, chás e dos principais benzimentos de proteção e cura de doenças.

É comum encontrar em suas falas expressões do tipo: “aprendi esta reza ou este benzimento com meu avô ou meu pai”, quase sempre foi uma figura masculina quem as ensinou, o que leva a crer que não foi sempre assim, como é hoje e que, se os homens ensinavam, era porque eles detinham esses conhecimentos que, em dado momento, foi passado às mulheres.

O dia a dia da mulher Kalunga é dividido entre as atribuições domésticas, como: amamentar, cuidar dos filhos, da limpeza da casa, do marido, dos chás, e do preparo da

comida. Em suas falas todas comentaram do trabalho na roça, entretanto, por ser uma época de seca não foi possível acompanhá-las na realização das tarefas da roça, atividade tão significativa em suas vidas, o que muito foi comentado em nossas conversas.

O dia-a-dia da mulher kalunga é, ela levanta, faz o desjejum, lava a louça, faz o almoço, limpa a casa, se for no tempo da roça ela vai para a roça ajudar o marido, panhar garrancho, capinar, quando chega em casa vai socar arroz no pilão para cozinhar e de noite vai fiar⁵ para fazer cobertas e roupas, as mães sempre chamam as filhas para esta atividade, a minha dizia: vambora fiar meninas. (TEODORA).

Eunice e Teodora expressam bem sua compreensão a respeito do lugar da mulher em sua comunidade:

As mulheres são todas donas de casa e precisam cuidar dos filhos e da casa, mas isso não significa que não ajudam também os homens na roça. Lá na roça elas fazem de um tudo junto com os homens. A menina kalunga desde cedo aprende com a mãe a ser dona de casa, aprende a fazer o trabalho pesado, ajudar a família. Com 6 anos aqui você já sabe fazer quase tudo em casa. A mãe ensina que não pode sentar de qualquer jeito, vestir curto e nem ficar com umbigo de fora. (Eunice).

É nas águas, de outubro para novembro, até dezembro, abril tá colhendo, agora neste tempo das secas elas vão relar mandioca para fazer farinha né e cuidar da casa e fazer as coisinhas delas mesmo, às vezes dá uma idinha na rua também, vender a farinha lá, comprar alguma coisinha na rua, mas elas não ficam lá. Todas as mulheres kalunga trabalham, todas, todas, todas. (TEODORA).

Esta visão é compartilhada inclusive pelos homens do quilombo. Segundo Tico, morador, de uma das comunidades:

A mulher Kalunga aqui é o seguinte, é uma mulher guerreira. Ela sabe enfrentar o serviço de casa pra dizer melhor, ela enfrenta a roça, né? Muitas delas enfrentam o campo que é pegar gado, tirar leite, então, ela vai caminhando junto com o homem, lava roupa, costura, a mulher Kalunga aqui é tudo. (TICO).

Atualmente a autoridade e manutenção da família estão divididas entre homem e mulher, porém, o homem ainda carrega o papel de provedor. Entretanto, em conversas

com algumas mulheres, percebe-se, que essa situação está mudando. No passado, as mulheres não iam à cidade, cabendo aos homens a tarefa de fazer as compras, os negócios e as atividades externas, atualmente esta relação mudou.

Hoje, homens e mulheres têm mais acesso às cidades e vice-versa, a presença dos moradores das cidades no quilombo já se tornou comum, principalmente nas festas. Em função dessa interação a dinâmica interna do quilombo tem mudado.

Percebe-se, portanto, que resguardadas as devidas proporções, a rotina da mulher kalunga em muito se assemelha à de outras mulheres moradoras de outras zonas rurais. Entretanto, a mulher 'não-kalunga'⁴⁷, embora também enfrente dupla jornada de trabalho, conta com a interferência mais específica do Estado em suas vidas e uma melhor assistência como mulher, uma vez que tem maior acesso às políticas e serviços públicos.

A mulher Kalunga tem uma atuação religiosa importante e é responsável por manter e perpetuar as tradições (rezas, benzimentos, crenças, orações, danças, etc...). Nas festas que se realizam no quilombo ela desempenha importantes funções. É a responsável pelos principais preparativos, desde a saída de sua casa, selecionando o que deve ou não levar, uma vez que vão ficar vários dias fora até o término da festa. Também se encarrega da ornamentação das festas (novenas), sendo delas a incumbência de cuidar do altar, arrumar os santos, enfeitar a bandeira, chamar para as novenas, tirar a reza e o papel de promesseiras, o que não significa que os homens não façam promessas. A presença feminina é indispensável na hora da dança da sussa, evento que precisa da mulher como instrumentista. São elas que batem nas tampas das bruacas⁴⁸ e produzem os sons que são também por elas dançados. Observa-se assim que a mulher é fundamental para a manutenção da identidade cultural dos Kalunga, pois nada ali acontece sem a sua participação.

⁴⁷ Utilizo esse termo para diferenciar mulheres do Quilombo Kalunga das demais mulheres que vivem em contextos diferentes, sejam elas urbanas ou rurais.

⁴⁸ Bruaca ou Buraca é um caixote de couro, semelhante a uma mala. É utilizada para transporte nos cargueiros e usadas como instrumentos tocados na dança da sussa. (informação obtida em campo).

Desta forma, reconheço a mulher Kalunga sendo constantemente transformada e transformando. De um lado, as mais velhas representam o tempo de “antigamente”, da vida difícil, da produção artesanal, das rezas e benzimentos, do aprendizado transmitido oralmente de geração a geração, fazendo parte de um cotidiano, cujas relações se davam apenas entre os moradores do quilombo Kalunga. Embora saudosistas percebem a existência de mudanças, pois, “*hoje as meninas que saem para trabalhar fora escolhem seus maridos, casam menos e não existe mais essa pressão para se casar*”. Mas, por outro lado, as mais jovens representam o tempo atual, do contato com as cidades, da crise da transmissão de conhecimentos, da continuidade das tradições, da aquisição de novas realidades, novos padrões e uma vida feminina com maior liberdade quanto à independência e às próprias escolhas. Assim, as jovens vão às cidades tomam contato com determinadas culturas e vivem outras experiências que as tornam mais independentes.

Quanto mais investiguei seu papel na comunidade, mais me dei conta de quão rico e complexo é esse universo. Em função disso, concluo que minhas inquietações a respeito do lugar da mulher no quilombo Kalunga continuam abertas. Sua história precisa ser retomada, reescrita, analisada e interpretada. Muito se tem ainda a descobrir sobre as posturas e relações estabelecidas por essas mulheres que tanto contribuem para a formação étnico-racial dos moradores deste quilombo.

REFERÊNCIAS

- ANTONIL, A. J. *Cultura e Opulência do Brasil*. 3ª edição: São Paulo, Editora da Universidade de São paulo, 1982.
- ATTUCH, I. M. *Conhecimentos Tradicionais do Cerrado: Sobre memórias de Dona Flor, raizeira e parteira*. Dissertação (mestrado), Universidade de Brasília - Instituto de Ciências Sociais, 2006.
- AMADO, LFLC. *Da opressão à resistência*. IN: O Brasil também é negro. MOLINA, SFL e RASSI, S.T. *Goiânia - Go: UCG, 2004*.
- BAIOCCHI, M. N. *Negros do Cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____, *Kalunga*. Liberdade e cidadania. *Revista do ICHL, UFG, ICHL, Goiânia, v.4, n. 2 julh / dez. 1984*.
- _____, *Calunga* - Universo Cultural. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. V 11 Goiânia: IHGG, Janeiro de 1986.
- _____, *Kalunga* - estórias e textos. Goiânia, SEEG, 1991
- _____, *Kalunga*. Povo da Terra. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- BARRETO, N. R. *Revolução Quilombola - Guerra Racial, Confisco Agrário e Urbano Coletivismo*: Artpress, 2007.
- BERTRAN, P. *Trajetos cruzados da história de Goiás*. In *Goiás 1722 - 2002*. Goiás: Grafsafrá: 2005.
- BOAS, F. *Antropologia Cultural*. (Trad. CASTRO, C) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL - Constituição da República Federativa. COAD - São Paulo, 1988.

BRASIL - *Uma História do Povo Kalunga*. Ministério da Educação e Cultura - MEC / SEF, Brasília, 2001.

CARRIL, L. *Terras de negros: herança de quilombos*. São Paulo: Scipione, 1997.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

WOLNEY C. *Eu Kalunga*. São Paulo: Livro Pronto, 2006.

DURKHEIM, E. *As Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 4^o ed. São Paulo: EDUSP/ FDE, 1996.

FERREIRA, ABH, *Novo dicionário Aurélio*. Bid. Curitiba: Positivo, 2004.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 51^a ed. São Paulo: Global, 2006.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____, *O saber local*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GUALDA, DMR. *A experiência, o significado e a realidade da enfermeira obstetra: um estudo de caso*. (livre-docência) Escola de Enfermagem da USP, 1998a.

HAGUETTE, TMF. *Metodologias qualitativas na sociologia* 4ed. Metrópolis: Vozes, 1998.

IHGB arq. *Ofício de Luiz da Cunha Menezes a Martinho de Mello e Castro*. Vila Boa, 8 de julho de 1780.

JATOBÁ, D. *A Comunidade Kalunga e a Identidade da estado: da Invisibilidade a Identidade Política*. Dissertação (mestrado), Dan, UNB, 2002.

JUCÁ, L.N. *Relatos de vivências* IN: JUCÁ, L, KOULIN, N (Org). *Parindo um mundo novo: JANETE Capibaribe e as parteiras do Amapá*. São Paulo: Cortez, 2002

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia* (Trad. NEVES, Paulo), França: Eletrônica Ricardo Assis, 2003.

MATTOSO, K. Q. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MEIHY, JCSB. *Manual de História Oral 2ed*. São Paulo: Loyola, 1998.

MINAYO, MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MOURA, C. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOTT, MLB. *Submissão e Resistência, a Mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África, dezembro / fevereiro 95 / 96
São Paulo: Revista USP, 1995.

OLIVEIRA, MI. (Informante). Secretária da Superintendência de Promoção e Igualdade Racial de Goiás. Entrevista concedida em 2005.

PEIRANO, M. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

POUTIGNART, P. e STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. (Trad. FERNANDES, Elcio) São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998

RAMOS, A. *O Negro na civilização Brasileira*, Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Carioca LTDA. 1956.

REIS, J.J. e GOMES, F.S. *Liberdade por um fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, J.J. *Quilombo e revoltas escravas no Brasil*. dez/fev, 95/96. Revista da USP.

REIS, L. M. & BOTELHO, A. V. *Dicionário histórico Brasil*. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.

ROCHA, L. M. *O Estado e os Índios: Goiás 1850 -1889*. Goiânia: UFG, 1998.

SANTOS, F. *Liberdade por um fio - História dos Quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Uma história do Povo Kalunga*, MEC, SEF, Goiás: 2001.

SILVA, A.V. M. *Kalunga: Identidade étnica de uma comunidade remanescente de quilombo*. Trabalho de Monografia 1999.

SILVA, M. J. *Quilombos do Brasil Central: Violência e Resistência Escrava*, Goiânia: Kelps, 2003.

SIQUEIRA, T. T. *Do tempo da Sussa ao Tempo do Forró, música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás*. Dissertação (mestrado), UNB, 2006.

SOARES, A.A. *Cidadania Kalunga*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiânia: 1993.

SENA, S. C. *De sertões e sertanejos*, In: GOIÁS 1722 - 2002: Edições Bilíngüe.

SCHUMACHER, S. e BRASIL, V. E. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional: 2007

_____, *Dicionário Mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2000.

TOMPSON, J. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KARASH, M. *Os Quilombos do ouro na capitania de Goiás*, In: REIS, J. J. e GOMES.

Site: <http://www.transportes.gov.br/bit/estados/port/go.htm>. Acesso 12/01/2008

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAIOCCHI, M. N. *Kalunga e Barreirinho*: Mi-soso, Malunda, Ji-sabu, Ji-nongongo, Mi-embú, Maka. Comunicação apresentada a XX Reunião da ABA e I Conferência sobre relações étnicas e relações raciais na América latina e caribe. Salvador: 1996

BRANDÃO, C. R. *A festa do Santo Preto*, Goiânia - Go. Ed. Da UFG. 1985.

CAVALCANTI, M. S. L. *Gosto de ser mulher: representação de sexualidade feminina em uma comunidade rural*. (tese) Ribeirão Preto. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, 1998.

CONSORTE, J.G. *Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo*. IN: Faces da Tradição Afro-Brasileira. Salvador: 1983.

_____, A questão do negro: Velhos e novos desafios. Revista São Paulo em perspectiva. Vol. 5, nº1 janeiro / março. Fundação Seade, São Paulo: 1991.

_____, *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COSTA, A. O. e BRUSCHINI, C. (orgs). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DEL PRIORE, M. *Festa e utopias no Brasil colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GABEIRA, F. *Macho masculino, homem*. Porto Alegre: L&M Editores, 1986.

GATTAZ, AC. *Braços da resistência: anti-franquistas em São Paulo: história oral da imigração espanhola* (dissertação), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1995.

JUNIOR, V. C. S. Relatório do XIV encontro do grupo Agbara. São Paulo, 1996:2.

_____, Patrimônio Cultural Afro-Brasileiro. Revista Palmares. Ano 1 nº2, Fundação Cultural Palmares / MinC 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. *Estruturas elementares de parentesco*. São Paulo: Vozes, 1982.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NEIVA, ATS. *Introdução a antropologia Goiânia: Gráfica*

OLIVEIRA, RP. de. *Os arturos: unidos pela festa*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2005.

PALACIN, L. *Sociedade Colonial 1549 a 1599*. Ed. UFG. Goiânia 1981.

PANTOJA, S. e SARAIVA, JFS. (organizadores) *Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Art Line, 1998.

RASSI, S.T. *Diversidade Cultural, In: O Brasil também é negro*. MOLINA, SFL e AMADO, LFLC., *Goiânia - Go: UCG, 2004*.

RODRIGUES, J. *O Infame Comércio*. Ed. UNICAMP, CECULT, 2000.

SAFFIOTI, H. I. B. *Mulheres espancadas: fenômeno invisível*. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. *O poder do macho*, São Paulo: Moderna, 1993.

SILVA, E. *As Camélias do Leblon e a abolição da escravatura*. São Paulo. Schwarsz LTDA, 2003.

STREY, M. N. *Violência de gênero: um casamento que tem tudo para dar certo*.

GROSSI, P.K. e WERBA, G.C. (orgs). *Violências e gênero: coisas que a gente nao gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

KUPER, A. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Pinheiros - Bauru, SP. EDUSC, 2002.

VENTURI, G.; RECAMÁN, M. e OLIVEIRA, S. de. (orgs.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. 1ª ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

ANEXOS: FOTOS

Anexo I: Mulheres Kalunga



Figura 1: Mulher Kalunga.

Fonte: GODINHO

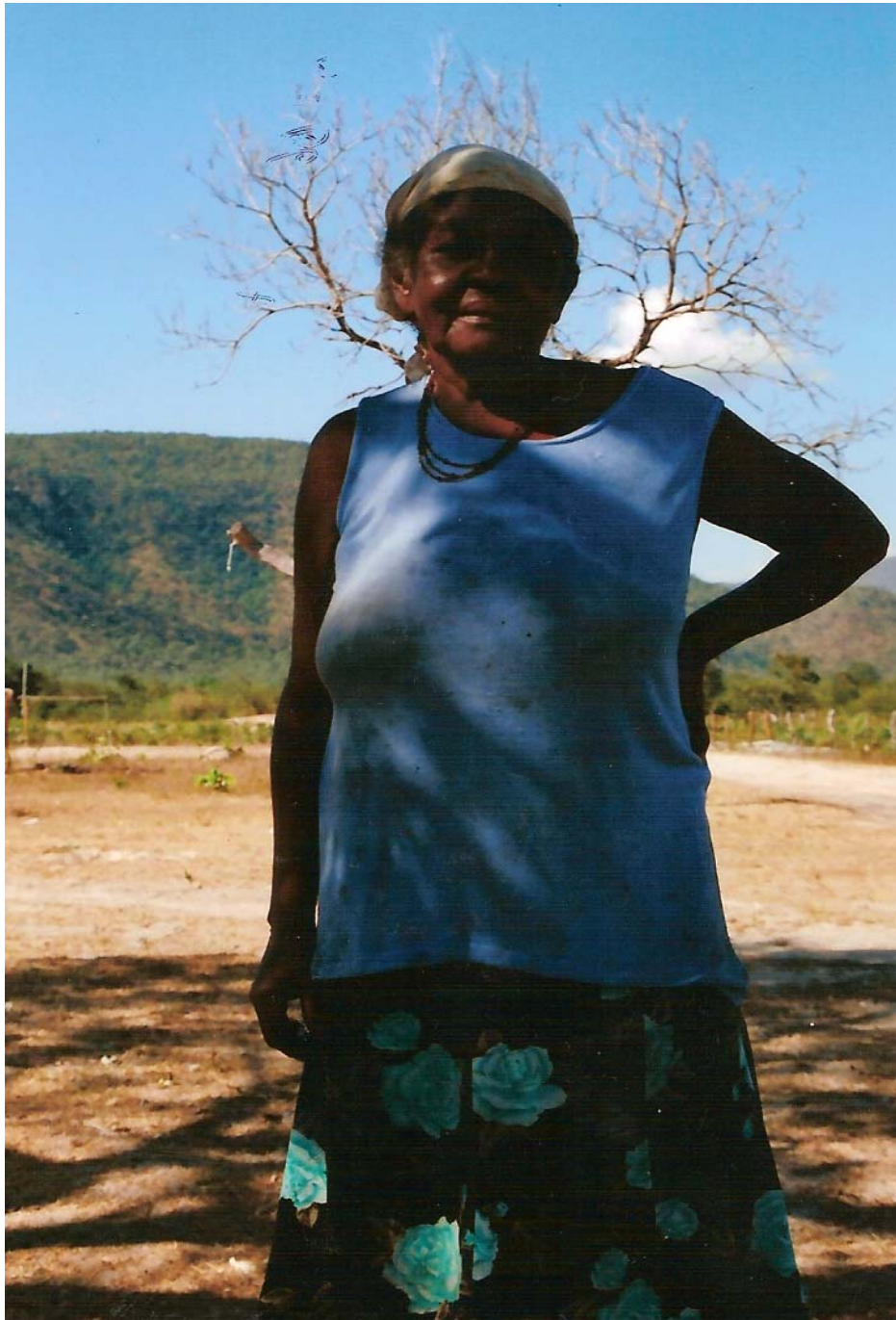


Figura 2: Mulher Kalunga

Fonte: GODINHO



Figura 3: Mulher Kalunga

Fonte: GODINHO



Figura 4: Mulher Kalunga

Fonte: VINÍCIUS



Figura 5: Mulher Kalunga

Fonte: MILKI



Figura 6: Mulher Kalunga

Fonte: GODINHO



Figura 7: Mulher kalunga

Fonte: VINÍCIUS



Figura 8: Mulheres Kalunga

Fonte: GODINHO



Figura 9: Socando arroz no pilão

Fonte: GODINHO



Figura 10: Mulheres Kalunga

Fonte: GODINHO

Anexo II: Moradias



Figura 11: Moradia do quilombo kalunga

Fonte: GODINHO



Figura 12: Moradia do quilombo kalunga

Fonte: GODINHO



Figura 13: Moradia do quilombo kalunga

Fonte: GODINHO

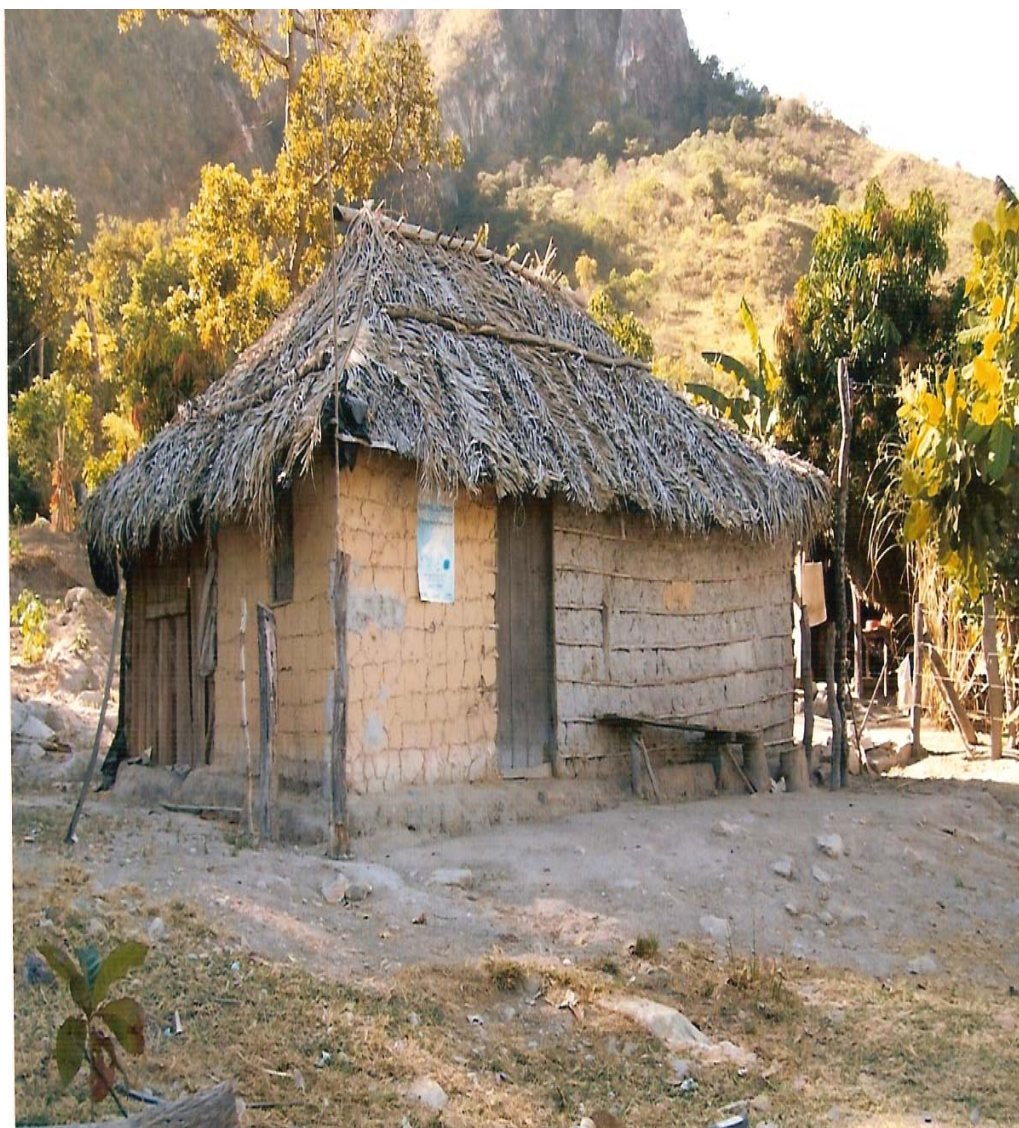


Figura 14: Moradia do quilombo kalunga

Fonte: GODINHO

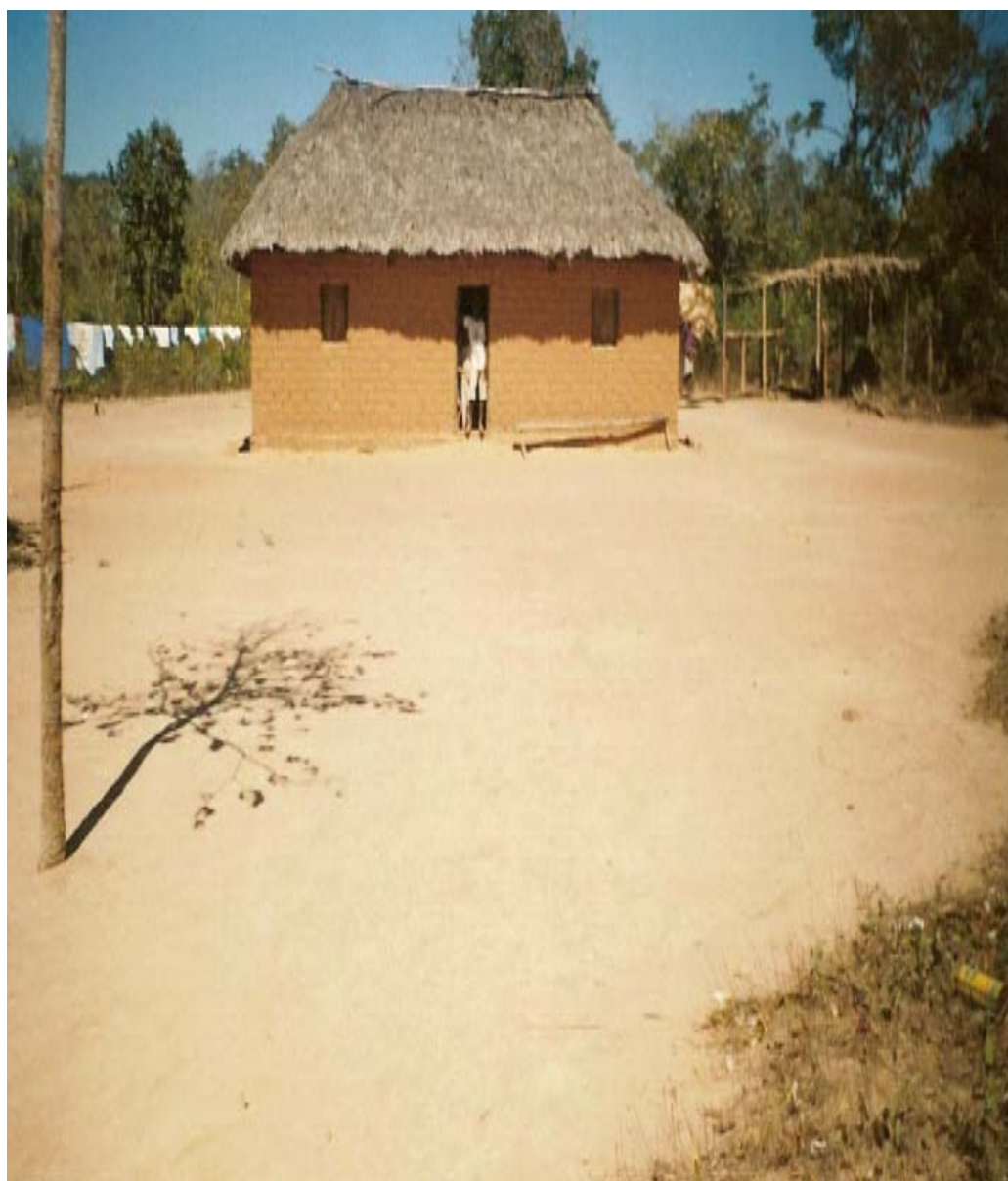


Figura 15: Moradia do quilombo kalunga

Fonte: GODINHO



Figura 16: Moradia do quilombo kalunga

Fonte: GODINHO

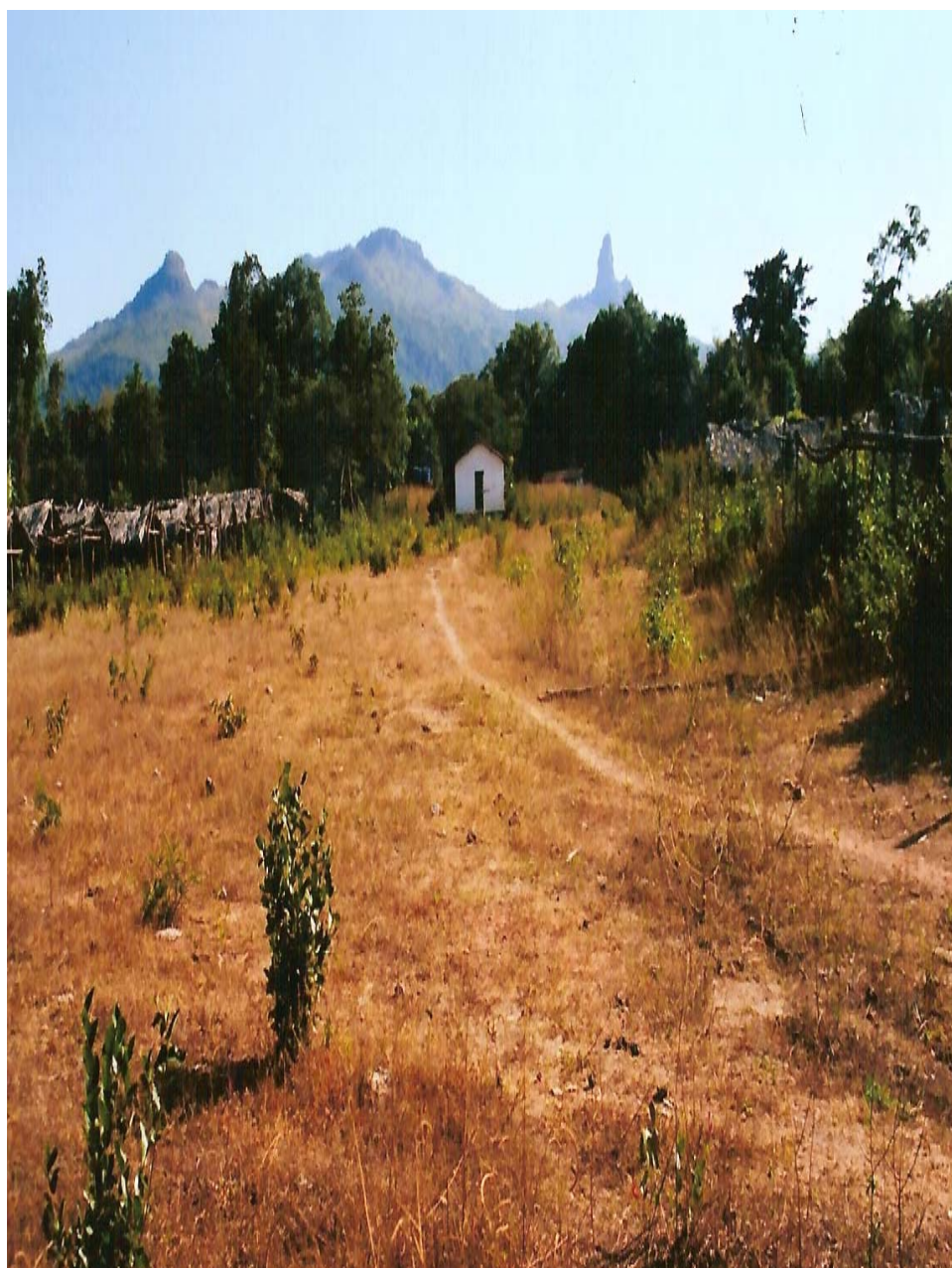


Figura 17: Capela ladeada de ranchos no Vão do Muleque
Fonte: GODINHO



Figura 18: Ranchos no Vão de Alma

Fonte: VINÍCIUS



Figura 19: Ranchos feitos para abrigar as famílias no período das festas.
Fonte: GODINHO

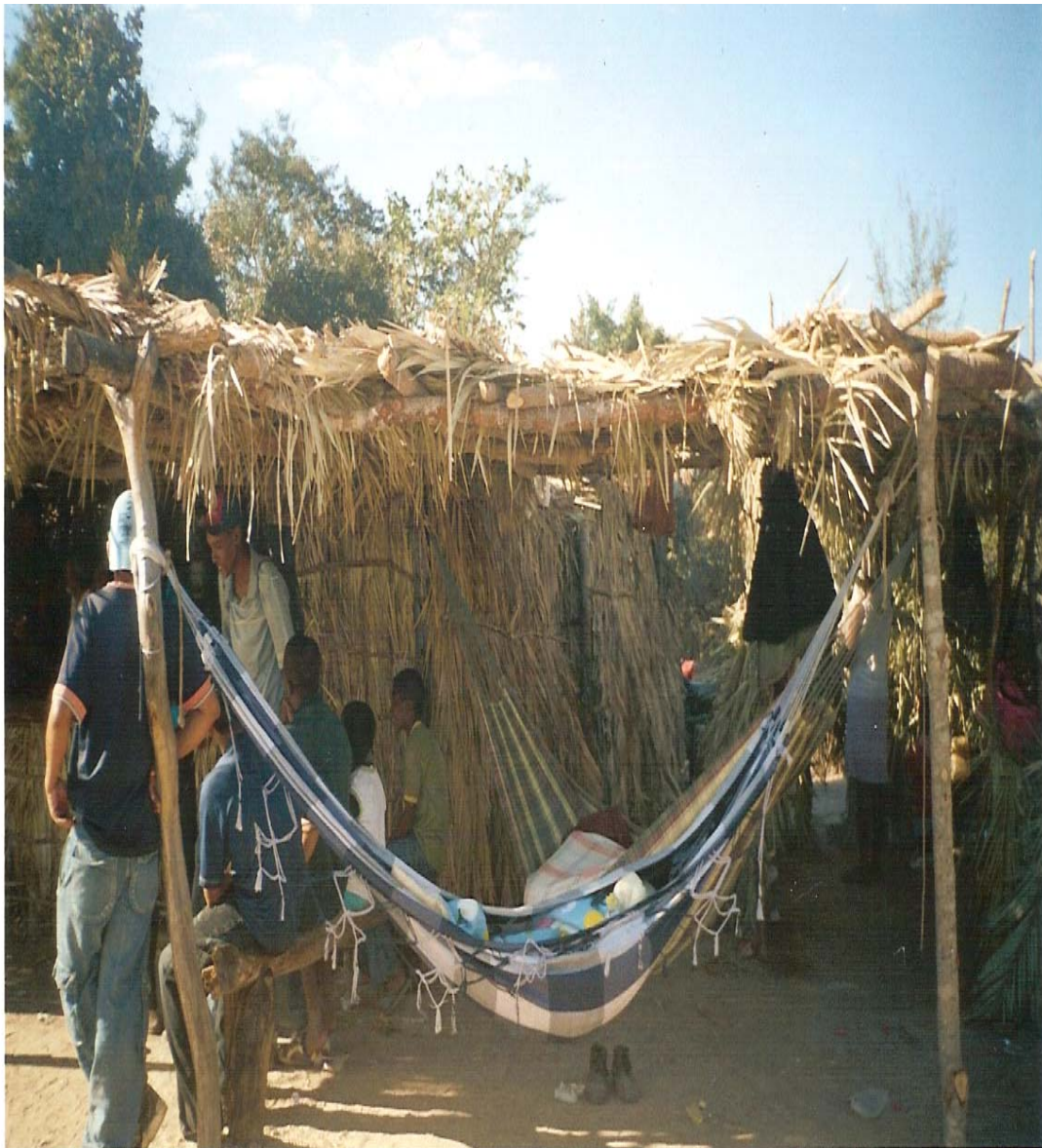


Figura 20: Parte externa de alguns ranchos

Fonte: GODINHO



Figura 21: Parte interna de um rancho onde é guardada a comida da festa.
Fonte: VINÍCIUS



Figura 22: Ranchos na festa da Salina

Fonte: CONCEIÇÃO

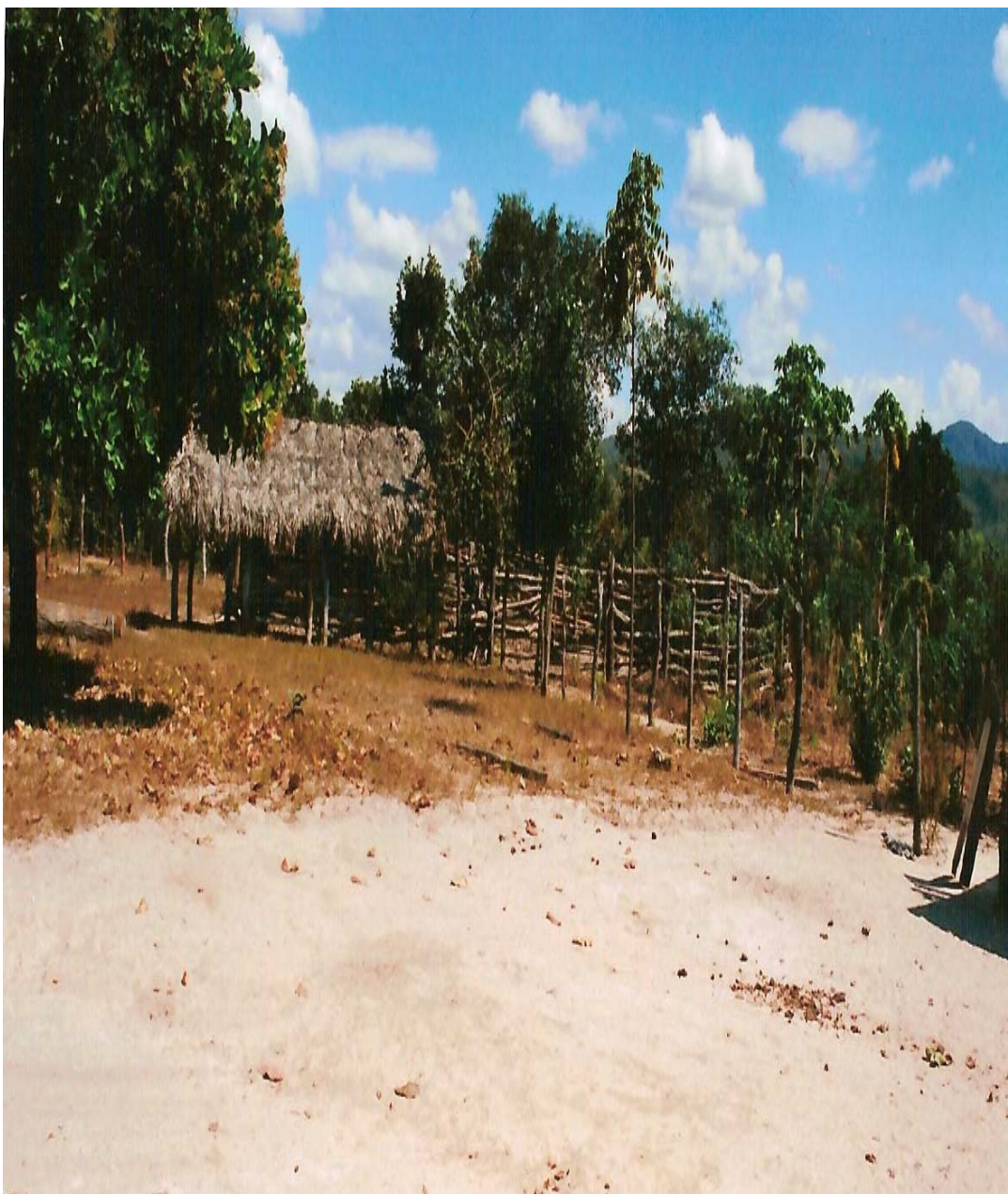


Figura 23: Rancho e parte do terreiro

Fonte: GODINHO

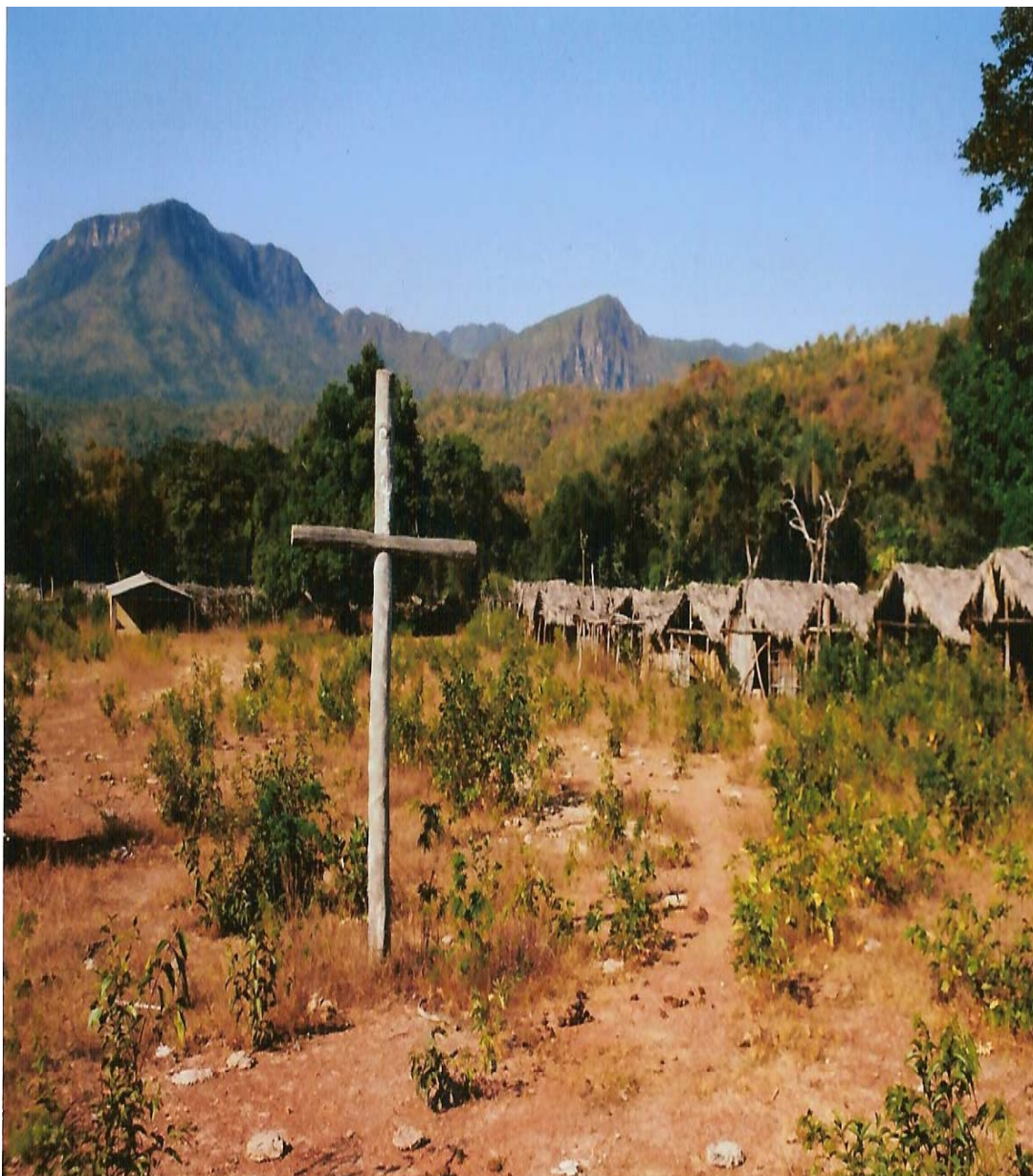


Figura 24: Espaço sagrado ladeado de ranchos

Fonte: GODINHO

Anexo III: Rios

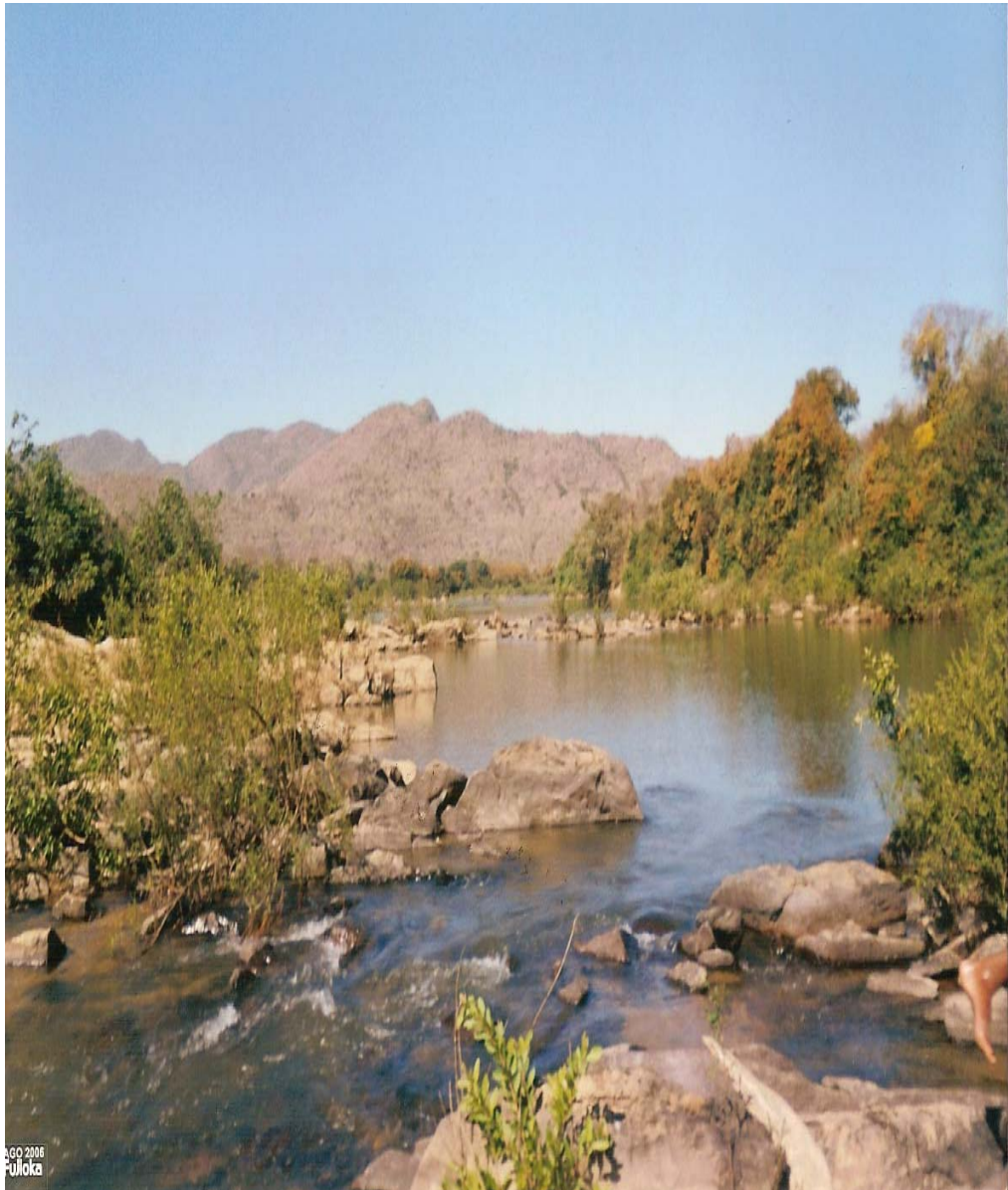


Figura 25: Rio Corrente

Fonte: VINICÍUS



Figura 26: Rio Prata

Fonte: VINÍCIUS



Figura 27: Rio Paranã

Fonte: VINÍCIUS



Figura 28: Rio Corrente

Fonte: VINÍCIUS



Figura 29: Rio Prata

Fonte: SANTINO

Anexo IV: Igreja



Figura 30: Igreja de um dos espaços sagrados

Fonte: VINÍCIUS

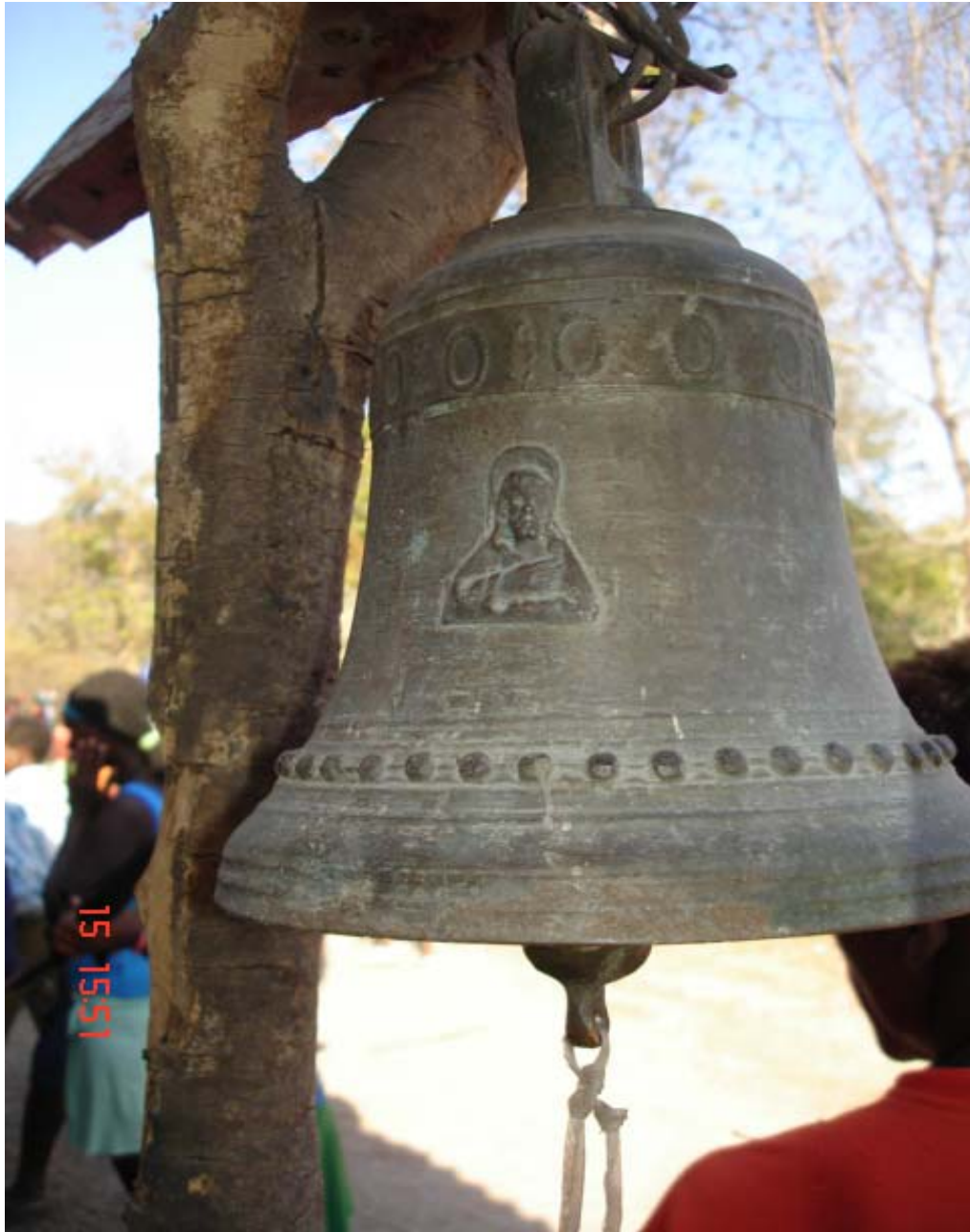


Figura 31: Sino do espaço da festa

Fonte: VINÍCIUS